



✓ 17866

313 c 32



Vet. Port. III B. II



UM ANNO NA CORTE.

UM ANNO NA CORTE.

POR

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA PELO AUCTOR.

TOMO III.



PORTO

EM CASA DA VIUVA MORÉ — EDITORA,

PRAÇA DE D. PEDRO.

A mesma casa em Coimbra,
Rua da Calçada.

Casa de Commissões em Paris,
2^{bis}, Rua d'Arcole.

1863.

TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Rua do Almada, 641.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXIX.

APPARIÇÃO.

Era ainda noite cerrada, acabavam de dar cinco horas no relógio do palacio real de Salvaterra, e Luiz de Mendonça já estava a pé.

O moço fidalgo passeava rapidamente de um para outro extremo de uma sala immensa; e só de tempos a tempos parava para se approximar da larga chaminé, onde ardia um tronco de pinheiro com chamma viva e brilhante.

O vento soprava em contínuas rajadas, fazendo estalar as janellas e zumbindo pelas fendas das portas com um som agudo e triste. Fóra ouvia-se o ramalhar das arvores sacudidas pelo vento, o ciciar do matto varrido

pelo furacão, o bater da chuva cahindo em torrentes, e a agua dos brejos, que se haviam tornado em vastas lagoas, correndo em ruidosas catadupas para se ir confundir com as aguas do Tejo.

Os mil ruidos da tempestade formavam um temeroso concerto, a que os latidos e uivos das matilhas, fechadas nas cavaliças reaes, davam um character lugubre e phantastico. As grossas gottas, que, infiltrando-se por entre as telhas mal juntas do telhado, cahiam a espaços eguaes no ladrilho da sala, parecia quererem marcar o compasso áquella orchestra extravagante. Luiz de Mendonça escutava, por instantes, os rugidos da tempestade com pavor. Na solidão, nas horas funebres da noite, quando tudo que vive parece calar-se na superficie da terra para deixar mais poderosa e livre a natureza, ou soltar apenas longos gemidos de angustia, a alma do homem, ainda quando os padecimentos, as magoas, as desillusões a tem robustecido, não póde eximir-se ao susto, ou antes á influencia poderosa das supersticiosas recordações da infancia.

A fantasia do solitario mancebo vagava desvairadamente pelas recordações e pelas esperanças: pelo passado e pelo futuro da vida. Ora se lhe figurava ver diante de si, graciosa, ligeira, com os olhos a luzirem-lhe como estrellas, os cabellos soltos em profusos aneis, e um sorriso de amor a deslizar-lhe nos beiços, a bella cigana Aza, por quem elle sentira os fogosos ardores da primeira paixão; ora lhe parecia ver sahir das aguas de um mar tempestuoso cadaver hirt e hedion-

do, que, ao fitar n'elle os olhos envidraçados, lançava do peito um grito cavo, lugubre, prolongado, que por fim se confundia com os bramidos do vento. Depois, estas tristes phantasmagorias desvaneciam-se; e Luiz de Mendonça sentia-se transportado á um camarim sumptuoso, e ahi, de joelhos aos pés da rainha, com o coração a pular-lhe no peito de alegria, beijava as mãos alvas e graciosas de que elle vira, no dia da toirada real, desprender-se aquelle lenço de finissima cambraia, seu unico thesouro agora.

Então elle tirava do seio o lenço que a rainha lhe dera, e beijava-o, unia-o ao coração, orvalhava-o de lagrimas com vivos transportes de alegria; ardentissimas expressões de amor.

Subitamente lhe parecia ouvir uma gargalhada fria e desdenhosa; e a voz da rainha, sonora é vibrante, dizer: — Lauzun é um dos mais galantes cavalheiros da França.

Logo depois, como para lhe suavisar o amargor de tão pungente magoa, passava-lhe na imaginação escandecida a suave, a casta, a candida imagem de Thereza; melancolica como a saudade, terna e affavel como a amizade.

Mas aquella noite de vendaval mais era para imaginações pavorosas que para branduras e alegrias. Os rugidos do vento, e o marulho das torrentes, influíam profundamente no espirito do moço fidalgo: e por isso a cada ideia fagueira, que tinha, se associava logo outra ideia triste ou temerosa! A lembrança de Thereza

trouxe-lhe logo a fatal recordação do amigo assassinado.

Luiz de Mendonça estava ainda scismando na sorte funesta de Francisco d'Albuquerque, n'aquelle amor irresistivel que o levara a uma morte prematura, n'aquelle desaparecimento do Córte-Real ainda não explicado, quando sentiu tres ou quatro pancadas rijas, dadas em uma porta da sala que deitava para a praça do Palacio.

Aquellas pancadas inesperadas fizeram-lhe um estranho sobresalto. Eriçaram-se-lhe os cabellos, e a mão estendeu-se involuntariamente para o canto da casa onde estava encostada a espada. Porém, reflectindo melhor, sentiu que era uma deshumanidade deixar á chuva e ao frio quem batia, talvez para pedir soccorro. Correu á porta; abriu-a rapidamente: mas, quando deu com os olhos no homem que entrou de pulo na sala, recuou espavorido, e foi-lhe preciso encostar-se á parede para não cahir redondamente no chão.

— Jesus, Maria! — murmurou Mendonça.

— Que noite infernal, meu caro amigo! — exclamou Francisco d'Albuquerque; porque era elle quem causara tão grande terror a Luiz de Mendonça. — Julguei que ficava afogado ahi n'esse Tejo. Mas escapei; e posso felizmente abraçar-te.

Mendonça hesitou um instante; vendo, porém, o capitão diante de si, vivo, bem vivo, a rir e a escorrer em agua, deu dois passos para elle.

— Dá-me um abraço, anda.... que estou com saudades de apertar n'estes braços um amigo.

— Pois tu não morreste?

— Bem vês que não — disse Francisco, rindo e deitando sobre uma cadeira o capote molhado que trazia, fechando a porta, e approximando-se do lume. — Não morri. E se queres ter d'isso um bom desengano, dá-me alguma coisa que se coma, se ha.

Envergonhado do terror que mostrara á vista do seu amigo, Mendonça por fim approximou-se d'elle, abraçou-o com sincera alegria, e correu depois a buscar-lhe uma perdiz assada, um pão e uma borracha de vinho que tinha n'um armario.

— Com que, julgaste-me morto? — perguntou Francisco d'Albuquerque, sentando-se para comer. — Pois é verdade. Estou morto, perfeitamente morto.

— Estás morto, mas fazes bem pela vida — acudiu Mendonça, sentando-se ao lado do capitão, e pondo-lhe a mão no hombro, como para se desenganar de que não era uma apparição que tinha diante de si.

— Estou morto para o mundo, para todos, excepto para Margarida, para o padre Manuel Fernandes, e agora tambem para ti.

— Cedo resuscitarás. Voltas para o serviço do senhor infante?

— Não. Volto para o paraizo, d'onde vim para te salvar a vida.

— Vieste do paraizo para me salvar a vida?

— Para te salvar a vida, que está em grande risco. Viram-te sahir do paço, pela portaria das damas...

— Fui lá com um recado de sua alteza.

— Não te pergunto a que lá foste, não o quero saber — acudiu o capitão com um sorriso.

— Ai, não penses, Francisco, não penses que sou feliz. O vaticínio da excommungada bruxa, da maldita cigana Zaída, vai-se cumprindo. O meu amor cada vez é maior; e ella...

— Isso em ti é uma loucura. Que podias tu esperar, quando pozeste a mira tão alto, senão penas, sofrimentos, dores d'alma sem remedio?

— Mas ella...

— É rainha.

— Tem olhos...

— Que só vêem o que está tão alto como ella.

— Que descem ás vezes tambem. A rainha tem olhos para ver, e coração para amar simples fidalgos, em cujas veias não corre sangue real.

— Que dizes? O amor fez-te enlouquecer!

— Olha, Francisco d'Albuquerque — prorompeu Mendonça, com um gesto nobre, e deitando para traz a cabeça, como se quizesse sacudir uma ideia que o atormentava — olha: eu bem sei que este amor é uma loucura que me ha de custar a vida talvez, e que nunca hei de ser correspondido... que nem sequer hei de escutar uma palavra de commiserção. Tenho a alma temperada por desgostos, por desenganos amargos; conheço o mundo e a vida. Mas para vencer este amor não tenho forças em mim. Hei de inorrer com elle.

— Bem se vê que estás namorado devéras.

— Estou, e sem esperança. A rainha já amou;

mas o homem que ella amou, um fidalgo francez, o duque de Lauzun, não soube apreciar a sua ventura... não quiz o amor d'essa mulher divina.

— Como soubeste?...

— Ouvi-o, não te posso dizer como, ouvi-o da propria boca da rainha.

— Então deves ter esperança. Já vês que o seu coração não é de pedra.

— Já teve coração de mulher — acudiu Luiz de Mendonça: — mas agora tem coração de rainha. A rainha... não repitas a ninguem o que te vou dizer...

— Estou morto, e os mortos não fallam.

— A rainha só pensa em se engrandecer. Quer dominar tudo aqui: e ha de conseguil-o, porque tem alma para isso.

— E tu amal-a tanto, conhecendo-a assim?

— Já te disse que este amor é uma sina má, que me arrasta ao abismo. Sinto-o, sei-o de certo: mas não lhe posso resistir.

— Ambos nos perderemos pelo amor.

— Ah! Não me contaste ainda esse milagre da tua resurreição — interrompeu Mendonça. — Sou um egoista, que só penso e só fallo de mim. Conta-me, conta-me tudo.

Então Francisco d'Albuquerque contou longamente, ao seu amigo, a historia dos seus amores com a Calcanhares, e a resolução em que estava de fugir com ella. Quando acabou de fallar já era dia claro.

CAPITULO XL.

O JOGO DAS CANNAS.

O sol era esplendido e o ceo de um azul vivo e luminoso, o ar fresco corria brandamente por entre os ramos das arvores despojados de folhas. As avesinhas do campo pulavam sobre as arvores e as estevas, lançando de quando em quando um gorgueio de alegria, como se sentissem approximar-se o tempo das flores. Era um dia de inverno, mas d'aquelles que excedem em formosura os mais perfumados dias de primavera.

A uma das janellas do palacio real de Salvaterra estava a rainha D. Maria Francisca. Um justillo de velludo violeta realçava-lhe a alvura do pescoço, que se entrevia atravez de finissimas rendas; os cabellos cahiam-lhe com profusão, aos lados das faces, em aneis, a que se entretecia um tenue fio de perolas. Os olhos da gentil princeza, fitos na esquina do palacio,

pareciam esperar impacientes por alguém : de momento a momento batia com a mãosinha branca e mimosa no parapeito da janella, e depois, voltando-se para Ninon d'Amuraude que estava de pé por detraz d'ella, exclamava : — Ainda não vem !

De repente entrou na praça do palacio, que estava preparada para n'ella se correrem cannas, o infante D. Pedro montado n'um brioso cavallo branco. D. Pedro vinha vestido de seda cor de violeta; no chapeo ondeavam-lhe magnificas plumas brancas: dos copos da espada pendia um lindo fiador, tambem violeta bordado de oiro.

Sua alteza atravessou a praça, fazendo caracolar o cavallo n'um meio galope elegante, e, parando debaixo da janella em que estava a rainha, tirou o chapeo que metteu debaixo do braço esquerdo, e curvou-se até quasi tocar com a fronte no pescoço do cavallo.

A rainha respondeu a esta respeitosa saudação endireitando-se e fazendo uma graciosa mesura, com todos os tempos e requebros que exigia a etiqueta d'aquelles tempos cumprimenteiros.

Um sorriso sympathico curvou harmoniosamente os beiços da formosa franceza, e os seus olhos responderam com um olhar, que lhe illuminou instantaneamente a physionomia, á phrase apaixonada que se lia nos do infante quando ergueu a cabeça.

Via-se que D. Pedro ganhara muito no coração da rainha, desde que a côrte viera para Salvaterra. Era claro, que as relações entre os dois reaes cunhados se

haviam tornado mais intimas: não pela amizade, mas sim por um sentimento n'aquelle caso menos innocente e sincero. Aquelles amores, apenas nascentes, haviam tomado, talvez por alguma d'essas causas quasi imperceptiveis e insignificantes que são a origem ás vezes das grandes tempestades do coração, incremento bastante para que a rainha não pudesse, apesar do seu genio artificioso, occultar a alegria que lhe causava a presença do infante.

— Como elle vem hoje guapo! — disse a rainha para Ninon.

— Sempre o vi com os mesmos olhos — respondeu esta.

— Tambem eu — acudiu a rainha. — Mas elle hoje vem, que parece um dos mais gentis cavalheiros da nossa côrte.

— A mim parece-me... — e a travêssa dama parou, fingindo hesitação.

— Que te parece?

— Ora não digo.

— Diz, que mando eu.

— Por ordem de sua magestade digo, que me parece estarem os olhos de sua magestade vendo hoje melhor do que nunca.

— Ainda hei de ficar mal contigo — acudiu a rainha com um gesto de ameaça, e sorrindo ao mesmo tempo.

— Deus tal não ha de permittir.

Este dialogo passou-se sem que a rainha despre-

gasse um instante os olhos de D. Pedro, que fizera estacar o cavallo diante da janella do paço, e, immobil como se fôra de pedra, ficára em extatica admiração.

Em quanto esta scena se passava, n'um quarto situado na parte mais alta de um dos lanços lateraes do palacio, que, por arruinado, deixara de ser habitado, estavam dois mancebos espreitando pelas fendas de uma janella desconjuntada e feita de taboas carunchosas, os gestos da rainha e de sua alteza.

— Olha como é formosa! — dizia um.

— Vê como o infante a saúda com gentileza — acudia o outro.

— É de uma graça que não tem igual! — exclamou o primeiro.

— Oh se tem! — murmurou o segundo. — Ai Margarida, Margarida, tu vales mais do que uma rainha!

— Que mesura tão perfeita! É a sua alteza, que ella cumprimenta.

— Não vês a alegria que sua alteza traz pintada na cara?

— Ella sorri-se... olha para o infante... e de que modo. Jesus, se me não enganam os presentimentos! Quem póde acreditar na felicidade! Não quero, não posso ver mais. Como elles olham um para o outro!

E o homem que fez estas exclamações, interrompidas e entrecortadas por murmurios inarticulados, recuou alguns passos e foi-se esconder no fundo do quarto, a que davam luz não só as fendas da janella, mas os largos buracos do sobrado e do tecto.

Já o leitor conheceu de certo que os dois mancebos, que se escondiam na parte arruinada do palacio de Salvaterra, eram os dois heroes da nossa historia. Um escondia-se, porque estava morto, o outro para que o não matassem.

— Não fujas, não te vás, Luiz de Mendonça — disse da janella Francisco d'Albuquerque. — Ahi vem entrando na praça el-rei e muitos fidalgos. Lá dá com sua alteza. Fallaram-se. A côrte olhou toda para a rainha. Encaminharam-se para o arco grande. Apeiam-se. Vem ver a rainha, que se vai a metter para dentro.

A estas palavras Mendonça deu um pulo até á janella, e viu ainda de relanço a senhora dos seus pensamentos no momento em que se recolhia da janella.

— Tu podes vel-a: de longe é verdade, mas podes — proseguiu o capitão. — Eu, porém, não posso ver Margarida, nada sei d'ella...

— Sabes que ella te ama.

— É verdade; mas por isso mesmo tenho mais saudades.

Os dois mancebos, depois d'estas palavras sentando-se cada um no seu poial da janella, ficaram calados a cogitar nos seus amores.

Entretanto na praça ia-se juntando gente bastante: criados do paço, e ociosos de Salvaterra, que vinham para assistir aos jogos e exercicios, que quasi todas as tardes os principes e os fidalgos faziam defronte da rainha.

Não tardou effectivamente muito que se enchessem

tambem as janellas do palacio de damas, desembargadores, clérigos, e fidalgos velhos; e o parapeito, que circumdava a praça, de mancebos nobres, dos que não tomavam parte nos jogos d'aquella tarde. Appareceu emfim a rainha; e mal ella assomou á janella, um capitão seguido de alguns soldados da guarda tudesca varreu da praça quanto n'ella havia.

Logo que a praça ficou despejada, duas esquadras de pagens fidalgos, uma vestida de violeta, outra de vermelho, sem chapeos e conduzindo á mão azemolas carregadas de caixotes com cannas e alcanzias para servirem nos jogos, entraram lentamente na praça, e foram, separando-se ao chegarem ao meio da arena, depôr os cofres das munições nos pontos oppostos, onde estavam marcados os dois castellos das quadrilhas que deviam combater n'aquella tarde.

Dispostas as coisas na praça para os jogos poderem começar, entraram logo em duas linhas, uma de que era mourão el-rei, e outra de que era mourão o infante, seis cavalleiros. Os que acompanhavam el-rei vinham da direita, todos vestidos de vermelho, chapeos de plumas, polainas presas com fitas da côr dos vestidos, e os cavallo enfeitados tambem de vermelho: os que acompanhavam D. Pedro traziam como este vestidos cor de violeta.

As duas quadrilhas caminharam a passo até ao meio da praça com as espadas na mão, e de modo que os dois reaes irmãos formavam a primeira parelha. Ahi todos tiraram os chapeos, que metteram debaixo do

braço da rédea, saudando logo depois a rainha com as espadas. Feito este cumprimento, as duas linhas afastaram-se uma da outra ladeando, e depois de terem saudado em roda todos os espectadores, foram postar-se junto aos cofres onde tinham guardadas as cannas e as alcanzias que lhes deviam servir para o combate.

Cumpre-nos dar agora aqui ao leitor uma ideia rápida dos jogos das cannas e das alcanzias, para que possa perceber a conversação a que o vamos fazer assistir.

Collocadas as quadrilhas em dois pontos oppostos da praça destinada para o jogo das cannas, sahia de uma d'ellas um cavalleiro armado de uma canna verde a desafiar os da outra quadrilha. Ao chegar á esquerda dos contrarios, o quadrilheiro que ia levar o desafio ladeava até vir collocar-se em frente d'estes, e então lançava ao ar a canna, tirava immediatamente a espada para varrer os arremessos do inimigo, e levantando o cavallo ao galope, voltava para junto dos seus. Da quadrilha desafiada, porém, sahia um cavalleiro a perseguil-o; arremessando-lhe uma ou duas cannas, e buscando total-o.

Isto que se passava com os dois primeiros cavalleiros, repetia-se com todos os outros: e o jogo terminava ordinariamente correndo os cavalleiros de ambas as quadrilhas parelhas, isto é, galopando aos pares até ao meio da praça, e recuando depois a passo, sem se afastarem um do outro os dois que formavam a mesma parelha, e sem descruzarem as espadas.

O jogo das alcanzias, que ás vezes se fazia conjuntamente com o das cannas, era mais variado e divertido do que este. Alcanzias eram umas bolas muito frageis de barro secco ao sol, do tamanho de laranjas, dentro das quaes se mettiã flores ou confeitos. Os cavalleiros n'este jogo vinham armados de escudosinhos de metal ou de coiro, em que traziam pintadas as suas armas e emblemas: e atiravam uns aos outros as alcanzias que traziam no bolso. A destreza n'este jogo era acertar no corpo ou no cavallo do adversario, e apagar no escudo todos os golpes.

— O infante não desprende os olhos da rainha! — exclamou Luiz de Mendonça, seguindo com a vista os movimentos de D. Pedro.

— Lá sáe elle da quadrilha para desafiar el-rei — acudiu Francisco d'Albuquerque. — Bem! Como faz ladear com graça o cavallo. E o modo arrogante com que lançou ao ar a canna! Lá vai el-rei perseguindo-o. Nem uma vez lhe tocou. Brava maravilha! Cortou a canna, como se fôra uma penna, sem esforço!

— E sem tirar os olhos da rainha!

— El-rei está fulo de raiva!

— Não vês como a rainha bate as palmas a cada proeza de sua alteza! Ella ama-o!

— Agora ahi vai o conde de Castello-Melhor jogar com o conde de Val de Reis.

— Pouco me importa quem joga as cannas. Não quero, não posso ver mais — interrompeu Mendonça com um suspiro. E afastou-se outra vez da janella. —

Estar aqui preso; e não poder ver lá de mais perto — acudiu elle depois de alguns minutos de silencio. — Depois de ámanhan ha uma caçada; e eu hei de ir a ella disfarçado em moço do monte. Seja como fôr, hei de ir.

— E eu tambem. Diogo Cutilada disse-me hontem que Margarida chegava esta noite a Salvaterra. Na caçada é occasião de lhe eu fallar. Quero acabar com esta vida de saudade e martyrio por uma vez! Exigirei de frei Pedro de Sousa o cumprimento da promessa que fez a Margarida; e se elle faltar á sua palavra, irei ter com o padre Fernandes, e esse de certo nos livrará, a mim e a Margarida, d'este padecimento horrivel.

— Diogo ha de vir logo. Vou mandar dizer a sua alteza que estou aqui prompto para receber as suas ordens; e depois explicar-lhe-hei a causa do meu desaparecimento, que lhe ha de ter parecido estranho.

— Agora vão jogar as alcanzias — atalhou o capitão, interrompendo o seu amigo. — Lá vai el-rei provocar o senhor infante.

— Que differença entre a destreza de sua magestade e a de sua alteza.

— Acertou uma alcanzia no chapeo de el-rei.

— Cahiu-lhe. Outra alcanzia na cabeça do cavallo.

— O cavallo espantou-se. El-rei não se póde segurar.

— Se não fôra o senhor infante pôr-se a pé e segurar-lhe o cavallo, tinha dado uma queda desastrada.

— Que immensa força tem sua alteza.

— A rainha fez-lhe signal! — exclamou Luiz de Mendonça. — Lá lhe deitou o ramo de flores que trazia preso no justilho! Ai! o que não dera eu por aquelle ramo!

— Tens o que vale mais que um ramo de flores, que séca e se reduz a pó: tens o lenço que apanhaste na toirada real, e que a rainha te deu.

— Mas não com aquelle sorriso, aquelle olhar apaixonado com que deu as flores a sua alteza.

— Tu não és príncipe.

— Um louco é que eu sou.

No entretanto o sol tinha-se escondido por detraz dos montes, e o ceo começava a escurecer. Acabados os jogos na praça, apenas haviam ficado alguns dos valentes da patrulha de el-rei e os moços da cavalharia. Pelas janellas do paço começou a ver-se o clarão de luzes, e a ouvir-se o rumorejar das vozes dos fidalgos, que se juntavam nas salas de recepção da rainha.

Os dois moços fidalgos de sua alteza, cada um sentado em seu poial da janella d'onde tinham assistido aos jogos reaes, seguiam com os olhos os vultos que percorriam a praça, e as sombras mais ou menos graciosas que se approximavam ou se afastavam das janellas illuminadas do paço, em quanto a imaginação lhes esvoaçava, perdida e sem rumo, pela fantastica região dos sonhos; umas vezes desenhando a historia brilhante de uns amores ditosos, outras entenebrecendo o futuro com imagens pavorosas.

A bulha de passos que se approximavam, e o ranger

da porta do quarto que se abria, veio chamar á realidade os dois desvairados fantasiadores. Ambos deram um pulo e levaram a mão ás espadas; vendo porém entrar o velho Diogo Cutilada com uma lanterna na mão esquerda e um cesto na direita, tornaram-se a sentar tranquillamente.

O velho soldado collocou a lanterna no canto da casa que ficava mais afastado da janella, depositou o cesto ao pé da lanterna, e approximou-se de seu amo.

— E ainda está vivo o meu senhor Francisquinho! Não me farto de o ver! — disse elle — Que tempos estes nossos! Bem se vê que o Encoberto...

— Margarida já chegou? — atalhou Francisco d'Albuquerque.

— A Calcanhares... Perdão, meu capitão, a senhora D. Margarida?

— Sim, homem. Sabes se já chegou?

— Não senhor; não chegou ainda, que eu saiba. Mas dizem que virá hoje.

— E o tinteiro, trouxestel-o? — perguntou Luiz de Mendonça.

— Ai! senhor Luiz, que trabalho tive para alcançar um tinteiro! Não ha senão dois no paço; um da rainha, e outro do senhor Antonio Cavide, thesoureiro da casa.

— Mas trazes tinteiro e papel?

— Trago, sim senhor.

E mettendo a mão no cesto tirou um enorme tin-

teiro de latão, uma penna de pato e uma folha de papel grosso e amarello como um pergaminho velho.

— Aqui está tudo. — E Diogo apresentou, com ares de triumpho, a Luiz de Mendonça o que tanto lhe custara a alcançar.

Luiz de Mendonça escreveu immediatamente ao infante, participando-lhe quanto lhe havia succedido depois que chegara a Salvaterra, sem comtudo lhe dizer quem lhe trouxera a noticia de que el-rei tinha dado ordem para o assassinare; e entregou a carta a Diogo, para que a levasse a sua alteza.

O velho Cutilada, porém, só sahio do quarto onde se haviam escondido os dois criados de D. Pedro, depois de ter posto sobre um dos poaes da janella um Perú assado e uma garrafa de vinho que trazia no cesto, e de ter escutado attentamente as recommendações de seu amo, que lhe exigiu o mais inviolavel segredo sobre a sua resurreição, e lhe ordenou que viesse dar-lhe parte da chegada de Margarida, mal ella desembarcasse em Salvaterra.

CAPITULO XLI.

AO AMANHECER.

— A caça é uma escola e semelhança verdadeira da vida militar. Ha n'ella ciladas, atalaias, corridas, ordenar e repartir gente, dispor forças, e finalmente pe-leja e victoria. Além de que é a caça muito util para a saude, porque se faz saltando, correndo, atirando, bra-dando; o que destroe os sobejos humores, aqueenta o corpo e cose as cruezas do estomago.

Esta dissertação sobre as virtudes da caça fazia-a um homem de mais de cincoenta annos, robusto e agil como se tivera só trinta, a sua alteza o infante D. Pedro. O infante estava encostado ao parapeito da praça de Salvaterra, pallido e dando evidentes signaes de impaciencia; e o velho defronte d'elle, de pé e com o cha-peo na mão, fallava com a paxorra do homem do cam-po que está contente de si.

Ainda não era sol nado. O ar estava frio, mas perfeitamente sereno; no oriente appareciam já vivos e formosos os primeiros clarões da aurora, os quaes tingiam aquella parte do ceo, que parecia apoiar-se no horisonte da banda do nascente, de uma côr açafroadá; por um esbatido suave esta côr passava a um alaranjado claro, depois a amarello esverdeado, para no zenith se confundir com o azul pallido da atmosphaera. Na praça e no palacio reinava a maior actividade. Os moços da cavalhariça seguravam, sellados e promptos, cavallos que relinchavam sacudindo as crinas: dos moços do monte, uns sostinham pelas trelas sabujos, outros afagavam e seguravam magnificos lebreos inglezes, armados de coleiras com pontas de ferro e coletes feitos de pelle de porco bravo. Ao latido das matilhas reaes juntava-se o som das trompas de caça, os gritos dos caçadores impacientes e dos fidalgos chamando pelos escudeiros, e dando-lhes ordens para tudo estar prestes, logo que apparecessem suas magestades.

— Antonio Rodrigues — acudiu o infante, quando o velho parou um instante para tomar fôlego, — diz-me cá: suppões que a monteria hoje será feliz?

— A carne de porco não é agora de vez — respondeu Rodrigues: — comtudo é certo que havemos de apanhar uma rez, e talvez duas. Eu conto a vossa alteza um caso que me succedeu, por este tempo do anno, meados de fevereiro, com um porco mestiço. Já eu era couteiro d'el-rei o senhor D. João IV, tinha mor-

rido o meu mestre João Matheus, e eu havia começado o meu livro de Caça Venatoria... (1)

— Vamos ao caso.

— Pois o caso ahí vai. Indo eu uma tarde caçando pela coitada de Bel-monte do duque de Aveiro, alli onde chamam Mal-Marrão, veio direito a mim um porco com tão extraordinario impeto que, dando-me uma trombada, me deitou para cima de uma tojeira. Larguei-lhe o sabujo que levava atrelado; mas o porco, em vez de fugir, poz-se em campo com elle, correndo-o por muitas vezes com extraordinaria fereza. Então eu, pondo á cara a espingarda que levava, dei-lhe um tiro que o matou logo.

— E então?

— Eu digo a vossa alteza; a carne do tal porco tinha um cheiro muito forte do monte e varrasco. É o inconveniente que tem o caçar porcos n'este tempo. O veado é rez muito mais preciosa; essa sim, que tem grandes excellencias.

— Então quaes são as excellencias do veado? — perguntou D. Pedro, que queria fazer fallar o velho couteiro, para assim lhe parecer mais curto o tempo em que estava esperando pela rainha.

— São muitas e grandes — respondeu Antonio Rodrigues. — Tem elle no coração um osso, que é bom preservativo contra a melancolia, e cura de toda a peste. Nas pontas não ha duvida que tem muita virtude.

(1) Este livro curioso existe manuscripto na bibliotheca da Ajuda.

Aristoteles diz que na esquerda só, e Plinio na direita. No cabo tem o veado um humor verde, que dizem ser venenoso...

— Está bom. Já vejo que conheces os mais profundos segredos da caça.

— Conheço: isso asseguro eu a vossa alteza que conheço. E é porque ha muitos annos que ando n'esta vida; e aprendi muitas verdades do meu mestre João Matheus, e tambem muitas coisas que o não são. Tive bastantes vezes a honra de caçar com o augusto pae de vossa alteza. Ainda me lembra, como se fosse hoje — — proseguiu o velho, endireitando-se, e sacudindo orgulbosamente a cabeça — ainda me lembra do primeiro dia, em que acompanhei o senhor D. João IV, que Deus baja, á caça. Foi em Pancas que eu esperei por sua magestade. Encontramos um veado, que se embrenhou n'umas moitas e camarias. El-rei foi-o seguindo com uma cadella de trella, que o rastejava com cuidado. A rez demandava uns matos muito espessos, que havia não muito longe, para d'este modo salvar a vida; de maneira que até ao meio dia, hora em que o pae de vossa alteza se recolheu por causa do muito calor que estava, não lhe pudemos fazer tiro. Eu porém, com consentimento de sua magestade, fui atrelando o veado todo aquelle dia; e já á boca da noite é que lhe pude dar uma fraca pelourada, que por lhe não acertar na trave do pescoço o não matou, mas derubou-o: e por isso o pudemos levar vivo a sua magestade, que muito o estimou; porque o soltou no páteo

da quinta, e alli esteve mais fero que um toiro bravo, arremettendo contra tudo.

— Então tu cuidas que hoje pôderemos fazer uma boa monteria? — perguntou D. Pedro.

— Os empresarios dão noticia de umas camarias ahi para as bandas de Benavente, onde se costumam amalhar os porcos — respondeu o couteiro. — Ha lá uns carrascaes cercados de tojo gatlão, para onde tem visto metterem-se muitas rezes.

— E já ha noticia d'elles terem encontrado alguma rez hoje?

— Não ha, senhor infante. Mas ahi chega um moço do monte, que provavelmente vem trazer ao monteiro-mór a relação do que fizeram os empresarios.

De feito entrava n'esta occasião na praça, a cavallo n'uma egoa de campo, um moço do monte, correndo á desfilada. Mal se apeou, D. Pedro chamou-o, e perguntou-lhe d'onde vinha, e se trazia alguma noticia dos empresarios.

— Saiba vossa alteza que eu trago um recado cá para o senhor monteiro-mór — respondeu o moço do monte. — Venho do carrascal que fica entre a Foz e Benavente.

— E achou-se caça? — perguntou sua alteza.

— Os empresarios viram entrar para a mata um porco velho, com o seu escudeiro; um marrãosito do tamanho d'aquelle sabujo que alli está — disse o campino, apontando para um cão que estava deitado aos pés de Antonio Rodrigues.

— Teremos occasião de ver trabalhar os lebreos inglezes de sua magestade — acudiu o couteiro. — Quando um porco velho traz escudeiro, é sabido que é este o que primeiro foge por ser o mais fraco. Mas o porco velho, mais animoso, defende-se dos cães com grande ferocidade, e dá sempre lugar a um renhido combate.

— E então o porco marrão deixa-se fugir? — interrompeu D. Pedro.

— Se se não póde matar a tiro ou á lança, deixa-se fugir, para se não perder o porco velho, que é rez de muito maior valor.

— Vossa alteza não manda mais nada de mim? — perguntou com voz sumida e gesto humilde o moço do monte.

— Não. Vai dar o teu recado ao monteiro-mór.

— Guarde Deos a vossa alteza. — E o campino encaminhou-se para o palacio.

— Já é sol fóra. São horas de partir — exclamou o infante com impaciencia, depois de ter algum tempo estado a olhar para as janellas do quarto da rainha.

— E parece-me que já alli vem suas magestades — accrescentou Antonio Rodrigues.

El-rei, dando a mão á rainha e seguido de muitos fidalgos e algumas damas, sahiu n'este momento da porta do palacio real. O infante foi ao seu encontro de chapeo na mão; beijou respeitosaente a mão da rainha, e depois saudou profundamente seu irmão, porém com os olhos baixos e uma frieza glacial.

— Que tens, Pedro? — perguntou el-rei sorrindo, e batendo familiarmente com a mão no hombro de D. Pedro — Vens com uma cara tão carrancuda, n'um dia de caçada? Temos perto dois porcos que nos esperam. Disse-m'o agora mesmo o monteiro-mór. Havemos de ter uma feliz monteria.

— Vossa magestade não anda feliz em monterias. Foge-lhe a caça.

— Que queres dizer com isso? — acudiu el-rei. — É a primeira monteria que se faz este anno.

— Em Lisboa é que vossa magestade mandou fazer a primeira caçada real...

— Que estás dizendo? — E D. Afonso fez-se pallido como se fôra perder os sentidos.

— Estava brincando apenas. Não julgava offender a vossa magestade com estas innocentes palavras.

— Não, não me offendeste. Não percebo, porém...

— Não fallemos mais em tal — atalhou sua alteza, sorrindo. — Sabe vossa magestade já o que se passou em Lisboa? — proseguiu elle mudando de tom — Sabe a catastrophe, o attentado horrivel de que ia sendo victima um dos mais fieis vassallos de vossa magestade?

— Ainda não ouvi... não sei... — balbuciou el-rei, a quem a colera, e o terror talvez, haviam decomposto totalmente a physionomia.

— Então permitta-me vossa magestade que seja eu quem lhe narre este caso lastimoso, e lhe peça justiça....

— Agora, no momento de partir para a caça? Aqui

diante de tanta gente, não é occasião para fallarmos d'essas coisas — prorompeu el-rei.

— Para el-rei fazer justiça é sempre occasião.

Estas palavras, trocadas entre os dois irmãos, haviam lançado o terror em todos os que as escutavam. Os cortezãos sentiam a tempestade rugir, e afigurava-se-lhes que de um instante para o outro a colera real, não podendo descarregar-se sobre o infante, os viria fulminar a elles. O conde de Castello-Melhor, livido e tremulo, fizera por duas vezes esforços para interromper sua alteza; mas a voz morrera-lhe na garganta. O susto produzira n'elle a mais completa aphonía.

Foi a rainha, que temeu tambem ver repetir-se alguma d'aquellas scenas violentas a que já por vezes assistira, quem veio interpor-se para conciliar os dois irmãos. Com um movimento gracioso, pegando na mão de seu real esposo:

— Sua alteza tem razão — disse ella. — Como rei que é, bom e magnanimo, não ha de vossa magestade deixar para mais tarde o informar-se de um caso funesto, succedido com um dos seus fieis vassallos.

— Tem razão a rainha — balbuciou Affonso VI. — Diz o que tens para dizer, Pedro.

— Peza-me ter de narrar a vossa magestade um crime, que o ha de sem duvida affligir: mas vossa magestade quer ter a condescendencia de me escutar, e eu não devo perder esta occasião para o informar do que succedeu ao conde da Ericeira.

Este nome era indubitavelmente esperado por el-

rei e pelos seus validos; comtudo, quando D. Pedro o soltou da boca, todos se tornaram lividos, e D. Affonso teve de se segurar ao braço da rainha para não cair. Um silencio solemne se fez em roda dos principaes actores d'esta scena verdadeiramente dramatica.

— Saiba vossa magestade — começou sua alteza, — visto que o seu ministro lhe não participou ainda o que acaba de succeder em Lisboa, — e D. Pedro lançou uns olhos accessos em colera ao Castello-Melhor — saiba vossa magestade que antes de hontem ao anoitecer, como estava chovendo, o conde da Ericeira D. Luiz passou pelo Rocio n'um coche fechado, em que iam tambem seu irmão e a condessa sua mulher. Quando chegou defronte da arcada de S. Domingos, sahiram d'ella repentinamente uns homens, que atiraram tres tiros ao coche....

— Mas não acertou nenhum — atalhou imprudentemente o conde valido.

— Não — proseguiu o infante, a quem estas palavras, d'aquelle que considerava como author do crime, haviam posto fóra de si. — Não: e é isso o que magôa aos que dominam pela vingança, pela traição e pelas intrigas. O conde da Ericeira não morreu; e é preciso que sejam severamente castigados os que o mandaram assassinar. Sem que baste para os salvar nem a sua categoria, nem a protecção ainda dos mais poderosos d'este reino.

— Ha de fazer-se justiça — acudiu el-rei, interrompendo-o. — Já sei o que se passou.... Já sabes tu-

do, conde — proseguiu, voltando-se para o Castello-Melhor — has de mandar inquirir sobre este acontecimento, para se castigarem os culpados. E agora vamos para a monteria, que são horas.

O infante ia para fallar ainda, dando largas á colera que lhe fervia n'alma, quando a rainha, com voz quasi supplicante, e fixando n'elle olhos de que se irradiavam os mais deslumbrantes clarões da paixão, disse tambem :

— São horas; partamos. Sua magestade prometeu fazer justiça, e ha de fazel-a.

CAPITULO XLII.

A MONTERIA.

El-rei logo que montou a cavallo, agitado pela raiva que lhe causaram as palavras do infante, impaciente, desejoso de movimento, deu de esporas e partiu a galope pelos areaes cobertos de mato rasteiro, que se estendem entre Salvaterra e Benavente, seguido apenas por alguns fidalgos.

Atraz d'elle e em carreira menos veloz, a rainha, o infante, algumas damas, e o resto da côrte, seguidos dos monteiros e moços do monte, encaminharam-se tambem para o carrascal onde a monteria devia ter lugar.

A manhan estava esplendidamente formosa. No horisonte apenas havia ligeiras nuvens, que os raios do sol tingiam de um côr de rosa vivo e luminoso; o ar

não azul retinto como nas madrugadas do verão, mas esbranquiçado, parecia tornar mais diffusos e suaves os clarões do sol. O mato, a que se suspendiam em miriades as gottas do orvalho, havia-se metamorphosado n'essas plantas prodigiosas, cujas flores são rubis, cujos fructos são diamantes, que só vecejam e exhalam perfumes nos jardins encantados, que os poetas orientaes nos descrevem. As avesinhas, levantando-se espavoridas debaixo dos pés dos cavallo, iam, lançando pios de terror, buscar nas alturas abrigo e segurança.

O espectaculo da natureza, acordada do seu dormir nocturno pelo luzeiro da madrugada, n'aquella extensa planura onde parecia conservar-se ainda inalterada a physionomia selvagem, singela, quasi monotona dos paizes inhabitados, não era gracioso mas era bello. A alma dilatava-se com os olhos pela extensão dos campos. O coração do infante, agitado pela convulsão violenta, que a ambição e o odio excitam n'aquelles que são assaz desditosos para se deixarem subjugar por essas ruins paixões, mas dominado tambem por paixão mais suave, ia-se pouco a pouco serenando; á medida que a poesia da natureza, e os effluvios do amor lhe penetravam os sentidos. El-rei, levado pelo seu cavallo em carreira desfechada, foi-se sempre alongando da comitiva da rainha, até que uma quebrada do terreno o pôz fóra da vista d'esta; então D. Pedro, cercado de fidalgos moços, de damas formosas, debaixo do influxo de um ceo puro, quebrando debaixo dos pés do seu lasão os ramos de rosmarinho e as estevas que o orvalho da

noite cobrira de diamantes, sentindo-se amado pela rainha, de cujos olhos formosos elle via irradiar-se a esperança, esqueceu tudo para só pensar na sua felicidade e no seu amor.

A rainha tambem não despregava os olhos do principe; e o bello rosto, em que se reflectiam vivamente todos os sentimentos de uma alma ardente, estava animado e alegre. A alegria dos principes bem depressa se communicou a quantos os acompanhavam. A meia legua de Salvaterra já todos os signaes de terror e de colera, que a altercação do infante com el-rei havia feito apparecer nas caras espavoridas dos cortezãos, se tinham desvanecido: a serenidade, a alegria, ou essa expressão dubia e multiforme, que tira aos lisongeiros todo o character physionomico e é um dos maiores requintes da sua arte abjecta, transparecia em todos os fidalgos.

O carrascal, onde os empresarios tinham amalhado os porcos, estava situado para o norte de Benavente, e cobria quasi totalmente um oiteirinho de pequena elevação, a que se prendiam dois tesos cobertos de çarças rasteiras e de herva. Entre estes accidentes do terreno havia duas ou tres quebradas, cavadas pelas aguas do inverno. N'uma d'ellas, que ficava nas faldas do oiteiro, borbulhava das fendas de uma rocha calcarea, que a areia não cobria de todo, uma agua limpida e fresca, a qual depois de se deter um pouco na concha, que ella propria cavara na pedra, ia, serpeando por entre a relva e o musgo de um prado em miniatu-

ra, perder-se no areal. Esta fonte, toda frescura, perfumes e flores, era assombrada por quatro bellos freixos de folhagem ligeira e ondulante, e cercada de moitas e matos em que as estevas se entrelaçavam com as silvas, as clematites e o alegra-campo. Era junto d'esta fonte que D. Affonso VI se havia apeado; foi alli que se reuniram todos os caçadores.

El-rei, cercado dos empresarios, inquiria sobre o modo por que elles tinham descoberto e amalhado os porcos. Não havia duvida que para o carrascal, n'aquella madrugada, entrára um porco grande seguido de um marrão ou escudeiro, como lhe chamavam os caçadores: os empresarios tinham seguido o rasto das rezes sem serem aventados por ellas, e descoberto assim o logar onde se recolhiam.

A esperanza de uma monteria que, segundo a opinião dos caçadores experimentados, não podia deixar de ser interessante, animava os principes e os fidalgos. Rivalidades, odios, desejos mallogrados, ambições não satisfeitas, tudo foi esquecido, ou pelo menos pareceu esquecido pelos cortezãos. D. Affonso e o infante conversaram sobre o modo por que devia ser feita a monteria: o Castello-Melhor e D. Rodrigo de Menezes discutiram, placidamente e com a boca cheia de riso, os meritos e bellezas dos lebreos inglezes d'el-rei.

Resolveu-se alli mesmo que o marrão, que era de esperar fosse o primeiro a sahir da moita, seria montado á lança por el-rei; e o porco grande entregue aos lebreos inglezes. Então, o monteiro-mór ordenou a

monteria, distribuindo os caçadores, os monteiros e os moços do monte em roda do carrascal; e foi pôr el-rei n'uma quebrada por onde, segundo o parecer dos mais sabedores das coisas da caça, devia escapar-se a rez, quando se visse atacada e perseguida pelos sabujos. A rainha, sua alteza, Ninon d'Amuraude e outras damas ficaram com alguns fidalgos nas proximidades da fonte, para verem a caçada, em que não deviam tomar parte.

Dispostas assim as coisas pelo monteiro-mór, sua magestade deu signal para começar a monteria, tirando de uma trombeta doirada, que trazia a tiracollo, alguns sons agudos e desafinados. Sua alteza, cuja paixão pela trombeta lhe não consentia ficar silencioso quando tinha occasião de mostrar as suas prendas, embocou também a trompa de caça, e repetiu o signal dado por el-rei, tocando uma *fanfarra*, se não com muita perfeição, ao menos de um modo que não offendia os ouvidos de quem o escutava.

Immediatamente os moços do monte largaram a matilha dos sabujos de solta, os quaes, excitados pelos gritos e alaridos dos caçadores, se embrenharam no carrascal em carreira desfechada. Não tardaram os cães em dar signal de que haviam encontrado a presa que demandavam. Os latidos dos sabujos, que a principio eram repetidos, raivosos, pouco a pouco se tornaram mais vagarosos, e como dados a medo.

—É signal certo de que os sabujos encontraram porco velho e experimentado — disse a el-rei o couteiro

Antonio Rodrigues. Quando elles acham só marroada ladram com atrevimento; mas em dando com rez que lhes rebata os impetos, e que lhes mostre os dentes de-veras, já são mais cautelosos e menos linguarões. Vil canzoada!

— Enganaram-se então os empresarios — interrompeu el-rei, quando disseram terem visto entrar um porco e um marrão na moita.

— Não se enganaram talvez, perdoe-me vossa magestade. Os sabujos deram com o porco primeiro, e por isso ladram assim.

— Este não foge de certo, porque se lhe deitam os lebreos.

O alarido geral levantado por caçadores, e o ladrar mais approximado dos sabujos, veio cortar este dialogo de el-rei com o velho couteiro. Um marrão, perseguido pelos cães, sabia correndo e cortando o mato do carascal serrado, que coroava o oiteiro. A rez ora fugia para se salvar dos seus perseguidores, ora, sentindo-se seguida de perto, parava para se defender. Então travava-se uma lucta, que apenas durava instantes; e a fera rasgava com os dentes açacalados e agudos um sabujo, o que fazia que os outros d'ella se alongassem.

Affonso VI, logo que a rez entrou n'uma planura que ficava a meia encosta, deu de esporas ao cavallo, e correu sobre ella, com a lança em punho. Um golpe rijo, dado perpendicularmente com a lança no dorso do porco, atravessou este de parte a parte. El-rei, quando sentiu a lança presa, largou-a; e principiou a correr

em roda da rez, que ferida, assustada pelos gritos dos caçadores, e dilacerada pelos sabujos, deu apenas algumas voltas desatinadas na planura, e cahiu por fim esvaecida e sem alento.

A victoria de el-rei foi celebrada por toda a côrte. Sua magestade ria, batia as palmas, fazia os gestos mais desordenados para manifestar a sua alegria, e repetia continuamente em altos brados, voltando-se ora para a rainha, ora para o infante :

— Digam agora que eu sou tolhido do lado direito, que fiquei paralytico de pequeno! Digam que eu não presto para nada, que não posso nada, e que por isso me ia matando o toiro d'Azeitão! Ninguém dava uma lançada melhor do que esta; nem tu, Pedro, e mais és um gigante. Digam que sou paralytico! Hei de fazer aos meus inimigos o que fiz a este porco, passal-os de parte a parte com uma lança: para lhes provar que mexo perfeitamente braços e pernas.

Novos brados, novo alarido dos caçadores que estavam do lado opposto da moita, deram signal de que a outra rez, o javali grande que ficara escondido na malhada, sahira do carrascal. El-rei, seguido dos fidalgos e dos caçadores, correu ao logar d'onde partiram os gritos; e ordenou que se largassem ao porco dois lebreos inglezes, que um moço do monte trazia atrelados.

Soltos os lebreos, travou-se a lucta d'estes com o porco, que ao ver-se atacado recuára até ao carrascal para ahi se defender. O javali era um feroz e temeroso

animal, com as cerdas ouriçadas, os olhos flammejantes, e a boca espumosa e escancarada, deixando ver dentes alvos e agudos. Os lebreos hesitaram instantes, porém animados pelas vozes dos caçadores arremessaram-se sobre elle, buscando filal-o pelas orelhas ou pelo cachão. O porco, ora afugentava os lebreos dando-lhe fortes trombadas, ora, sentindo as carnes dilaceradas pelos dentes d'estes, sacudia o corpo com tal violencia que lançava a muitos passos de distancia os seus audazes inimigos. O combate durou assim poucos minutos; até que a fera, sentindo-se impotente contra os repetidos ataques dos lebreos, e assustada pela vozeria dos caçadores, aproveitou um momento em que os cães se haviam afastado um pouco d'ella, e fugiu, rompendo a linha dos caçadores, que sobre ella dispararam inutilmente alguns tiros.

Quando Affonso VI correrá para o lado do carrascal, opposto áquelle em que fôra morta a primeira rez, haviam-no seguido todos os fidalgos e os caçadores: o infante porém e a rainha, apenas acompanhados por Ninon d'Amuraude, em vez de seguirem el-rei, deixaram-se ficar junto á fonte aprazível e amena, que borbulhava á sombra dos salgueiros.

— É um prazer barbaro este que se gosa em perseguir, em matar um pobre animal, que vive socegado no seu deserto, sem fazer mal aos que tanto mal lhe querem — disse a rainha, quando viu cahir exangue o porco que el-rei atravessara com a lança.

— Barbaro é sempre o prazer que se tem em ver

padecer. E quantas vezes os proprios anjos procuram esse prazer? — acudiu sua alteza.

— Os anjos! A vingança é o prazer dos deuses, dizem os pagãos; mas dos anjos nunca ninguem o disse senão vossa alteza.

— Sem ser por vingança, por simples passatempo, ha anjos, dos que andam pela terra, que fazem passar horas de dor, amarguradas horas, aos que os adoram mais ardentemente.

— É que não são anjos, esses taes—disse a rainha rindo. — E se o são, não os tenha vossa alteza por bons, tenha-os por anjos maus.

— Vossa magestade não sabe que os fanaticos não pensam; adoram só?

— Parece que vossa alteza tem a queixar-se de algum dos taes anjos. Falla tanto do coração.

— Vossa magestade já deve saber que sou fanatico.

— E o anjo que adora, se é anjo como vossa alteza diz, fal-o padecer?

— Ai, que feliz eu fôra se elle escutasse as minhas orações!

— Talvez as escute, se vossa alteza as fizer com sincero fervor.

— Se isso bastasse para eu ser escutado, então sel-o-ia de certo.

— E vossa alteza está resolvido a dar provas da sua dedicação?

— Tudo, estou resolvido a fazer tudo para lhe pro-

var que o adoro — exclamou o infante com exaltação, e dizendo com os olhos o que a boca calava apenas.

A rainha viu, com a finura e rapidez de apreciação de que as mulheres são naturalmente dotadas, os inconvenientes que poderia ter o proseguir n'aquelle momento uma tão melindrosa conversação. Ella queria conservar o infante n'esse estado de duvida esperançosa, de recatado desejo, de quasi grata anciedade, que robustece a paixão nascente, e lhe dá, pela compressão, um irresistivel poder sobre as faculdades do espirito e do coração; e por isso, interrompendo-o quando elle ia talvez soltar alguma phrase mais calorosa:

— Vossa alteza não repara talvez — disse a rainha sorrindo — que me está fazendo uma confidencia.

— E a quem, a não ser a vossa magestade, posso eu dizer...

— Eu não posso desapprovar a escolha da confidente — atalhou ella: — mas a do logar...

— Tem vossa magestade razão. Nem sempre ha poder para abafar os primeiros impulsos do coração. Só quem está indifferente, frio, estranho a todo o sentimento, é que póde escolher a hora, o logar para as confidencias. Vossa magestade bem vê — prorompeu D. Pedro, animando-se cada vez mais — bem vê que sou infeliz, que sou perseguido, eu e todos os meus amigos, pelos validos; que meu irmão, em vez de me ter amizade, me odeia. Sou um principe desgraçado; e o sentimento ardente, grande, irresistivel, que me dá vida, que me dá animo para soffrer, quer vossa mages-

tade que eu o cale? Não posso. Morrerei sim, mas occultar por mais tempo a vossa magestade o que sinto...

Os olhos de sua alteza arrazaram-se de lagrimas; e a voz, que se lhe havia pouco a pouco tornado tremula, fez-se de todo inintelligivel. A rainha não era insensivel; e D. Pedro era um guapo e formoso principe.

— Não diga, não me diga vossa alteza o que este coração sabe já — acudiu a rainha. — Ha coisas que é infelicidade sentil-as, que é porém quasi crime dizel-as.

— Viver sem esperança!

— Sem esperança, não. Espere vossa alteza, espere-mos todos dias melhores.

— Uma palavra de vossa magestade bastaria para me dar animo. O martyrio mais cruel soffrel-o-ia resignado, depois de a ter escutado.

— O que os ouvidos não ouviram, deve adivinhal-o uma alma como a de vossa alteza — respondeu a rainha; baixando a voz, como para não ser ouvida mesmo pelo infante.

N'este momento um grito de mademoiselle d'Amurade, grito de pavor e de anciedade, veio cortar subitamente este dialogo terno; que se póde considerar como a primeira scena do drama escandaloso e terrivel, que, n'aquelle anno de 1667, a côrte de Portugal representou diante da Europa. O grito de Ninon tinha por causa o apparecimento do javali, que, havendo-se escapado aos caçadores, corria fero e raivoso direito ao logar onde estavam a rainha e o infante. O que vamos contar, passou-se tudo quasi instantaneamente.

Sem dar tempo a que D. Pedro empunhasse a lança de caça, que trazia suspensa da sella, o porco arremetteu ao cavallo da rainha, e, cortando-lhe os musculos das mãos com os dentes açacalados, deu com elle em terra. A rainha estava perdida talvez, se sua alteza, por um movimento rapido como o pensamento, a não houvera cingido com o braço direito e suspendido assim no ar, no momento em que o cavallo baqueou no chão. A situação do infante era embaraçosa e assustadora. Com a rainha quasi desmaiada nos braços, elle não podia defender-se do porco, que, espumando de raiva, estava a ponto de se lhe lançar ao cavallo. O perigo era imminente; um instante bastaria talvez para que aquella caçada, começada com tão funestos auspícios, terminasse por uma catastrophe terrivel; quando um moço do monte, sahindo como por milagre detraz de uma das moitas que assombravam a fonte, correu para a fera, e, com risco de ser despedaçado, foi cravar-lhe no coração uma faca de mato, unica arma que trazia na mão.

Ajoelhando ao pé do cavallo do infante, o moço do monte que acabava de praticar aquelle acto de incrível denodo, offereceu então á rainha, que ainda estava suspendida nos braços de D. Pedro, a faca com que matara o javali.

— Venho pedir a vossa magestade perdão da culpa que acabo de commetter — disse elle com voz tremula, mas n'um tom que indicava não ser aquella a primeira vez que fallava com principes. — Foi culpa involunta-

ria, e isso bastará talvez para a tornar menos digna de castigo.

Apenas passado o perigo a rainha tornara a si. Soltando-se então dos braços de sua alteza, saltou ao chão com a ligeireza de uma silphide, e approximando-se do moço do monte:

— De que me pedes perdão? De me ter salvado a vida? — acudiu sua magestade interrompendo-o. — Pede-me o que quizeres em paga do que fizeste, e dar-to-hei logo.

N'este instante já D. Pedro estava ao lado da rainha; e quando esta acabou de fallar elle accrescentou:

— Eu tambem devo-te mais do que a vida, devo-te a vida de sua magestade. Se desejas alguma coisa que eu te possa dar, é teu.

— O que foi? o que succedeu? — perguntou el-rei, que chegou n'aquelle momento, cercado pelos caçadores — Quem matou o porco, foste tu, Pedro?

— Não, senhor. Foi este.... homem.

Sua alteza balbuciou um pouco ao pronunciar estas palavras, porque, attentando mais no moço do monte, reconhecera n'elle o seu moço fidalgo Luiz de Mendonça.

— E este homem, este villão, atreveu-se, n'uma caçada real, a matar a rez que só devia ser ferida pela mão de um principe! — bradou D. Affonso n'um paroxismo de colera.

— Se não fosse elle, vossa magestade estaria viuvo a esta hora — acudiu a rainha. — Veja vossa magestade

o meu cavallo; foi o javali quem o pôz n'aquelle estado. E eu mesma não escaparia de tamanho perigo, se não foram sua alteza... e este moço do monte.

El-rei, dotado de uma mobilidade de ideias e de sensações, que era tida por muitos na côrte como um *Asymptoma* de loucura, passou instantaneamente da colera ao reconhecimento.

— Salvaste a vida da rainha — disse elle ao moço do monte, — e não dizias nada. Quem tem ahí oiro para dar a este pobre homem?

Muitos fidalgos offereceram a bolsa a sua magestade.

— Aqui tens dinheiro — proseguiu el-rei, offerecendo a Luiz de Mendonça a bolsa que lhe pareceu mais pesada. — Se quizeres mais, passar-te-hei uma ordem, para Antonio Cavide te dar o que me pedires.

— Agradeço a vossa magestade a sua real munificencia — acudiu Mendonça, pondo-se de pé. — Nada preciso, nada quero.... senão beijar a mão da rainha, se sua magestade m'o consentir.

— Não queres aceitar nada da minha mão? — perguntou el-rei, a quem esta resposta orgulhosa de um simples moço do monte começára a accender outra vez a colera.

— Da mão de vossa magestade já recebi um dom, de que nunca me poderei esquecer — respondeu o criado de sua alteza com voz vibrante e sonora.

— Consinto em fazer-te a graça que me pediste —

interrompeu a rainha, estendendo-lhe a mão de que havia descalçado a luva.

Então Mendonça pôz de novo o joelho em terra, beijou a mão da rainha, e, saudando depois com grande acatamento el-rei e o infante, recuou até ao lugar onde estavam os couteiros, e escondeu-se por entre elles.

— Era Luiz de Mendonça! — disse a rainha a Ninnon d'Amuraude.

— Não dizia eu a vossa magestade, que elle tem um amor, como aquelles de que nos fallam os romances de cavalleria.

— Quem é este homem? — perguntava ao mesmo tempo el-rei a Henrique Henriques.

— É Luiz de Mendonça — respondia este.

— O que foi ao paço com a mensagem do infante?

— Esse mesmo. O amante de Aza.

— E ainda está vivo! — exclamou D. Affonso, batendo o pé de raiva.

— Cumprir-se-hão as ordens de vossa magestade — respondeu o cruel valido.

CAPITULO XLIII.

A TROVOADA.

A caçada real prolongou-se por todo o dia. A côrte, depois de jantar á pressa em Benavente, partiu para uma mata de sobreiros que ficava a meia legua d'alli, e onde se dizia haverem apparecido veados.

A noticia era certa. Os caçadores encontraram no sobreiral uma manada de veados, que foram atrelando com os sabujos até el-rei disparar sobre ella uma pelourada, com tão feliz exito que logo uma das maiores rezes deu signaes de que fôra ferida.

— Vai ferido aquelle ultimo veado da direita, Antonio Rodrigues? — perguntou el-rei, sem demorar o galope do cavallo, ao velho conteiro que o seguia.

— Bem vê vossa magestade que vai ferido — res-

pondeu o couteiro. — Lá cingiu as orelhas atraz com a dor: e vai-se afastando das outras rezes.

— É preciso não o perder de vista. Adiante, adiante! — bradou Affonso VI.

E elle, seguido já de poucos, atravessou a mata, cortou longitudinalmente um extenso sarçal, passou a vau uma ribeira que o inverno tornara caudal, e perdeu-se emfim da vista do grosso dos caçadores. A meia legua além da ribeira já sua magestade era apenas acompanhado pelo couteiro velho Antonio Rodrigues.

— Havemos de a alcançar — prorompeu el-rei, sufocado pelo cansaço e pelo vento que se alevantara rijo e frio, e que elle rompia a custo na sua carreira velocissima.

— Já vai cansado o veado, senhor — respondeu o couteiro. — Afocinhos tres vezes. Em poucos minutos deitar-se-ha na moita.

— Levás a espingarda prestes?

— Aqui está prompta, meu senhor.

O que Antonio Rodrigues acabava de predizer, succedeu. A rez, esfalfada já e sem força para proseguir na fuga, embrenhou-se na primeira moita que encontrou: e foi ali que el-rei a matou, disparando sobre ella a espingarda do couteiro.

Era quasi noite quando el-rei se apeou junto da moita, onde estava palpitante ainda o magnifico veado que elle perseguira por mais de uma hora.

A noite ia chegando rapidamente, porque as nu-

vens, que ao começo da tarde se haviam encastellado no horisonte, tinham rapidamente invadido todo o ceo, impellidas pelo vento do sul.

De quando em quando as nuvens mais espessas e negras pareciam rasgar-se, para dar sahida ao clarão incerto de um relampago; outras vezes o fogo da tempestade suspendia-se um instante, em fórma de globo, entre o ceo e a terra, para depois se desfazer em lagrimas ardentes: e então o mato da planicie e as arvores das montanhas eram sinistramente allumiadas por uma luz baça e livida, e de sobre as aguas dos pantanos parecia instantaneamente levantar-se uma labareda azulada e phosphorecente. O trovão retumbava de montanha em montanha, até se extinguir em surdos rugidos. A trovoadada estava imminente; e comtudo el-rei e o seu couteiro ainda não haviam dado por ella. Algumas grossas gottas de chuva, e o clarão de um relampago, que a obscuridade do ceo deixou manifestar com todo o seu esplendor, seguido quasi instantaneamente pelo trom metallico d'um terrivel trovão, chamaram a attenção dos dois infatigaveis caçadores.

— Parece-me que chove — exclamou el-rei.

— Não passa de algumas gottas de agua — respondeu o couteiro, que observava com toda a attenção o veado morto por el-rei. — É uma bella rez: caça real na verdade....

— Não passa de algumas gottas! Olha o que ahi vem. Julgas que não teremos agua a cantaros?

— Tem vossa magestade muita razão. Eu não ti-

nha dado por tal. Mas agora vejo que não podemos escapar á trovoada, e á chuva...

— Ah! a temos comnosco — acudiu el-rei.

A chuva com effeito principiou a cahir com tal força, que el-rei, montando outra vez a cavallo, ajudado por Antonio Rodrigues, metteu a galope desfechado pela charneca, bradando:

— Deixemos o veado e a caçada; voltemos para Benavente pelo caminho mais curto e a galope.

— É mais perto a Salvaterra, cortando aqui pela direita, senhor — disse o couteiro, que já ia seguindo el-rei.

— Então põe-te adiante de mim e ensina-me o caminho. Eu não sei se os cavallos nos levarão a Salvaterra; mas em quanto elles puderem, adiante.

— Vamos de pressa, meu senhor, antes que os ri-beiros engrossem. Que isto é chuva de fazer cheia. Faz-me lembrar este caso outro que me succedeu com o pae de vossa magestade, que Deus haja: tambem n'uma caçada de veados na tapada de Villa Viçosa. Tinhamos caçado um dia todo de verão. Sua magestade era louco por çaça e por toiros...

— Deixemo-nos de historias. Agora trata-se de andar — interrompeu el-rei.

A tempestade ia cada vez crescendo mais: e a não serem os relampagos, que se succediam uns aos outros quasi sem intervallos, Antonio Rodrigues ter-se-ia perdido a cada instante. De momento para momento as difficuldades do caminho augmentavam; porque a chu-

va alagava tudo, e o cansaço dos cavallos não lhes consentia já caminharem, senão a passo.

— É sem fim este caminho! — bradou Affonso VI, depois de ter andado por mais de uma hora em silencio atraz do velho couteiro — Tu perdeste-nos de certo.

— Não, meu senhor. É este o caminho; e já não estamos longe. Se não fossem estes excommungados lameiros chegaríamos a Salvaterra n'um ai.

— Se os cavallos andassem! O meu já se foi a baixo por duas vezes; e não tarda que me deite ao chão.

— Não me lembra de ter visto outra trovoadá assim; a não ser na noite em que me perdi com o senhor D. João IV, que Deus tem, na tapada de Villa Viçosa.

— Tornamos á historia?! Já te disse, que não queria contos agora. O infante e a pandilha dos fidalgos — proseguiu o rei, deixando-se levar pela colera que havia uma hora lhe reservia n'alma — o infante e a pandilha dos fidalgos estão a estas horas no paço, sem chuva e sem frio, a aquecer-se á lareira, em quanto eu por aqui ando perdido por estas charnecas; e nem se lembram de que os posso metter a todos n'uma torre, ou mandal-os para Africa. Hei de lhes dar uma lição que lhes fique de memoria. Não achas que tenho razão?

Esta pergunta, que seria embaraçosa para qualquer cortezão acostumado a evitar em todas as occasiões o manifestar a sua opinião sobre as coisas, e principalmente sobre as pessoas, não fez ao singelo e leal couteiro nenhum abalo. Elle respondeu com a simplici-

dade com que responderia a uma pergunta sobre o modo de atrelar o veado, ou de cevar um sabujo:

— Não creio que os fidalgos, e sobre tudo sua alteza, se esquecessem assim de vossa magestade. Nós fizemos uma grande volta, e por isso os não encontramos. Mas é provavel que elles andem pela liziria em busca de vossa magestade.

— Tu pensas isso? Pois olha que te enganas. Elles o que querem é vêr-se livres de mim.

— Meu senhor, vossa magestade não é justo para com os seus vassallos.

— Atreves-te a dizer que não sou justo?

— Eu já sou velho, senhor, e toda a minha vida tenho fallado verdade.

— Mas esqueces-te de que fallas comigo — bradou Affonso VI fóra de si.

— Sempre ouvi dizer que aos reis se não devia mentir — respondeu o velho socegradamente. — E era assim que pensava o senhor D. João IV, de gloriosa memoria; a quem eu muitas vezes disse o que nenhum cortezão se atreveria a dizer-lhe.

Affonso VI tinha no character a furia descomedida e desarrazoada do doido, e a fraqueza timida e candida da creança. Tudo n'elle era incompleto. A sua bondade não era bastante para o fazer preferir as acções generosas ás mesquinhas, a gloria aos prazeres, o perdão á vingança; e comtudo não era mau, a ponto de não o impressionarem as palavras singelas de um homem simples e virtuoso. Não podendo responder com

cólera á grave lição que Antonio Rodrigues acabava de lhe dar, porque a furia lhe tinha passado já, e não querendo confessar o seu erro, porque o orgulho lh'o não consentia, Affonso VI tomou o partido que muitos tomam em taes occasiões. Guardou silencio.

A chuva tinha abrandado um tanto. El-rei e o seu couteiro continuaram a caminhar silenciosos; até que, ao clarão vivo, mas intermittente dos relampagos, descobriram a pouca distancia Salvaterra, dominada pelas torres ponteagudas do palacio real. N'aquelle instante sabiam da villa e corriam em todos os sentidos muitos cavalleiros com archotes accesos.

A scena era bella e phantastica. Um rei perdido no meio de uma extensa charneca, apenas acompanhado por um couteiro velho; ambos silenciosos, ambos preoccupados; um pela magoa do orgulho offendido, outro pela saudade de um rei que fôra sincero e magnanimo para com elle: ao longe, ora apparecendo brilhante como se a illuminara o sol da primavera, ora sumindo-se em trevas densissimas, a villa em que avultava o real palacio, a que a incerteza da luz e o mal definido das formas dava proporções colossaes: correndo em todas as direcções, cruzando-se, approximando-se para se afastarem, afastando-se para de novo se approximarem, centenaes de fachos, que por vezes pareciam levados pelo vento através da solidão e da obscuridade, por vezes guiados pela mão fatal dos espiritos maleficos por entre os tremendos paroxismos da tempestade: finalmente, os multiplicados bramidos de trovoada, a

que sobresahiam por instantes os sons clamorosos e melancolicos da voz dos cavalleiros que buscavam Afonso VI: tudo contribuia para augmentar a sinistra grandeza d'aquella noite medonha.

— Hoje é sabbado — resmungou o couteiro por entre dentes, mas de modo que el-rei ouviu.

— E que tem isso? — perguntou este.

— É dia de se juntarem feiticeiros e bruxas á hora da meia noite. E bem parece que já andam á solta por ahi. Eu por mim nunca vi noite mais horrivel.

— Tens medo?

— Saiba vossa magestade que eu medo não o tenho; porque bem sei que sempre ha de succeder o que Deus fôr servido. Mas antes queria estar a esta hora á lareira com a mulher e os pequenos, do que n'esta maldita charneca.

— Não vês Salvaterra já alli, e todos esses homens que nos procuram? Agora não ha que temer.

— O diabo sabe bem as traças de que se deve servir para nos enganar — acudiu Antonio Rodrigues. — Para tudo tem artes as bruxas. De um caçador sei eu, que, enganado pelo demonio, foi correndo atraz de um veado por montes e valles um dia inteiro...

— E depois?

— Depois, quando se fez noite, o veado tornou-se luminoso como se fosse de fogo, e continuou a correr, a correr sempre.

— E o caçador deixou-o correr?

— O caçador já não sabia onde estava. Parecia-lhe

vêr diante de si uma planície immensa, toda coberta de mato, como esta; e ao cabo da planície branquejar a villasinha que elle habitava. Correu, correu atraz do veado encantado; e dava graças á sua boa sorte por ver que se ia cada vez approximando mais da sua terra, sem comtudo perder de vista a rez.

— Matou-a, heim? — perguntou el-rei, a quem este caso, analogo ao que lhe estava succedendo a elle, principiava a interessar.

— Não matou, senhor. O veado quasi ao chegar á villa sumiu-se subitamente, sem que o proprio caçador, que levava n'elle os olhos pregados, pudesse dizer nem como, nem para onde. Mal o diabo, porque era o diabo que assim levava o caçador enganado com aquella fórma e apparencia de veado, mal o diabo se apartou da vista do pobre caçador, logo este se achou rodeado de muitos vultos negros de feia catadura e desmedida grandeza, que se lhe acercaram, agarraram-o, e já o iam levando para uma caverna que alli havia aberta no chão, quando elle se lembrou de chamar pelo santo nome de Christo, Senhor nosso.

— Que tal ficariam os demonios depois d'isso!

— Arrebentaram todos como bombas, meu senhor. Foi uma tremenda bulha. Espalhou-se no ar uma nuvem de espesso fumo, e um cheiro insupportavel de enxofre.

— O caçador teve grande medo?

— Cahi no chão e não deu mais tino de si até ao outro dia de madrugada. Acordou frio de pedra; e viu

então que tinha cahido dentro de um charco, n'uma charneca que ficava a muitas leguas da villasinha em que elle vivia, e que lhe parecera na vespera ficar mesmo alli á mão.

— Era outra a terra que elle tinha visto?

— Não era nada. Uma illusão do diabo, e nada mais. A charneca era um perfeito deserto, em que se não enxergava viva alma.

Fallando assim de feitiçarias e supersticiosos terrores, el-rei e Antonio Rodrigues chegaram perto de uma immensa fogueira, que elles julgavam haver sido accendida para lhes servir de farol, um pouco á direita de Salvaterra, nas proximidades do palacio. Foi só então que elles descobriram em roda da fogueira alguns vultos, e a pouca distancia oito ou dez choças pyramidaes de palha e mato, dispostas n'um arco de circulo, e com as entradas voltadas para o lado onde ardia a fogueira.

— É uma matilha de ciganos, dos que costumam passar por estes sitios, quando vossa magestade está em Salvaterra — disse o coureiro.

— O que vem elles fazer aqui?

— Roubar no povoado e no campo, enganar os simples com a sua giria; e ler a buena-dicha a quem os quer ouvir. Ahi vem direita a vossa magestade uma das suas bruxas a fazer momices e tregeitos hediondos.

Com effeito, uma figura de mulher, esguia, descomposta, desconjuntada, semelhante a um esqueleto, mal coberta com um panno negro, que, por molhado,

se lhe amoldava a todos os angulos, se lhe enroscava nos ossos quasi descarnados, vinha, dando pulos e torcendo-se n'uma como dança de bacchante, direita a Affonso VI, que já n'esta occasião havia chegado a poucos passos da fogueira. A cigana trazia os cabellos, brancos como a neve, soltos ao vento; e na mão direita brandia, á maneira das Euménides da mythologia antiga, um facho que por instantes a illuminava com luz vermelha e sinistra.

Parando defronte d'el-rei, a pavorosa bruxa começou a bradar com voz rouca e tremula, e a brandir sempre o facho fulgurante:

— Bemditos os esconjuros que m'o trouxeram aqui.

E logo depois, pondo-se a correr em roda do cavallo de Affonso VI, começou a cantar lenta e funebremente:

— Esconjuro-vos, resconjuro-vos todos, demonios da carnicaria, demonios da pescadaria, esconjuro-vos, demonios dos hortelões, demonios do curral, todos juntos vinde, juntai-vos, no coração de Affonso entrai, trazei-m'o aqui prestes, sem tardar; não o deixeis comer, nem beber, nem socegar, nem dormir, nem repousar, até vir ao meu mandar, e me seguir aonde eu o levar.

— Que esconjuros estás fazendo ahí, bruxa excomungada? — bradou el-rei, levando a mão á faca de mato.

— Esconjuros são para bem de quem os ouve — respondeu a cigana no mesmo rithmo funebre. — Vem

comigo, e verás. Por ti esperava, por ti chamava; vieste, porque os demonios te trouxeram, vieste para ver o que não quizeras ver.

— Quem és tu? — perguntou o rei, reportando-se.

— Zaída, sou Zaída. A mãe desditosa; a serva do demonio que me não quer dar minha filha. Por tua causa, por causa do rei e do vassallo morreu minha filha Aza. Quero dar-lhes o pago, vem comigo.

E ao dizer isto, Zaída fez um gesto imperativo; e agitando o facho acima da cabeça de modo que no ar se espalhou um sem numero de faiscas, pôz-se a caminhar em direitura a Salvaterra.

A poucos passos, porém, vendo que a seguiam os dois cavalleiros, parou; e com voz imperiosa:

— Basta que um me siga; o rei e não o vassallo — disse. — Para o rei fiz os conjuros; e se outro vier com elle, é como se nada se tivesse feito.

— Fica tu aqui; Antonio Rodrigues — ordenou Affonso VI ao couteiro

— Meu senhor...

— Não ha que recear. Quero ver onde esta maldita feiticeira me leva. Talvez ella tenha algum segredo a revelar-me.

N'este momento passou, a pouca distancia dos caçadores, um homem montado n'um cavallo escuro e embuçado n'uma capa; o qual, ao ouvir a voz d'el-rei, pareceu hesitar um instante entre parar ou proseguir na sua carreira. Esta hesitação foi apenas momenta-

nea: soltando a redea ao cavallo, e cravando-lhe os acicates, o cavalleiro desapareceu na obscuridade.

El-rei seguiu a bruxa, que continuava na sua andadura incerta, saltitante, convulsiva, a approximar-se de Salvaterra. Quando chegaram a um lugar onde os não allumiava já o clarão da fogueira dos ciganos, Zaída parou outra vez; apagou o facho na agua da chuva empoçada no chão, e dizendo a Affonso VI que se apeasse e a seguisse em silencio, prescripções a que elle se sujeitou sem contestar, approximou-se vagarosamente de uma casa terrea de que mal se percebia o contorno irregular no fundo tenebroso do ceo.

Pegando da mão de el-rei, e recommendando-lhe com breve e imperioso tom que escutasse, Zaída chegou-se a uma porta, cujas fendas estreitas não deixavam perceber nada do que se passava no interior da casa. Então sua magestade ouviu uma voz de mulher, que dizia com suavissima ternura:

— Se me visse apartada de ti para não mais te ver, morria de saudades... ou matava-me para não padecer com ellas.

E confrangeu-se-lhe o corpo todo, como se houvessem despedido sobre elle uma forte descarga electrica. A voz que dizia aquellas meigas palavras era a voz da Calcanhares.

— Quero... — bradou el-rei suffocado.

A voz calou-se, mal el-rei soltou este brado.

— Cale-se — murmurou a bruxa pondo-lhe a mão na boca. — Olhe vossa magestade, e veja — proseguiu

ella, afastando com esforço uma das taboas da porta, que, mal segura, deu algum tanto de si.

Affonso VI olhou pela fenda que se abrira, e viu no meio da casa, de pé, n'uma posição em que se deixava perceber a anciedade, o susto, o pavor, com os braços enlaçados, e os rostos pallidos reclinados um no outro, Francisco d'Albuquerque e a formosa Margarida. El-rei ia para gritar, mas a voz afogou-se-lhe na garganta, ia para arrombar a porta, mas faltaram-lhe as forças para se mover. Este instante de immobibilidade e silencio foi bastante para desaparecer como por encanto aquella visão, graciosa para um pintor que a admirasse com olhos de artista, horrivel para el-rei, que a via com olhos de cioso. A casa ficou em profundas trevas, e el-rei nada mais ouviu senão a voz de Zaída, que lhe segredava ao ouvido:

— Não ouve o galope surdo de um cavallo na terra molhada? São elles que fogem.

Tornou então a si o raivoso monarcha; e poz-se a bradar e a bater, como um possesso, com o punho da espada na porta da arruinada casa.

Acudiram então logo alli alguns dos criados do paço que andavam pelo campo em busca de el-rei; mas antes d'elles appareceu o conde de Castello-Melhor a pé, e com a espada nua na mão.

— Que quer vossa magestade: que tem, meu real senhor? — perguntou o valído, ao chegar proximo do rei. — Todos estavamos assustados, afflictos por esta ausencia...

— Persegue-os. Vê se ainda os podes agarrar — clamou D. Affonso.

— A quem, a quem manda vossa magestade que eu persiga?

— A elles. Estavam aqui n'esta casa; Margarida e...

— E quem, meu senhor?

— E o Albuquerque, o criado do infante.

— Esse morreu. Não sabe vossa magestade que o mataram; e que me accusam a mim, accusação injusta como tantas outras, de o ter mandado matar?

— Então... — acudiu el-rei com pasmo.

— Foi uma illusão que vossa magestade teve. D'esta casa não sahiu ninguem, posso affirmar-o a vossa magestade. Eu venho de Salvaterra e não vi ninguem.

Ordenando então a alguns dos criados do paço, que tinham acudido com archotes accesos, que cercassem a casa, e a outros que lhe arrombassem as portas, o conde mostrou a el-rei que ella estava inteiramente inhabitada.

— Foi esta bruxa maldita que enganou a vossa magestade — disse o valído, depois de ter explorado com D. Affonso todos os cantos da arruinada casa.

— Foi? Seria talvez... — murmurou el-rei perplexo.

— Estas bruxas para tudo tem artes; até para invocarem a sombra dos mortos, como esta fez agora. Mas ella dará na santa inquisição conta dos seus crimes, e do pacto que tem com o demonio.

— Pois sim, conde: manda essa bruxa para a inquisição. E agora vamos a casa de Margarida, que a quero ver, quero-lhe fallar.

— Vossa magestade esquece-se de que a rainha minha senhora está esperando anciosa... — acudiu o conde.

— Quero que se faça a minha vontade — interrompeu el-rei colerico.

Pondo então, sem mais dizer palavra, o joelho em terra para el-rei montar, e saltando depois n'um cavallo que alli tinha á mão um dos criados do paço, que acudira aos gritos de sua magestade, o conde partiu para Salvaterra com seu amo; ordenando aos da patrulha real, que estavam misturados com os outros criados, que conduzissem a velha Zaída ao carcere do palacio.

CAPITULO XLIV.

PRESENTIMENTOS.

N'este mesmo dia da caçada real, de madrugada, chegara a Salvaterra a Calcanhares, que o conde de Castello-Melhor, sempre com o fim de conservar influencia activa sobre o animo de el-rei, que tendia constantemente a escapar-se-lhe, mandara buscar a Lisboa.

Apenas em Salvaterra, logo Margarida ordenou á sua aia e confidente indagasse noticias de Francisco de Albuquerque; e como por sua parte este tambem havia encarregado Diogo Cutilada de procurar Margarida, os mensageiros dos dois amantes em breve se encontraram. De modo que, quando a côrte partiu para a montería, já estava ajustada a hora e o logar em que elles se encontrariam.

Ao cahir da tarde a Calcanhares, acompanhada

apenas pela aia, sahiu de sua casa, que ficava a pouca distancia do palacio real, por detraz da falcoaria, e dando uma larga volta, dirigiu-se a uma casinha terrea e baixa, situada a uns quinhentos passos da villa. A porta da pequena casa estava cerrada apenas, e Margarida entrou sem hesitar. Já lá a estava esperando o namorado capitão Francisco d'Albuquerque, que anhelava por ver-se outra vez junto da sua amada, n'aquelle *engano d'alma*, n'aquelle enlevo doce e apaixonado, brando e penetrante, que só um amor verdadeiro póde dar.

Sós, porque a aia de Margarida ficara de guarda á porta, os dois amantes lançaram-se nos braços um do outro; e durante minutos não se ouviram n'aquella pobre casa senão as palavras soltas, incoherentes, balbuciadas, suspiradas, que são a mais dramatica e sincera expressão das paixões impetuosas, quando affluem em tumulto ao coração.

Quando sentiu mais livre a voz, menos agitado o espirito, a Calcanhares exclamou:

— Que imprudencia esta nossa!

— O que chamas tu uma imprudencia, Margarida? O vemos-nos, o encontrarmos-nos aqui, para fallarmos do nosso amor, e contarmos as nossas saudades, o padecer da ausencia, o martyrio d'esta separação?

E Francisco d'Albuquerque beijou com fervor, com adoração as mãos da Calcanhares.

— De um momento para o outro podem voltar da caça, e dar pela minha falta.

— Fugiremos.

— Não temos para onde. E as minhas... as nossas promessas...

— Que importam promessas, quando cumpril-as é morrer a fogo lento, é consumir-se em incomportaveis tormentos.

— Mas, eu uma triste mulher escrava, porque o sou, tu um pobre capitão; criado de sua alteza, sem protecção, sem nada, que podemos nós fazer contra a vontade de tantos grandes e poderosos?

— Pedirei auxilio ao senhor infante; pedir-lhe-hei...

— Não te attenderá. Sua alteza — permite-me que eu te falle com sinceridade: tu és homem, mas não conheces os grandes, como eu, meu querido Francisco — Sua alteza julga-te morto; e faz-lhe conta que tu estejas morto. É mais uma accusação contra o valido...

— O senhor D. Pedro quererá então a nossa fuga, para que se não saiba mais de nós na côrte — acudiu o capitão.

— Já te não lembras do que passaste com o padre Manuel Fernandes? Recebi a carta que me escreveste antes de sahir de Lisboa; e o jesuita... Eu já me confessei ao padre Fernandes. Os jesuitas querem saber por mim os segredos d'el-rei e do Castello-Melhor, e não consentirão que eu me afaste da côrte.

— O que podem os jesuitas?

— Podem tudo, Francisco. É d'elles que treme o conde; é d'elles que se arreceia el-rei. Sinto-me per-

dida no meio de tantas paixões, de tanta ambição, de tantos interesses luctando sempre, de tantos odios implacaveis. Eu, fraca mulher, como poderei resistir á força de tantas vontades?

— Não percas o animo, Margarida. Havemos de vencer todos os obstaculos que se oppozerem á nossa felicidade. O nosso amor ha de ser mais poderoso do que os poderosos. E de mais, não nos prometeu frei Pedro de Sousa a sua protecção?

— O conde oppor-se-ha a tudo.

— Não, prometeu o padre Manuel Fernandes salvar-nos?

— Mas com a condição de eu ficar na côrte mais alguns dias.

— Então...

— Esses dias tornar-se-hão em annos, se assim fôr necessario aos interesses da companhia. Has de espantar-te de me ouvir fallar d'este modo — proseguiu a formosa Calcanhares, sorrindo tristemente — mas lembra-te do quanto eu tenho padecido, e saberás como aprendi todas estas coisas. Não sei porque, mas sinto uma como nuvem negra sobre o coração; tenho aqui um presentimento de que não voltarão dias como aquelles que passamos um com o outro. Tu, morto para o mundo...

— Ainda o estou; para ti só estou vivo.

— E para o padre Manuel Fernandes; para os jesuitas tambem estás vivo. Não voltarão dias como aquelles! Foi uma imprudencia o que fizemos, foi uma

loucura sahir eu de casa a esta hora; quando el-rei, quando Henrique Henriques estão a chegar por instantes da caça, e podem dar por tudo, mandarem-te assassinar...

— Não receies nada. Deus não póde permittir...

— Francisco, é melhor separarmos-nos; voltarmos para Salvaterra. É noite, quasi noite cerrada, e o tempo está assustador.

— Não tinha dado por tal.

— Nem eu. Mas olha, vê como se tem ennegrecido o ceo; e com que rapidez se succedem os relampagos.

— Já se ouvem perto os trovões. Tens razão, Margarida — proseguiu Francisco d'Albuquerque suspirando — é preciso separarmos-nos antes que aumente a tempestade. Para nos tornarmos a ver quando?...

— Logo que puder ser. Amanhan talvez...

— Ai, permitta o ceo que assim seja.

— Não te esqueças de me ter sempre amor — acudiu a Calcanhares com um sorriso, d'esses que são mais tristes do que o pranto; que são destinados a consolar, porém que fazem partir o coração de quem os vê.

— Quem se ha de esquecer do ceo, depois de ter vivido com um anjo?

E a estas seguiram-se muitas outras phrases, que o amor dictava, e que a sinceridade da paixão tornava eloquentes, poeticas, sublimes.

No entretanto a tempestade, torva e sinistra, ia estendendo pelo ceo as suas pesadas sombras; e o rugido do trovão, acompanhado pelo sibilo do vento, troava

pelos valles, cada vez mais temeroso. E quando no fim de uma longa despedida, em que aos amargores dos maus presentimentos se misturavam as ineffaveis doçuras do amor, os dois amantes se quizeram separar, a chuva, cahindo em torrentes, inundava os campos, e tornava quasi impossivel a volta de Margarida para Salvaterra.

— Que se ha de fazer agora! — exclamou a Calcanhares ao chegar á porta da casa para sahir. — Voltar para Salvaterra é impossivel com esta chuva; e é já noite... é tarde.

— Esperaremos que pare a chuva, e então irás.

— Não vês a sahirem de Salvaterra, e correndo em todas as direcções cavalleiros com archotes accesos? Que será?

— Ainda havia ar de dia, quando a côrte entrou em Salvaterra. Já chovia agua a cantaros — interrompeu a aia de Margarida, que tinha ficado, como o leitor sabe, de vigia á porta. — Agora, ha um bocado, que estão sahindo do palacio homens com luzes...

— Talvez Henrique Henriques ou el-rei dêsse pela minha falta — exclamou a Calcanhares fóra de si — e me andem procurando. Que se ha de fazer, meu Deus; que havemos de fazer agora?

— Esperar; não ha remedio senão esperar. Ter confiança na protecção divina, e esperar — respondeu o capitão.

— Nem n'este momento seria prudente sahir — acudiu a aia. — Anda por aqui perto um vulto negro

de mulher, que parece, que talvez seja alguma bruxa; e então... *abrenuncio*. Credo. Deus seja connosco. Deixemos abrandar um pouco a tempestade.

— É melhor ficar — disse Francisco d'Albuquerque, a quem o desejo de estar com a sua amada fazia ter em pouco todos os perigos.

— Fechemos a porta então. — E a aia da Calcanhares, acompanhando a palavra com o gesto, fechou immediatamente a porta.

— Estamos mais em segurança agora com a porta fechada — proseguiu a aia. — Não nos verá a tal bruxa que por ahí anda; se é bruxa e não o diabo em pessoa. Deus se amerceie de vós, amen!

— Vou ver o que é — acudiu Francisco d'Albuquerque.

— A Senhora da Penha o livre de tal! Esperemos que passe a tormenta. Santa Barbara bemdita... Eu vou accender a candeia que vi alli pendurada na cozinha.

— E se o campino, que é o dono d'esta casa, vier agora, e me vir e nos encontrar aqui juntos, que se ha de fazer, Francisco? — interrompeu a Calcanhares.

— Não vem. Elle cedeu a casa ao Diogo Cutilada até ámanhan; e é homem seguro.

A aia de Margarida tremendo de medo, e mais para se dar conforto a si do que para servir sua ama, accendeu a candeia do campino, e pendurou-a n'um prego que havia para esse fim cravado na parede.

Os dois amantes, detidos pela chuva e pelo receio

de serem encontrados pelos cavalleiros, que tinham visto a correr pelo campo com archotes na mão, em pouco tempo esqueceram de todo o perigo em que estavam para pensarem unicamente um no outro.

Tirou-os d'este brando e doce esquecimento o ruido surdo de um cavallo, gallopando na terra molhada, que vinha do lado da casa que olhava para Salvaterra; e logo depois a voz de Affonso VI, pronunciando do outro lado da casa algumas palavras que os dois amantes não puderam perceber.

O terror, como o impulso de uma força sobrenatural, fel-os pôr de pé, hirtos, suffocados, sem voz, e quasi sem sentimento. Julgavam-se perdidos, mortos ambos sem remissão, quando subitamente viram perto de si o conde de Castello-Melhor, pallido e demudado pelo susto, porém não opprimido, não paralisado, não desvairado como elles.

— O conde valido apagou a luz da candeia. Aproximando-se depois de Francisco d'Albuquerque, e agarrando-lhe no pulso:

— Foge d'aqui se queres salvar a vida d'esta mulher e a tua — disse em voz tão baixa, que só a excitação do medo a podia fazer perceptivel. — Foge sem detença; mas dá-me antes a tua palavra de honra que has de...

— Que hei de... — acudiu o capitão, cobrando animo.

— Levar Margarida a Salvaterra; para sua casa.

— Mas... é expol-a...

— Não tem perigo. Dá-me a tua palavra...

— E se...

— Dá-m'a, senão estão perdidos ambos.

— Dou-lhe a minha palavra, senhor conde.

— Bem. Agora saiam. Está á porta um cavallo. É forte o cavallo, e Salvaterra fica perto. Partam todos tres, a aia de Margarida tambem. Nem mais uma palavra. Vão-se.

Era tempo: porque el-rei já estava batendo com violencia á porta, e de um instante para outro a podia arrombar. Francisco d'Albuquerque partiu para Salvaterra, levando nos braços as duas mulheres quasi desmaiadas. O que se passou depois entre o Castello-Melhor e el-rei, já fica contado no capitulo anterior.

Á porta da casa da Calcanhares, os dois amantes separaram-se, sem que entre elles se trocasse uma palavra sequer. A dôr suffocava-os; um presentimento fatal havia destruido n'elles toda a esperança, e acordado mil confusos terrores; e por isso não ousavam communicar-se um ao outro o intimo do seu pensamento.

Margarida, mais morta do que viva, subiu as escadas, encostando-se, para não cahir, ás paredes e ao braço da sua aia; e apenas entrou no quarto, deitou-se ou antes arrojou-se, n'um accesso de violenta desesperação, sobre um estrado, dando livre expansão aos soluços, aos gemidos, aos gritos, que a dôr moral, mais acerba e pungente do que a dôr physica, involuntariamente lhe arrancava do peito.

A aia afflicta, assustada tambem, porém mais senhora de si do que a Calcanhares, foi-lhe a custo tirando os vestidos salpicados de lama, foi-lhe enxugando os cabellos que a chuva humedecera, e concertando enfim todos os desalinhos que as agitações d'aquella noite tempestuosa lhe haviam causado.

Margarida permanecia ainda como insensivel para tudo quanto a cercava, e não descontinuara de chorar, e lamentar-se, quando na escada resoavam já os passos pesados, lentos, e embaraçados d'el-rei.

— Senhora, minha rica senhora — exclamou a aia da Calcanhares, sacudindo-lhe o braço para a tirar do torpôr em que estava, e enfiando-lhe á pressa as mangas de renda de uma *roupa de chambre* branca : — minha ama, abi vem el-rei. Já vem subindo a escada. Torne em si; cobre animo; não se deite a perder, não nos deite a perder a todos, ao senhor Francisco d'Albuquerque...

Margarida levantou-se por um esforço prodigioso. O seu gesto triste e aterrado; a expressão dos formosos olhos espavoridos, em que as lagrimas suspendidas apenas parecia haverem-se solidificado sem perderem nem a diafanidade, nem o brilho; as ondulações dos cabellos cahindo profusamente sobre os hombros meio descobertos; as pregas fluctuantes da tunica branca que deixavam adivinhar a gentileza e perfeição das formas, que por baixo d'ellas se escondiam; o clarão vacillante d'uma lampada de prata, que illuminava vivamente o rosto de Margarida, deixando em meia obscu-

ridade o resto do corpo; tudo lembrava um d'esses quadros de Rembrandt ou de Gherardo *delle notti*, bellos pela naturalidade do desenho, admiraveis sobre tudo pelos energicos contrastes da luz e da sombra.

Margarida poz-se de pé; mas não poude nem andar, nem mover-se, nem balbuciar uma palavra, quando el-rei assomou á porta do quarto.

— Cobre animo, minha senhora — murmurou-lhe ao ouvido a aia, antes de sahir. — Olhe que a sua vida e a do senhor capitão dependem de uma palavra sua.

El-rei entrou no quarto, quasi tão pallido e tremulo como a Calcanhares. O chapeo enterrado até aos olhos e assombrando-lhe o rosto, os vestidos molhados, amarrotados, cobertos de lama, davam-lhe um aspecto sinistro.

— Margarida — disse elle approximando-se do estrado em que a Calcanhares se deixou outra vez cahir sem alento — Margarida... não me esperavas aqui?

— D. Margarida — acudiu o conde valído, que seguia D. Affonso — não se afflija mais. Bem vê que el-rei já voltou, que lhe não succedeu mal. Animo, D. Margarida.

— Que tens, não respondes? — E sua magestade, quasi fóra de si, apertou com violencia a mão da sua desditosa victima, que soltou um grito de dôr.

— D. Margarida estava angustiada pela ausencia de vossa magestade, como nós todos, mais do que todos nós...

A dôr physica deu á Calcanhares a consciencia da

sua situação, e ella poudo instantaneamente perceber a grandeza do perigo que lhe estava imminente. Com aquella espontaneidade de acção, aquella coragem de inspiração que é o caracteristico das mulheres sensíveis, cingiu com os braços o pescoço d'el-rei, e reclinando com brandura a cabeça sobre o peito d'elle, para assim esconder melhor as lagrimas que lhe rebentavam dos olhos e o tremor convulso dos labios desbotados, que a repugnancia e o susto contrahiam, murmurou baixinho :

— É verdade, senhor ; estava n'uma angustia horrivel... e foi tal a felicidade que senti em ver a vossa magestade, que não tive força para fallar.

E vendo que D. Affonso se não deixava abrandar com aquelles afagos, proseguiu ainda mais baixo :

— O receio só de te perder, meu rei, seria capaz de me matar. Eu amo-te...

El-rei, sem responder palavra, tirou o chapeo que deitou para o chão, e sentou-se lentamente n'uma cadeira. Seguiu-se um momento de silencio, em que parecia, pela angustia que se lhe pintava no rosto, que a Calcanhares e o privado tinham a vida suspendida dos labios do rei.

— Margarida — disse este por fim com rudeza — crês em feitiçarias ?

— Creio, meu senhor — respondeu ella.

— E julgas que é possivel a uma bruxa mostrar á gente o que não existe realmente ?

— Senhor, tudo é possível ao demonio, e áquelles a quem elle serve.

— Margarida, eu já esta noite te vi.

— Agora.

— Não; ha meia hora talvez.

— A mim?

Affonso VI calou outra vez, e ficou immovel, com os olhos pregados nos olhos de Margarida. Via-se que elle balançava entre a cólera e a duvida: entre a raiva e um sentimento menos violento.

— Tu não sahiste hoje d'aqui? — perguntou elle depois de longo silencio.

— Bem vontade tinha eu d'isso — respondeu a Calcanhares, sempre suffocada pelo susto — bem vontade tinha eu de sahir d'aqui...

— Para que?

— Para ir em busca de vossa magestade.

— E não foste?

— Não me atrevi... não tive animo...

— Margarida, ou tu mentiste agora; ou então... estás em perigo de ser enfeitçada. Diz-me a verdade, minha querida Margarida; conta-me tudo a mim. — Dizendo estas ultimas palavras, el-rei tomou um tom de brandura e meiguice.

A desditosa Margarida teve tentação de abrir a sua alma a el-rei, de lhe narrar a historia dos seus amores, e de lhe pedir perdão depois. Ao seu coração leal e sincero repugnavam aquelles enganos, aquelles fingimentos, aquellas falsidades, a que a constrangiam os

perigos da sua posição, a vontade do conde válido, e os conselhos de frei Pedro de Sousa. Ia quasi a quebrar o segredo e a perder-se talvez, quando um gesto do Castello-Melhor, que exprimia a anciedade, a colera, a supplica, veio detel-a.

— A verdade, a verdade é o que eu disse a vossa magestade — balbuciou ella. — Não sahi d'esta casa.

— Então o que eu vi...

— Foi uma feitiçaria da maldita bruxa cigana, que quiz enganar a vossa magestade — interrompeu o conde.

— Talvez. Foi feitiçaria, foi. Mas acho-te triste, Margarida, inquieta, desassocegada — proseguiu o rei — Eu já aqui estou ao pé de ti, e não te vejo alegre.

— O susto fez-me mal. Estou doente... dóe-me a cabeça; não sei o que tenho. — E a Calcanhares, obedecendo a um olhar do privado, abraçou de novo D. Affonso.

— Seja como fôr — bradou este pondo-se de pé, e desenleando-se dos braços da Calcanhares — eu hei de saber a verdade. Estes mysterios desagradam-me...

— Não ha mysterios nem segredos para vossa magestade aqui. A verdade é o que vossa magestade vê.

— Tens razão — proseguiu Affonso VI, entre colerico e vencido pelos afagos da sua amante: — tens razão, Margarida. A verdade é o que eu estou vendo; e a bruxa ha de confessar todos os seus crimes.

— Vou mandal-a entregar já ao santo tribunal — interrompeu respeitosamente o conde de Castello-Melhor.

— Fazes bem, conde: e eu quero assistir ao interrogatorio.

— Far-se-ha a sua vontade, meu senhor. E agora...

— Agora o que?

— Se vossa magestade me permite, que eu tome a liberdade de lhe lembrar...

— O que? Não hesites. Permitto-te que me lembres o que quizeres.

— Peço licença para lhe lembrar, real senhor, que a rainha, minha senhora, está esperando por vossa magestade.

— Tens razão. Vamos. Não quero fazer esperar a rainha.

— Sua magestade estava afflicta pela demora...

— Todos aqui estavam afflictos por minha causa, segundo vejo — interrompeu el-rei com um sorriso, em que transparecia a colera. É muita ventura ser rei. Pois vamos consolar os afflictos.

E pegando no chapeo, que o escrivão da puridade lhe apresentava, el-rei sahiu sem dizer mais palavra a Margarida.

Quasi ao entrar no paço, sua magestade voltou-se subitamente para o conde, e disse-lhe:

— Conde, estes meus amores com Margarida são um escandalo para a côrte e para o reino todo. A rainha é a rainha; e é necessario que eu me lembre d'isto. A rainha diz que a coroa vai ter um herdeiro; e eu

quero mostrar-lhe a minha gratidão por ella assegurar por este modo a felicidade de Portugal.

El-rei não disse mais nada; mas o conde sentiu faltarem-lhe as pernas, e um frio de gelo correr-lhe por todo o corpo.

CAPITULO XLV.

O INQUISIDOR GERAL.

Eram apenas oito horas da manhan, quando uma enorme liteira pintada de vermelho, com seus cupidos dourados nos cantos, e armas reaes nas portinholas, guiada por dois liteireiros vestidos de vermelho, desembocando da rua dos Escudeiros, e atravessando o rocio de Lisboa na sua maior extensão, foi parar á porta do negro e sombrio edificio, onde se passavam os terriveis e cruentos mysterios da inquisição.

Mal um dos liteireiros abriu a liteira, logo de dentro saltou o conde de Castello-Melhor, emboçado n'uma capa á franceza, e com o chapeo de plumas enterrado até aos olhos; e entrando na portaria, tocou uma sineta que sostinham dois varões de ferro pregados na parede. Ao som da sineta acudiu logo o porteiro, e com uma voz rude e secca, disse ao conde:

— Que manda, meu fidalgo?

— Quero fallar ao senhor inquisidor geral — respondeu o Castello-Melhor.

— O senhor arcebispo agora mesmo se levantou, e já está trabalhando no serviço de Deus e do santo tribunal.

— Vai dizer ao alcaide dos carcereos secretos que o conde de Castello-Melhor deseja fallar ao senhor D. Verissimo de Lancastre.

— É vossa excellencia! então póde entrar. Entre vossa excellencia; vá subindo, que lá em cima está o meirinho na casa da espera.

O valído subiu a larga escada de pedra que levava á sala de espera do *santo* tribunal; casa immensa, de abobada, forrada de azulejo, cercada toda em roda de um assento de pedra, e com uma cruz negra, que apanhava de alto a baixo a parede que ficava no intervallo das duas enormes janellas, fechadas por uma rotula coberta de pó e de teias de aranha, por onde entrava luz baça e frouxa, mesmo áquella hora. Abi encontrou a cabecear a um canto o meirinho, que, para compos-tura, apertava entre os dedos os enormes bogalhos de um rosario monstruoso. Foi preciso que o conde o saudisse por duas vezes, e outras tantas lhe explicasse o que queria, para elle se levantar do banco em que a preguiça o havia sentado: por fim poz-se de pé, e esfregando os olhos, bocejando e resmungando uma Ave-Maria, foi dar parte a D. Verissimo de Lancastre, que o ministro de Affonso VI lhe desejava fallar.

Um instante depois o conde de Castello-Melhor, tendo atravessado um extenso corredor, entrou no gabinete do inquisidor geral. O gabinete do velho arcebispo era uma casa grande, triste, fria e mal allumiada por uma d'essas janellas, cujo vão é igual a uma das nossas salas de hoje, e que parecem possuir a singular propriedade de darem passagem a uma quantidade de luz, que está sempre na razão inversa da sua grandeza. As paredes eram forradas de damasco encarnado agalado e franjado de oiro, que o pó, a humidade e o tempo haviam feito desbotar n'alguns sitios, ennegrecer n'outros, atramar-se e rasgar-se em muitos: quatro cadeiras de espaldar, tambem de damasco, estavam symmetricamente dispostas em roda de uma mesa de pau santo com pés torneados, sobre a qual havia um grande numero de in-folios abertos, rumas de autos, rolos de pergaminhos, e no meio de tudo isto um tinteiro de prata colossal. Dois quadros grandes de côr carregada e escura, de desenho incorrecto, de composição absurda, um representando S. Domingos com o crucifixo alçado, a assistir á matança dos albigenses na tomada de Bessiers, o outro representando um auto de fé no Terreiro do Paço, onde se viam representados mais de vinte hereges a arder, augmentavam ainda o character sinistro e funebre d'aquelle gabinete.

O inquisidor estava sentado no vão da janella, de modo que o allumiava de perfil a restea de sol que entrava pelas rejas de estreita gelosia. Era um velho magro, curvado pelos annos, tremulo, com a cabeça calva

e o rosto por extremo agudo e anguloso. Quando o conde de Castello-Melhor entrou, D. Verissimo fez um esforço para se levantar; mas, com um gesto, o conde pediu-lhe que se não incommodasse, e elle deixou-se cahir outra vez sobre a cadeira.

— Não se incommode senhor D. Verissimo — disse o conde — não se incommode vossa senhoria. Eu venho só para ter novas certas da sua saude, e para fallarmos...

— Isto vai como Deus é servido, até que venha o dia do descanço. Mas sente-se vossa excellencia aqui ao pé de mim. Traz uma cadeira para o senhor conde — proseguiu D. Verissimo, voltando-se para o meirinho que ficára á porta — traz uma cadeira, e depois podes-te ir embora.

O meirinho obedeceu; e Castello-Melhor sentou-se defronte do inquisidor, depois de lhe haver respeitosa-mente beijado o annel.

— Disseram-me que vossa senhoria ha dias não passa de seus achaques como nós todos desejamos, e quiz vir eu mesmo, antes da hora da audiencia, saber novas suas — principiou o valído.

— Achaques de velho, senhor conde! — respondeu o inquisidor. — Vai a gente arrastando-se com elles, até que chegue o remedio verdadeiro, que é a morte.

— E quando a morte nos acha com a consciencia desassombrada, como está a de vossa senhoria, não faltam motivos para nos consolarmos d'ella. Porém Deus

ha de nos conservar a sua preciosa vida, para que estes reinos fiquem de todo purificados de hereges e inimigos da fé.

— Não ousou esperar que nosso Senhor me conceda tanta gloria: não lhe mereço tanto.

— Apesar de haver quem anda trabalhando para mudar os estylos da santa inquisição, e para alcançar um perdão geral para a gente de nação — acudiu o escriptivo da puridade, com fingida tristeza — espero que sua santidade, e estou certo que el-rei não consentirão nunca em tal, sabendo os males que d'ahi podem vir para a religião.

— Ha muitos campeões, a quem os judeus dão lança de prata, e que os defendem por toda a parte com coragem e ardor. As lanças de prata são muito fortes — proseguiu D. Verissimo. — Poucos são os peitos que se cobrem com um escudo riço bastante para lhes resistir aos golpes. Atrevem-se a accusar o santo tribunal de obrar contra o direito das gentes, e até contra o direito divino. Se lhes déssemos ouvidos, convencer-nos-iam de que o santo tribunal não faz senão condemnar innocentes. A lingua do calumniador consome tudo: *Et lingua ejus ignis est.*

— *Detractores Deo odibiles* — acudiu o Castello-Melhor. — As calumnias e os esforços dos maus não lhe hão de aproveitar. Sejamos sinceros. Estamos sós, podemos fallar com o coração nas mãos... e de mais a mais é do serviço de Deus que se tracta. Sejamos sinceros. Os padres da companhia querem dominar tudo

no temporal como no espirital, e o santo officio asombra-os: não os deixa publicar livremente as suas heresias e os seus erros.

— É verdade, é bem verdade isso, conde — interrompeu o inquisidor animando-se. — Lá está o padre Vieira, que tem sido o nosso mais incansavel, mais ardente inimigo, na inquisição de Coimbra, por ter escripto erros sem conto, heresias sem numero n'aquelle seu papel intitulado: Quinto imperio. *Sapiens hæresim!* Quiz fazer do Bandarra, do sapateiro de Trancoso, um propheta como os que Deus allumiou outr'ora, com o seu espirito: para... para fins que só os jesuitas sabem.

— Bem vê vossa senhoria para que elles querem fazer acreditar o povo nas prophcias de Bandarra. É porque no tempo do quinto imperio, que elle promette ao mundo, hão de apparecer as dez tribus de Israel, para serem apresentadas ao Summo Pontifice.

— *Ut fiat unum ovile, et unum pastor.*

— É tudo para favorecer a causa dos judeus, e amortecer no povo o amor que elle consagra á santa inquisição.

— E até se atreveu esse padre Vieira a comparar a egreja christan a Lia, mais fecunda, mas não tão amada por Jesus Christo como Rachel, a egreja antiga, a egreja do povo hebreu.

— Esta protecção aos christãos novos, esta contínua guerra ao santo officio não é um acto espontaneo e isolado de um ou outro jesuita...

— Os jesuitas, senhor conde, bem sabe vossa excellencia que não tem acto algum espontaneo e livre. São jesuitas e não homens do seculo.

— Tem razão, senhor arcebispo. Se houvesse uma nação toda de jesuitas, não me seria difficil governal-a.

— Sendo vossa excellencia geral da companhia. — E D. Verissimo de Lancastre riu-se com satisfação por ter deixado perceber o seu pensamento, sem comtudo se ter expressado com clareza em assumpto tão melindroso.

O conde de Castello-Melhor ficou mais de um minuto calado a meditar, antes de poder progredir na sua conversação com o arcebispo inquisidor. A nação que elle governava, Portugal, era n'aquelle tempo uma nação dirigida, dominada, fanatisada pelos jesuitas, era uma nação jesuita emfim; e elle sentia já que não tinha força para se manter no poder contra a vontade da omnipotente companhia de Jesus.

— Como lhe faltou o padre Vieira — disse por fim o conde — os christãos novos tomaram para defensor o padre Manuel Fernandes, o confessor de sua alteza; e já trabalham para conquistar o animo do senhor D. Pedro.

— O padre Fernandes ha de seguir as pégadas que deixou o seu companheiro e mestre. Não faltarão memoriaes, promessas de dinheiro a el-rei, queixas a sua santidade, e tambem não faltará, talvez, algum breve mandando exhibir processos á inquisição, como o que

já houve. Mas paciencia! *oportet hæreses esse*, como disse o apostolo.

— Talvez que para os fins, inintelligiveis para nós, da Providencia divina importe que haja hereges e heresias. Mas o que de certo não é vontade de Deus é que os hereges triumphem e governem o mundo — disse o conde de Castello-Melhor.

— Nem tal póde succeder nunca — acudiu logo D. Verissimo.

— Quem sabe? As coisas parecem encaminhar-se para esse fim. Os jesuitas de dia para dia vão tendo mais influencia no animo do infante; a rainha é governada pelo padre de Villes, e a França de hoje em diante favorecerá as pretensões de sua magestade, e por consequente as ambições do seu confessor e da companhia de Jesus. A liga com a França está assignada, senhor D. Verissimo, assignou-se ha tres dias, como vossa senhoria sabe...

— Vossa excellencia ha de me permittir que lhe eu faça algumas reflexões a respeito da liga.

— As reflexões de vossa senhoria são conselhos que se não devem perder.

— Porém agora são inuteis já; porque o tratado com a França está assignado. E, francamente, eu tenho para mim que foi uma grande imprudencia o fazer-se um similhante tratado; quando a Hespanha está exaurida de meios, sem exercito, e quasi sem governo. Ella mesma viria pedir-nos a paz logo que Luiz XIV

rompesse as hostilidades por causa dos direitos que julga ter a Flandres.

— Essa foi tambem por muito tempo a minha opinião — disse o conde — e, na verdade, com a intervenção do ministro inglez, o cavalheiro Fanshaw, estivemos a ponto de ver acceitar as nossas propostas pelo governo hespanhol. Mas agora as coisas tinham mudado um tanto de aspecto. Os hespanhoes recusaram o nosso *ultimatum*.

— Não quizeram tratar comnosco de rei a rei.

— É verdade: não quizeram reconhecer o senhor D. Affonso VI como legitimo rei de Portugal.

— Deviamos continuar a instar pela paz. Ha vinte e seis annos que temos guerra; a nação precisa descanso para se não perder de todo.

— A paz era incerto, muito incerto que a pudesse-mos alcançar sem condições deshonrosas para nós — acudiu o conde. — A guerra entre França e Inglaterra fez cobrar animo aos hespanhoes. Em vez de quere-m a paz, elles só pensavam em nos conquistar, agora que nos viam desajudados e abandonados de todos. Eu bem sei que a fidelidade dos portuguezes ao seu rei, e o seu amor da patria e da independencia, são penhores seguros da nossa existencia politica. Já estivemos á beira do abysmo, cançados, exauridos, com os exercitos hespanhoes no coração do reino, e soubemos resistir-lhe: mais ainda, soubemos vencer. Mas deveremos nós conservar sempre uma tão cega confiança na nossa boa estrella? A paz era impossivel agôra; os

hespanhoes não a quereriam. Sem dinheiro e sem exercito a guerra não se póde sustentar: nós estávamos sem dinheiro, e em pouco tempo ficaríamos sem exercito, se não buscassemos apoio em alguma nação poderosa. Outro perigo nos estava imminente tambem, contra o qual era preciso tomar precauções. Os inglezes, depois de terem trabalhado como mediadores para nos fazerem assentar pazes com Hespanha, vendo que esta recusava pôr-se de acôrdo connosco, mostraram-se resoltivos a fazer um tratado com os nossos inimigos, a accommodar-se com os hollandezes, e a abandonarem-nos. Não podíamos ter a paz: era indispensavel que nos pozessemos nas melhores condições possiveis para a guerra.

— Mas com esta liga que se fez com a França ficamos obrigados a fazer a guerra, em quanto a guerra convier aos interesses de Luiz XIV. Fomos escravizar-nos... Perdão, senhor conde — acudiu o inquisidor, interrompendo-se — eu não devia fallar com esta liberdade n'um acto politico em que vossa excellencia foi o principal agente.

— Eu não fui senão o executor das ordens d'el-rei.

— Sejam os sinceros.

— E da vontade do conselho d'estado, da rainha, do senhor infante, de todos finalmente: porque todos queriam esta liga, todos votaram por ella.

— Todos, senhor conde, todos menos o povo que está cansado de guerras, que já não póde nem comba-

ter, nem pagar. A paz era n'esta occasião a primeira necessidade para o povo.

— E cré vossa senhoria que eu ignorava isso? Fiz inutilmente todos os esforços por alcançar a paz, uma paz honrosa para a nação portugueza; e agora mesmo, antes de dar um passo para esta liga com a França, ponderei sempre a el-rei tudo quanto a esse respeito havia de importante, ouvi sempre o conselho d'estado, consultei a rainha, dei conta de tudo ao senhor D. Pedro. E todos, todos votaram pela alliança franceza, e pela continuação da guerra. Se algum dia a nação se houver de queixar d'este acto politico...

— A nação queixa-se já.

— Não é sobre mim que as suas queixas devem cair. Eu não fui senão o executor das vontades de quem póde mais do que eu. Aqui tudo se vai submettendo á influencia franceza. Portugal é uma nação que hoje, desgraçadamente, não póde viver por si. Deixou de ser conquista hespanhola ha pouco, para se rasgar agora nas mãos da Inglaterra, da França e da Hollanda, que se querem apossar dos ultimos pedaços do seu rico manto de purpura.

— Mas vossa excellencia, que é o valído d'el-rei, o seu ministro, o seu escrivão da puridade, tudo emfim; não póde evitar a total ruina d'esta nação, que já foi tão grande, tão poderosa, e a favor da qual Deos tem feito tantos e tão pasmosos milagres? — disse o inquisidor, accentuando e demorando-se em cada uma das

palavras, que designavam os titulos e o valimento do conde.

— Quer que eu lhe falle com sinceridade, senhor D. Verissimo?

— Faz-me muita honra n'isso, senhor conde.

— Os meus conselhos ainda são escutados por el-rei, ainda sou escrivão da puridade; mas como os jesuitas me fazem tanta guerra a mim como á sagrada inquisição, não sei quanto tempo durará ainda o meu valimento. A companhia que tanto tem podido fazer contra uma instituição tão santa, tão proveitosa para a religião, tão conveniente para a propagação da fé como é o santo officio, o que não poderá contra um pobre ministro, que não tem senão bons desejos, amor da patria, e dedicação pelo seu rei! Já excitaram as desconfianças de sua magestade a rainha contra mim: fizeram crer ao senhor infante que eu não tenho por elle o respeito e amor que lhe são devidos: alhearam-me as sympathias de parte da nobreza e do povo, e tudo isto para seus sinistros e tenebrosos fins.

— Agora, porém, podia, senhor conde, attender ás necessidades da nação...

— Não podia senão escutar as ordens reiteradas d'el-rei.

— Mas el-rei, vossa excellencia bem sabe que el-rei....

— Queria agradecer a sua augusta esposa as esperanças que lhe dera de um herdeiro para a corôa — disse ironicamente o conde. — El-rei desde que veio

de Salvaterra não deu ouvidos senão... a quem os devia dar, á rainha.

— E então...

— A rainha minha senhora desejava, como era natural a uma princeza franceza, a uma parente de Luiz XIV, desejava ligar-nos indissolúvelmente á França. Sua magestade ficou tão satisfeita por o abbade de S. Romão ter alcançado o fim para que fôra mandado a Portugal, que logo no dia 31 de março lhe dirigiu um bilhete dando-lhe os parabens, e já escreveu a el-rei de França pedindo-lhe graças e favores para elle. Infelizmente — proseguiu o conde fingindo-se commovido — para perturbar a alegria da rainha, uma grande desgraça...

— Uma desgraça? Qual foi...

— A esperança, que sua magestade nutria de dar um herdeiro á corôa, acaba de se desvanecer; sem que sua magestade mesma possa dizer como passou tantos mezes n'essa illusoria esperança.

— É maravilhosa, inexplicavel essa illusão! — exclamou o inquisidor, tomando uma pitada da sua caixa de oiro, para esconder o sorriso que lhe tremia incerto na boca. — *Quid est hoc?*

— Que se ha de fazer já agora? O tratado está assignado — disse o conde — e o que devemos fazer é tirar d'elle o maior proveito que fôr possivel. Em estando accommodadas as nossas differenças com os Estados-Geraes da Hollanda, ser-nos-hão restituídas Cochim e Cananor. O papa ha de vir tambem agora a

melhores termos comnosco, e então confirmar-nos-ha os bispos...

— Grande felicidade será essa para este povo; porque n'estes annos, em que Roma nos deixou no abandono, uma parte do clero, esquecida da propria modestia, tem-se tornado a vergonha e o escandalo da egreja.

— E com a confirmação dos bispos talvez, é quasi certo, que sua santidade concederá a el-rei um ou dois barretes cardinalicios; para premiar as virtudes e serviços dos prelados, que tem mostrado mais zelo pela religião e mais amor pela patria.

— Vossa excellencia espera que sua santidade...

— Conto n'esta occasião com a coadjuvação do cardeal de Vendome, legado *à latere* do papa, para alcançar os dois barretes... ou ao menos um barrete cardinalicio.

Um pallido sorriso, que exprimia ao mesmo tempo a esperança e a duvida, contrahiui as faces rugosas do velho inquisidor.

— E se o papa conceder...

— Vossa senhoria é o prelado de mais virtude e de mais lettras de Portugal. El-rei sabe quanto lhe deve, e aprecia o seu zelo, senhor D. Verissimo, pelo altar e pelo throno.

D. Verissimo teve tal alegria, com a ideia de se ver um dia ornado com a purpura sacerdotal, que sentiu fugir-lhe a luz dos olhos. Tirou uma pitada da caixa e deixou-a depois cahir dos dedos, quando a mão parou,

n'um instante de reflexão, a meio caminho do nariz. Voltou os olhos para o ministro de Affonso VI, e desviou-os logo para olhar para a janella, por onde entrava n'aquella occasião um sol esplendido apesar da geosia: e no fim, não achando palavras para responder ao seu astucioso interlocutor, baixou a cabeça e murmurou alguns sons inintelligiveis.

O conde leu claramente na alma do inquisidor; e, vendo que era então a occasião mais opportuna para lhe fallar no objecto melindroso, que o levava áquella casa de horrores e de martyrios, poz-se de pé, pegou no chapeo e na capa que deitara sobre uma cadeira, e, no tom da mais perfeita indifferença, perguntou:

— Vossa senhoria teve noticia d'uma bruxa que eu mandei de Salvaterra para os carcereos do santo officio?

— Ouvi fallar n'essa peccadora — respondeu D. Verissimo, tornando um pouco em si.

— É uma bruxa muito perigosa, que tem estreito pacto com o diabo.

— Quiz dar feitiços a el-rei?

— Não, senhor. Mas mostrou-lhe, n'uma visão infernal, coisas que muito magoaram sua magestade. O senhor D. Affonso que ninguem, porque todos o respeitam, todos o amam... que ninguem é capaz de atraiçoar, viu-se trahido por uma pessoa... a quem muito quer.

— Deus de misericordia!

— El-rei mandou entregar a bruxa ao santo officio, para que se faça justiça.

— Far-se-ha justiça.

— Sua magestade, porém, quer assistir ao interrogatorio que se fizer á ré.

— As vontades d'el-rei são ordens.

— É preciso que a bruxa confesse que, quanto sua magestade viu, foi tudo obra do demonio.

— Ha de confessar tudo, tudo — disse D. Verissimo. — A serva do demonio ha de accusar o seu senhor; para confusão dos hereges, e maior gloria da egreja.

O ministro e o inquisidor olharam um para o outro; mas ambos desviaram logo a vista, porque o rubor lhes subiu ás faces, e o riso lhes assomou aos labios.

O Castello-Melhor, despedindo-se então do arcebispo com muita reverencia, sabiu da inquisição, e encaminhou-se logo para o paço; onde o estava esperando consideravel numero de pretendentes, sobre tudo militares e clérigos, por passar já da hora em que ordinariamente se abria o despacho.

CAPITULO XLVI.

UM INTERROGATORIO.

Aos que bem conhecem a physionomia, aos que são dotados da rara faculdade de ler no rosto dos homens as qualidades, os vícios, as propriedades do seu espirito, deve-lhes ser possível muitas vezes perceber intuitivamente, ao verem o retrato de um rei, a tendencia e indole historica do seu reinado.

Quem observar attentamente os retratos dos reis de Portugal não deixará de encontrar grande concordancia entre a fórma, a expressão do rosto de muitos d'elles, e o character que manifestaram nos seus actos politicos, nas suas sympathias pela guerra ou pela paz, no seu cego fanatismo, ou no zelo sincero e louvavel pela religião. Em nenhum, porém, essa concordancia se manifesta de um modo mais evidente, mais incon-

testavel, do que em D. João III. Quem, ao attentar bem n'aquella physionomia triste, severa, sombria, quasi monastica, não sentirá logo, que no reinado d'aquelle principe a grandeza das armas portuguezas acabou; e que o poder do fanatismo, da intolerancia, e da cobiça sobrepujou todos os outros poderes, tolheu para sempre todos os esforços na nação para conservar a liberdade, a independencia, a riqueza, e a gloria? Quem não verá que a decadencia começou alli; que essa serie de catastrophes, rapida, constante, fatal, irreparavel, que fez da nação mais feliz e poderosa da Europa, uma nação fraca, desmoralisada, esquecida e desestimada de todos, principiou no reinado de D. João III?

Foi este rei, quem, para fallar exactamente, extorquiu ao papa a auctorisação para estabelecer em Portugal o terrivel e cruento tribunal da inquisição; e com esse tribunal vieram a pobreza, a devassidão, a vingança, o terror cobrir de ruinas este reino. O anjo da custodia de Portugal, vendando com as azas immaculadas os olhos para não ver o clarão sinistro das fogueiras homicidas da inquisição, fugiu espavorido e horrorisado.

Havia n'este reino n'aquelles tempos grandissimo numero de judeus, de pouco convertidos á fé de Christo — maus catholicos talvez, mas emfim tão baptizados como os melhores christãos — que viviam em segurança e em paz, confiados na promessa que solemneamente lhes fizeram D. Manuel e D. João III; e de os fa-

vorecer e tratar como os proprios christãos velhos, sem d'elles serem distinctos e apartados em coisa alguma. » Esses taes, a que chamavam a *gente de nação*, haviam-se enriquecido pelo commercio, porque eram a parte activa, industriosa, commerciante, laboriosa do povo portuguez, que então vivia como um morgado rico na indolencia e na dissipação. Quizeram despojal-os de seus haveres e riquezas, tirar-lhes a influencia que lhes davam as vastas relações commerciaes, que mantinham com todos os povos do mundo: quizeram sacrificar-os, em nome da religião christan, á cobiça do clero, á ambição e avareza dos fidalgos, e instituiram para esse fim um tribunal iniquo, atroz, sem consciencia, o qual, condemnando promiscuamente innocentes e criminosos á deshonra, á tortura, á morte, fez fugir de Portugal o commercio, a industria e a riqueza; lançou a desconfiança nas familias; a delação, a vingança, o fanatismo na sociedade; destruiu tudo; fez de uma nação grande e conquistadora uma nação miseravel, pobre e deshonrada pelos estrangeiros; fez de um povo robusto e ousado um povo de fanaticos e judeus, de algozes e de victimas.

N'aquelle tribunal, a que se dava como por atroz escarneo o nome de *santo officio*, tudo parecia combinado para satisfazer a crueldade, a injustiça e a devassidão de inquisidores sem probidade. O modo por que se recebiam as delações, por que se interrogavam os denominados réos, por que se instauravam e levavam por diante os processos; o segredo e mysterio que en-

volvia todos os actos do tribunal; as causas por que se infligiam os supplicios mais crueis, causam indignação, asco, horror a quem tem no coração o sentimento da justiça e da moralidade, a quem comprehende os santos e puros dogmas da religião de Jesus Christo.

Para se apossarem dos bens de alguns homens de nação, ou para se vingarem de um inimigo, os inquisidores e todos os outros agentes e adherentes do santo officio não recuavam diante de nenhuma infâmia, não hesitavam em commetter a mais repugnante immoralidade. Um inquisidor, para levar ao supplicio um negociante rico, ameaça uma filha d'elle, que apenas contava dez annos, de lhe queimar as mãos n'um brazeiro se não confessar que seu pae flagellou a Christo; outro, com o baculo de bispo, fere na cabeça uma pobre serva, para a obrigar a calumniar seus amos. Esposas castas, candidas e innocentes donzellas são arrastadas pelas mãos sacrilegas dos familiares da inquisição a carceres medonhos, e ahí, quando as carnes d'essas fracas mulheres são dilaceradas pelos tormentos, a sua formosura serve de incitamento para as paixões brutaes e impudicas de hypocritas e despiedosos algozes. Muitas das victimas d'aquelle abominavel tribunal, para escaparem á deshonra, aos tormentos do potro, ao pez ardente, ás retaliações e ás mutilações, recorrem ao suicidio; outras ao perjurio e á calumnia contra os mais intimos e mais proximos parentes ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Informações ao papa — *Symmicta Lusitanica*. *Ex ms. codicibus bibliothecæ apostolicæ vaticanæ*.

Que tribunal se póde comparar na injustiça, na arbitrariedade, no contínuo postergar todos os principios da moralidade e do christianismo ao *santo* tribunal? Bastava o incoherente depoimento de testemunhas não contestas, para levar um desgraçado á inquisição; depois o processo todo estava compendiado nos dois adagios que o povo repetia n'aquelles tempos, e que os proprios inquisidores não tomavam por affrontosos, antes consideravam como devendo servir de norma aos seus julgamentos: — « Dai-m'o vós christão novo, dizia um dos adagios, que eu vol-o darei judeu »: — outro adagio resava da seguinte maneira:

Dámelo confeso
Qu'yo te lo daré quemado.
Déjame hacer el proceso
Y juzguelo su padre.

Eis a theoria da inquisição como o povo a entendia, formulada com horrivel singeleza, porém com exacta verdade.

Nos seus julgamentos os inquisidores não seguiam nem o direito civil, nem o canonico, nem leis particulares dadas pelos reis de Portugal, nem bullas dos papas, a quem por vezes recusaram obediencia. Eram elles que faziam as leis e julgavam por ellas, envolvendo tudo, leis e processos, de tenebroso e impenetravel segredo. Era um homem accusado por falsos delatores de não comer carne de porco, nem de coelho, nem de lebre, nem peixe de pelle, de vestir camisa lavada aos sabbados, e de outras coisas que hoje nos fazem rir,

mas que o *santo* tribunal reputava verdadeiros crimes, e ficava provado assim que esse homem *judiava*. Se, vendo-se accusado por calumniadores e inimigos seus, elle recusava confessar *um crime* de que estava innocente, por ser verdadeiro christão e ter consciencia e probidade, ia a morrer por *negativo*. Se depois de haver, para salvar a vida, declarado ser judeu e pedido perdão, não acertava, não adivinhava os nomes de todas as testemunhas que depozeram contra elle, ia a queimar por *diminuto*. Se, conhecendo que não escapava á morte, mesmo depois de ter confessado culpas que não commettera e pedido misericordia, se desdizia de tudo, então era justicado por *variante, revogante, ficto, falso* ⁽¹⁾.

Era d'este modo, era offendendo os mais singelos e universaes principios da justiça e da moral, era profanando sacrilegamente o nome de Christo para satisfazerem ruins paixões e apossarem-se das riquezas dos homens de nação, que os inquisidores, esses possesores do fanatismo, diziam querer destruir o judaismo e tornar Portugal a nação mais ortodoxa do mundo.

É no triste e lugubre edificio da inquisição de Lisboa, descendo lenta e cautelosamente uma longa escada que a humidade e os musgos tornavam escorregadia, que vamos encontrar agora el-rei D. Affonso VI, encostado ao braço do seu ministro, o conde de Castello-Melhor. Precedia-os um guarda dos carcerees com

⁽¹⁾ PADRE VIEIRA. Obras manuscriptas. — *Collecção de discursos politicos.*

uma tocha accessa na mão, porque n'aquellas escadas que levavam ás prisões subterraneas não penetrava quasi a luz do dia; seguiam-os D. Verissimo de Lancastre, o inquisidor da segunda cadeira, e um deputado do santo officio.

— Não tem fim esta maldita escada — exclamou D. Affonso impaciente.

— Já falta pouco — disse o deputado do santo officio. — São sessenta e dois degraus, e já descemos quarenta e nove.

— Vossa magestade quer entrar na casa dos tormentos? — perguntou D. Verissimo de Lancastre.

— Não. Não me disseram que havia uma janellinha d'onde se via e ouvia tudo?

— Sim, senhor. A janella dos inquisidores.

— É aqui — disse do extremo do corredor subterraneo, onde el-rei acabava de dar entrada, uma voz grossa, a que a resonancia da abobada dava um timbre quasi metallico.

— Quem está alli? — exclamou sua magestade, detendo-se com hesitação.

— É o alcaide dos carcereos secretos que espera por vossa magestade — respondeu o velho D. Verissimo socegadamente.

A este tempo já o luciferario havia parado á porta baixa, fechada por uma grade de ferro, que estava no fim do corredor. Logo que el-rei se approximou, a porta abriu-se, e o alcaide, vindo-lhe ao encontro, poz-se de joelhos e offereceu-lhe o molho das chaves

dos carcerees. El-rei transpoz a porta sem nem sequer olhar para o alcaide.

O cubiculo em que Affonso VI entrou com o seu escrivão da puridade e os juizes do santo officio era tão estreito, que n'elle mal poderiam caber dez pessoas: allumiava-o apenas um clarão vivo e vermelho que entrava pelas malhas da adufa da janella, onde os inquisidores vinham ás vezes ver o que se passava na casa dos tormentos.

Esta era uma casa quadrada e espaçosa, com abobada de volta de sarapanel e de arestas, em cujo feixo havia um florão de que pendia uma corrente terminada por um anel de bronze. Em roda, pendurados pelas paredes e espalhados pelo chão, havia instrumentos de fórmas monstruosas, tenazes de ferro com dentes incisivos e agudos como os do tigre, vasos enormes cheios de liquido negro e denso, caldeirões de cobre, facas agudas e polidas que reflectiam a luz como espelhos. N'uma chaminé, cujo vão occupava quasi todo um dos lados do carcere, ardiam alguns troncos de arvore, sobre os quaes estava uma caldeira onde o pez fervia em cachão, trashedava ás vezes, e cahia em chuva de fogo mal se lhe approximavam as lavaredas. De roda da fogueira, semelhantes a reptis negros e hediondos que se estendiam pelo lar escondendo as medonhas cabeças nas chammas, oito ou dez instrumentos de tortura estavam symetricamente dispostos.

Esta casa pavorosa não era deserta: havia alli algozes, e uma victima. O doutor Estevão de Brito

Foyos, promotor da inquisição, estava ao canto do carcere sentado a uma mesa, do lado opposto da qual se via o notario com a penna na mão e uma folha de papel amarellado diante de si. Dois guardas, de aspecto carrancudo e sinistro, seguravam uma velha pallida e descarnada, apenas coberta em parte por uma tunica despedaçada, e cuja face repugnante estava em harmonia perfeita com a dos outros actores d'aquella scena infernal. Outro guarda, mancebo ainda imberbe, com a alegria nos olhos e o riso na boca, como quem sabia saborear o inquisitorial prazer de martyrisar o proximo, corria de um lado para o outro da casa; ora aticando o lume; ora dispondo em roda da victima os instrumentos da tortura; ora dizendo em voz baixa aos seus companheiros alguma chocarrice nefanda, que os fazia rir. Todos pareciam esperar por alguma coisa para darem principio á sua tarefa horrorosa.

E com effeito, quando o alcaide dos carceres entrou na casa da tortura e disse algumas palavras ao ouvido do doutor Foyos, este, endireitando-se com solemni-dade fradesca e limpando estrondosamente a laringe do incommodo pigarro, como pregador que depois de dizer um texto latino se prepara para entrar no exordio do seu sermão, deu com as seguintes palavras signal de que se ia dar principio ao terrivel drama:

— Senhor notario, escreva as confissões da ré.

Depois, voltando-se para a velha que os guardas seguravam, disse-lhe:

— A misericordia do santo tribunal está sempre

prompta para perdoar e absolver os que confessam os seus peccados, sem reserva, nem excepção. Confessa as tuas culpas, Zaída, e mostra arrependimento d'ellas; porque se forem tão graves que não possam ser perdoadas n'este mundo, talvez no outro Deus se compadeça de ti.

Via-se no tom, na phrase e no gesto do doutor Foyos o desejo de brilhar diante dos invisiveis espectadores do interrogatorio.

Zaída, que tinha estado até áquelle momento como em lethargia, ergueu-se de pé quando ouviu as palavras do promotor, e com voz firme e vibrante, respondeu:

— Já confessei o que tinha a confessar; agora não me resta nada que dizer.

— Confessas ser bruxa e ter relações com o demonio?

— Já o confessei.

— Confessas ter dado juramento de obediencia ao demonio no livro negro, em que não ha nenhuma folha branca?

— Sim.

— E ter ido nas sextas feiras aos ajuntamentos das bruxas e dos demonios, depois de te haveres untado com unguento feito de sangue de crianças mortas por ti, tambem confessas?

— Já sobre aquelle potro me arrancaram essa confissão.

— Confessas ter tomado parte em todas as torpe-

zas e infamias que se fazem n'esses malditos ajuntamentos?

— Confesso.

— E ter adorado o maioral dos demonios, que está sentado em cadeira negra de espaldar, a presidir ao banquete de carne de bode preto, com que rematam essas festas infernaes?

— Confesso.

— Confessas saber adivinhar e ter feitiçarias para bem e mal querer, para se haverem as coisas, e saber-se o que ha de ser; com esconjuros, convocações dos demonios e chamamentos de almas?

— Confesso.

Aqui o doutor Foyos sacudiu gravemente a cabeça, tomou uma larga inspiração, limpou de novo a garganta, e proseguiu com solemnidade:

— Falta confessar ainda um crime gravissimo, o mais grave de todos; um crime contra Deus e contra el-rei. Com as tuas artes diabolicas, e para fins sinistros, quizeste enganar sua magestade fazendo-lhe ver o que não existiu nunca, e que não póde existir: mostrando-lhe, como criminosa, uma dama innocente, e... virtuosa.

O promotor, depois de ter dito com esforço estas ultimas palavras, tossiu estrepitosamente, e olhou para a janella onde estava Affonso VI.

— Confessas tambem este crime — proseguiu elle depois de uma pausa — para remir a tua alma?

— Não.

— Depois de teres confessado todos os crimes, de que serve queres negar este? — acudiu o doutor Foyos, assustado com esta negativa. — Os outros são bastantes para te levar á fogueira. O negar este não te póde salvar o corpo, e póde-te perder a alma.

— Não confesso isso, porque o não fiz — disse a velha Zaída quasi com o riso do prazer na boca. — O que el-rei viu era realidade e não illusão. El-rei é trahido por essa mulher, por todas as mulheres que elle julga amarem-o.

— Mulher, a santa inquisição tem meios de te arrancar a verdade — exclamou o promotor.

— A verdade é esta, e eu não direi outra coisa se não o que é verdade.

— Persistes em negar esse crime?

— Sim.

— Ao potro a bruxa excommungada para que confesse o crime — bradou o doutor Foyos, perdendo a paciencia.

A ordem do promotor foi zelosamente obedecida. A velha Zaída, posta no potro, começou a soffrer em silencio o horrivel tormento. Os ossos deslocados estalavam, as carnes dilaceradas confrangiam-se, mas a boca apenas deixava sahir a espaços algum gemido, a que se não misturava sequer uma palavra, uma queixa.

— Teimas em negar o crime? — perguntou o promotor.

Zaída não respondeu.

— Vamos ao pez para a fazer fallar.

— Como está liquido talvez as palavras lhe escorreguem bem por elle — disse a meia voz para os seus companheiros aquelle guarda dos carceres, moço e rissonho, que tinha andado a dispor artisticamente em roda da victima todos os instrumentos da tortura. Os outros riram da atroz chocarrice; e a scena infame progrediu.

O tormento do pez ardente era um d'esses requintes da crueldade, que nenhuma fera, a não ser a fera pensante, imaginativa, beata e hypocrita, a que chamam o homem, ousaria inventar e applicar a um ente vivo, e muito menos a um ente da sua propria especie. Na lucta entre os inquisidores e as suas victimas eram sempre aquelles quem venciam; porque de um lado havia a crueldade incansavel, uma variedade, um luxo de martyrio prodigioso, e do outro só havia a paciencia e a resignação, que são frageis, que não podem quasi nunca resistir á dôr physica levada ao seu auge maior.

Zaída não pôde resistir ao novo tormento: n'um ai de agonia pediu misericordia aos seus algozes.

— Confessas o crime que commetteste contra Deus e contra el-rei? — perguntou o promotor do santo officio.

— Tudo, confesso tudo — respondeu ella.

Então o doutor Foyos ordenou, com um gesto, aos guardas dos carceres que desatassem a sua victima do potro; e estes, obedecendo promptamente, deixaram cahir a bruxa velha semi-morta no chão.

— Escreva, senhor notario — disse o promotor. —

A ré declara espontaneamente ter, por arte diabolica e poder de Satanaz, feito vêr a el-rei o que nunca existiu, nem podia existir; evocando para isso do outro mundo a alma penada do capitão Francisco d'Albuquerque.

Aqui o doutor Foyos tornou a olhar para a janella onde estava D. Affonso VI, e deu a sessão por acabada.

El-rei assistira ao interrogatorio de Zaída sem dizer palavra. Quando viu porem-se de pé o doutor Foyos e o seu notario, levantou-se tambem, e encaminhou-se com o seu passo lento e arrastado para a escada por onde uma hora antes descera aos carcerees secretos.

— Vossa magestade ouviu as confissões da bruxa?
— perguntou o conde de Castello-Melhor.

— Ouvi tudo — respondeu el-rei seccamente.

E ninguem mais ousou interromper o silencio de sua magestade.

CAPITULO XLVII.

PAX CHRISTI!

— Bem diz vossa paternidade. A similhaça das situações em que se acham nossos reaes amos é tal, que parece ter a Providencia divina disposto unil-os pelas tribulações... talvez para os unir depois pelas felicidades.

— Tudo póde ser, e tudo se deve esperar de quem não desampara os principes que se interessam pelo engrandecimento da nossa religião. O soffrimento tem sido grande em sua magestade; se não fossem a muita modestia e grande paciencia da rainha, já as suas queixas teriam chegado aos ouvidos de toda a christandade. A tyrannia d'el-rei tem ido sempre crescendo; e agora em Salvaterra ainda ella se manifestou de uma maneira mais cruel, como todos viram. Os valídos cada vez

abusam mais da auctoridade que el-rei lhes deixa, absoluta e despotica, sobre o reino, e até sobre a real familia; e demais, nem esperança pôde haver já de que a corôa tenha herdeiro, filho do senhor D. Affonso.

Isto diziam, caminhando lentamente por uma rua coberta de parreiral na cerca do noviciado da Cotovia, dois jesuitas; o padre Manuel Fernandes e o padre de Villes, o confessor de sua alteza e o confessor da rainha.

— O reino — disse o padre Fernandes — já começa a perder a esperança de ver perpetuar-se a corôa em descendentes d'el-rei; e são grandes, são justos os receios que muitas pessoas prudentes manifestam, de que, se por desgraça o infante morresse, nos vissemos outra vez em poder dos hespanhoes: e agora sem remissão, sem podermos tornar a recobrar a nossa independencia.

— Deus tudo faz pelo melhor — acudiu o padre de Villes. — Se sua alteza tem até agora mostrado tanta repugnancia ao casamento, é porque um sentimento intimo, irresistivel, superior á vontade e ao entendimento, lhe veda o sacrificar-se ao bem da patria: *Etiam optima est commoditas in ipsis vitiis*. — E o padre riu ao repetir o texto do *Directorium*.

— A Providencia vê mais longe do que os homens, é verdade; e em tudo isto ella parece andar manifestando sempre o seu mysterioso poder.

— Os perigos a que a rainha anda exposta, padre Fernandes, são grandes, muito grandes! As violencias

a que el-rei tem chegado já bastam para se poder por ellas avaliar até onde póde ir a colera de sua magestade. A rainha está na firme resolução de salvar a sua honra, a sua consciencia e o estado; pedindo para isso, se necessario fôr, auxilio ao rei de França, fugindo do paço, fazendo publica a historia secreta do seu casamento. É porém minha opinião, e já a esse respeito disse algumas palavras a sua magestade, que não foram desattendidas, que a rainha e sua alteza devem unir as suas forças para destruirem, com menos risco, o poder dos valídos.

— É essa tambem a opinião do senhor infante — interrompeu o jesuita portuguez. — E no coração d'elle ha um sentimento que o leva a desejar, a pedir, a solicitar essa união. Eu já outro dia lhe dei conta da conversação que tivemos aqui mesmo ácerca das desgraças da côrte e do reino. Disse-lhe as relações em que a rainha está com o general Schomberg, e o grande proveito que do apoio do general se póde colher; sua alteza mostrou, como era de esperar do seu magnanimo coração, desejo de entrar immediatamente na ardua empreza de salvar a patria e a religião.

— Ah! ah! As forças assim ficam pelo menos eguaes. De um lado el-rei com os valídos; do outro a rainha e o infante. Ha meios para conseguir que França tome interesse n'esta contenda; e o povo... a companhia deve chamal-o ao partido dos principes, que é tambem o partido d'ella.

E o padre de Villes parou, esfregando as mãos e

deixando abrir-se-lhe na boca um riso de esperança; quasi de triumpho.

— E é; o partido de sua alteza é o partido da sociedade de Jesus — disse o padre Fernandes, depois de meditar um instante. — Quando acabou a regencia da rainha mãe, d'aquella santa rainha que tanto amou a religião e trabalhou para a sua propagação, acabou tambem o grande poder da companhia em Portugal. O tribunal das missões, creado pelo nosso padre André Fernandes, que tanto fez crescer e prosperar o negocio da conversão das almas nas regiões da Asia, da Africa e da America, está quasi extincto. El-rei não tem um confessor, um director espiritual da companhia; e por isso abi vai, levado pela furia das paixões mundanas, a um abismo que a razão humana não póde sondar. E arrasta comsigo na queda o reino todo, e essas colonias vastissimas da America, onde os missionarios tem já estabelecido, á custa do sacrificio de tantas vidas, um reino segundo o espirito christão; onde tudo é paz, tudo é fé, tudo obediencia cega aos que governam em nome da religião.

— O descredito de el-rei é grande já, mesmo entre o povo. Todos notam o seu pouco amor pela religião, a vida desregrada que leva, as offensas que injustamente faz a seu irmão e á rainha, e as injustiças que pratica com muitos dos mais excellentes e illustrados fidalgos e sacerdotes. E com a fama o senhor D. Afonso vai perdendo a força para se manter no throno, e o amor dos portuguezes.

— Pois até ao ponto de lhe tirar o reino deve chegar sua alteza? Isso não faz o senhor infante por certo.

— Sua alteza não, a nação sim — disse o francez. — A nação junta em côrtes póde, deve tirar o governo ao senhor D. Affonso; porque assim é necessario para a sua conservação e defensão natural. Mas por agora a guerra deve ser toda contra os valídos, contra o conde de Castello-Melhor principalmente; porque em faltando esse apoio, o resto cáe por si.

— E quem ha de authorisar esse acto das côrtes contra a soberania de um rei?

— Vossa paternidade é muito sabio — respondeu o padre de Villes socegradamente — para desconhecer a opinião do grande Bellarmino. O papa, como soberano espiritual que é, póde, se assim fôr preciso para a salvação das almas, mudar os imperios, tirar a corôa a um para a dar a outro principe: *Potest mutare regna, et uni auferre atque alteri conferre.*

— E as consequencias?

— As consequencias serão o termos em Portugal um rei pio e santo, que terá por director espiritual vossa paternidade, jesuita virtuoso e illustrado, que fará tudo pela religião, e dará ás missões meios para conquistarem muitas almas e augmentarem as aldeias dos indios convertidos á fé; um rei, emfim, que, por dever a corôa aos esforços da companhia, não se esquecerá de trabalhar para a realisação do quinto imperio annunciado pelo nosso padre Vieira, e para o triumpho cabal das doutrinas de Santo Ignacio.

Os dois jesuitas depois d'isto continuaram a caminhar lentamente por baixo do parreiral, sem dizerem palavra um ao outro; absortos na meditação, que tão ousados projectos deviam necessariamente provocar em homens reflexivos, e sempre preocupados com a ideia de engrandecerem e tornarem senhora do mundo, pela dominação das consciencias, a ordem religiosa a que ambos pertenciam.

Depois de largo silencio, o padre de Villes parou diante do seu companheiro, e em tom de voz entre severo e jovial:

— Então podemos ter a alliança dos principes como feita? — perguntou.

— Parece-me... estou certo que podemos dar por concluida a alliança — respondeu o padre Fernandes. — Sua alteza não se recusará a sacrificio algum para salvar a patria e a religião.

— Dizia, porém, vossa paternidade ha pouco, que o senhor infante não consentiria em tirar a corôa a seu irmão?

— Em lhe tirar a corôa não. Mas sua alteza — assim o devemos esperar todos os que desejamos o augmento da christandade — ha de acceitar o governo do reino se a nação lh'o confiar. O padre Vieira esteve ha tempos aqui em Lisboa, e fallou com o senhor infante. O senhor D. Pedro crê nas prophcias... tem confiança nos altos destinos que estão reservados para Portugal.

— Agora o que é necessario é prudencia, silencio e inviolavel segredo.

— E quem ha de trahir o segredo?

— O acaso, um descuido talvez — acudiu o jesuita francez. — Devo contar-lhe, padre Fernandes, um caso que succedeu ha dias, e que prova ser toda a prudencia pouca, quando se tracta de uma coisa grave e melindrosa, como é esta em que nos achamos empenhados.

— Diga vossa paternidade o caso.

— A rainha está em correspondencia activa com o conde de Schomberg, a cuja alma elevada e excellente character não podiam deixar de ser sensiveis as desgraças de sua magestade. Depois de ter feito difficuldade, a principio, em entrar n'esta conjuração contra os valídos, — porque, como já disse ha pouco a vossa paternidade, é só contra os ministros d'el-rei que por ora se devem dirigir os nossos esforços, — depois de ter feito difficuldade, como ia dizendo, o Schomberg abraçou a causa da rainha e da justiça...

— E depois?

— O general, desde então, escrevia directamente a sua magestade, participando-lhe tudo quanto succedia no exercito e na côrte, de que se pudesse tirar proveito para o nosso triumpho. Outro dia, porém, quando ella estava ainda na cama lendo uma carta que o conde de Schomberg lhe escrevera, entraram-lhe no quarto a camareira-mór e el-rei; e accusando-a de preguiçosa e de faltar aos seus deveres religiosos — o senhor D. Afonso, que a tudo falta e que muitas vezes ouve missa mesmo na cama, a reprehender sua magestade, que é uma santa! — e accusando-a e dizendo-lhe muitas pa-

lavras duras, obrigaram-a a levantar-se á pressa, e a correr á capella real. Foi ahi, quando a missa já estava começada, que a rainha se lembrou que esquecera a carta debaixo do travesseiro. N'uma angustia inexprimivel chamou por mim, e ordenou-me que fosse ao seu quarto buscar a perigosa carta que lá ficara. — Minha senhora, observei então, eu, um padre, um jesuita, quer vossa magestade que ouse metter a mão na cama de uma rainha? — Vá, senão está tudo perdido. — Obedeci. Quando, porém, ia a entrar no quarto, ouvi as vozes d'el-rei e da marquezia de Castello-Melhor que fallavam alto, dizendo mal da rainha. Voltei para a capella...

— E o que fez sua magestade?

— Mandou uma das suas damas, mademoiselle de Amuraude, que voltou sem ter conseguido salvar a carta; porque o senhor D. Affonso estava sentado na cama da rainha.

— E n'essa conjunctura difficil...

— A rainha fingiu-se indisposta... um desmaio, um deliquio; e mal a levaram para o quarto e a deitaram sobre a cama, estendeu o braço, apalpou debaixo do travesseiro...

— E a carta?

— Estava onde sua magestade a tinha deixado. E assim nos livrou a Providencia de vermos frustrados, por um acaso fatal, todos os nossos projectos de salvação para Portugal, e de engrandecimento para a companhia.

— Foi um aviso do ceo, para nos recommendar a prudencia e o segredo.

— Tudo, como vê, padre Fernandes — disse o francez — parece dispor-se favoravelmente para os nossos fins. Carecemos do apoio de França para pôr termo á grande obra. Mas esse alcançal-o-hemos facilmente, em lhe dizendo: *Sis felix, nostrumque leves laborem.*

— Peço perdão a vossa paternidade — atalhou o padre Fernandes. — A minha opinião é que não carecemos do apoio de França, senão para o momento do combate. Conselhos de tão longe escusamol-os: e França não dará auxilio ao senhor infante e á rainha, senão entregando-se-lhe a direcção de tudo.

— Tem razão, padre Fernandes — disse de Villes, depois de reflectir. — Basta que a rainha, como eu já lhe aconselhei, prepare com uma carta Luiz XIV para os acontecimentos futuros, contando-lhe os seus padecimentos, e a impossibilidade em que está, para tranquillidade da sua consciencia e segurança da sua honra, de continuar a viver com o senhor D. Affonso.

— Sua magestade poderá tambem na sua carta dizer a el-rei de França, o quanto sua alteza se interessou pelo tractado de liga; o muito que contribuiu para que se concluísse com tanta brevidade; e a pena que lhe tem causado o ver os estorvos que os valídos tem posto a que sua magestade christianissima consiga conquistar em Galliza uma praça aos hespanhoes.

— Será util mandar-se a carta com a maior brevi-

dade possível. De um dia para o outro pôde chegar uma conjuntura, em que convenha sahir a campo com as forças de que dispomos, a levar de uma arrancada esta praça, cujas muralhas se acham já delidas, desmoronadas quasi, e com os alicerces escavados pelos trabalhos dos nossos mineiros.

— Ah! ah! Bem se vê que vossa paternidade está premeditando uma guerra. Falla como o conde Schomberg — atalhou, rindo, o confessor do infante.

— Parecia-me tambem util que sua alteza escrevesse algumas linhas a el-rei de França — proseguiu o francez, sem attender ao gracejo do seu confrade: — dando-lhe, por exemplo, os parabens de se achar assignado o tractado da liga.

— Essa carta poderia ser considerada como a confirmação do tractado: e quando sua alteza governar Portugal...

— Fará o que julgar ser mais conveniente á nação, cujos destinos Deus lhe tiver confiado. Portugal tem extensissimas colonias, onde ha milhares de almas a converter: os seus interesses são os de toda a christandade, e principalmente os da nossa companhia.

— Está resolvido — proseguiu o confessor da rainha — Sua magestade e sua alteza escreverão a Luiz XIV, e em dois dias pôr-se-ha a caminho o mensageiro.

— Mas esse é preciso que seja homem seguro. Temos aqui mesmo, escondidos n'este noviciado, dois homens, ambos criados do senhor infante. Um, todos o julgam morto; é aquelle capitão Francisco d'Albu-

querque, que se disse terem os da patrulha baixa roubado uma noite do Córte-Real. O outro, é um Luiz de Mendonça, moço fidalgo que el-rei mandou assassinar, e que até agora tem escapado aos punhaes dos assassinos.

— São seguros?

— Ambos securissimos. Francisco d'Albuquerque está namorado da Calcanhares, e eu prometti-lhe um asylo seguro para ir viver com a sua amante. Depende da companhia, este.

— E o outro?

— O outro arriscou a vida por duas vezes: uma para apanhar n'uma tourada um lenço da rainha; outra agora em Salvaterra, para salvar a rainha da furia de um javali. Bem vê vossa paternidade...

O padre de Villes levantou a vista para o outro jesuita, e leu-lhe nos olhos o resto da phrase que este havia calado.

— Obedientes e silenciosos ambos? — perguntou.

— Um e outro como o cadaver: *perinde ac cada-ver*.

— *Pax Christi* — disse o padre de Villes, saudando o padre Fernandes.

— *Pax Christi* — respondeu este.

E os dois jesuitas separaram-se; para irem, um dar parte á rainha, outro ao infante, do pacto que acabavam de fazer em nome de seus reaes amos.

CAPITULO XLVIII.

O DUELLO.

A noite era de luar, d'esse luar fulgido e intenso que offusca o lume das estrellas, e torna tão vivas as linhas ondulosas da crista dos montes e da ramagem phantastica das arvores, como se fossem recortadas no branco apenas anilado do ceo. A noite estava calmosa, e no interior do pinhal basto e emmaranhado de urzes, de estevas, de sarças, de tojo, que cercava Monte-Mór-Novo, não penetrava a aragem que de tempos a tempos corria pelos topos das arvores, produzindo um ruido, que de longe similhava o bater das vagas na costa do oceano, e de perto parecia apenas o escorregar brando das aguas de um regato sobre seixos e conchas. Além do ramalhar das arvores, enchiam o bosque esses centenares de vozes, que animam, que dão harmonia ás

formosas noites de verão n'este nosso paiz, onde a vida brota por toda a parte e gira em todos os átomos. Era o coachar quasi contínuo das rans, que de charco para charco se chamavam, ora em tom grave e sonoro n'uma cadencia lenta e compassada, ora em tom agudo e estridente n'uma cadencia rapida e desordenada. Era o estridor dos grillos, que acompanhava o zumbido de milhares de outros insectos, a que de tempos a tempos se juntava tambem o grito importuno das corujas. Eram ás vezes os uivos lugubres e dilatados dos lobos, ou os pios tristes e entrecortados dos moxos. Emfim, como suave aspiração da natureza ao sublime da melodia, era de quando em quando o rouxinol que entoava a medo algumas notas soltas, depois trillos e vollatas sem rithmo, depois suspiros limpidos e tão suaves que mal se podiam distinguir dos murmurios das folhas. Harmonias, como as que n'aquella noite enchiam o bosque, só Beethoven e Weber souberam imitar.

A luz alvacentá do luar, passando a custo por entre a folhagem basta dos pinheiros, vinha desenhar sobre a areia branca e solta do caminho sinuoso, que atravessava o bosque, figuras irregulares, que tremiam, brincavam, e se transformavam mal o vento agitava a larga copa das arvores. Era por este caminho areento, allumiado apenas pelos escassos raios da lua coados por entre os ramos, que iam a passo, porque as desigualdades do terreno e os barrancos cavados pelas torrentes do inverno não lhes consentiam outra andadura, dois cavalleiros, ambos com chapeos de abas largas,

gibão estreito, bacamarte a tiracollo, e alforjes na anca do cavallo.

— Que excommungado caminho — disse um dos viajantes. — Não chegamos nem d'aqui a uma hora a Monte-Mór.

— Os cavallos não podem ir mais depressa por esta areia — respondeu o outro.

— Ahi vais tu agora, Luiz — proseguiu o primeiro — ver esse mundo, que dizem ter tanto que admirar; essa bella côrte d'el-rei de França, onde ha tanta riqueza, tantos divertimentos, tantas mulheres formosas, que não vivem senão para amar e ser amadas. Não me voltes de lá namorado!

— Bem sabes que não é possivel isso — respondeu Luiz de Mendonça. O que eu desejo, o que busco agora é arrancar do coração o que n'elle tenho. O coração tambem delira ás vezes, tem esperanças, tem ambições insensatas, Francisco d'Albuquerque!

— Sempre eu pensei assim: e espanta-me o vêr como d'isso te admiras — acudiu o capitão Francisco d'Albuquerque. — Amigo, se a cabeça não tem prudencia, como se ha de exigir do coração que a tenha?

Os dois viajantes proseguiram a caminhar calados; até que Francisco d'Albuquerque não podendo conter-se, exclamou:

— Que tempo ha que a não vejo! Desde aquella noite fatal em que ambos estivemos perdidos; quando el-rei, guiado por uma bruxa...

— Aquella mesma que em Alcantara nos prognosticou futuros terriveis; Zaída, a mãe de Aza.

— A maldita faz os prognosticos, e trabalha depois para que se realizem. Vaticinou-me a morte, e queria ver se el-rei me mandava enforcar! — exclamou Francisco d'Albuquerque. — O que é certo — proseguiu elle — é que, se o Castello-Melhor não apparece tanto a tempo para nos dar aviso, apagar a luz, e mandar-nos para Salvaterra, estava eu a esta hora morto de véras. E ella, a minha pobre Margarida... talvez assassinada tambem.

— O conde salvou-te por interesse proprio.

— Não duvido, Luiz de Mendonça; porém salvou-me. O conde já por duas vezes me salvou a vida. E é por isto que me custa o entrar em todas estas conspirações contra elle.

— E o bem da patria?

— Olha, Luiz — interrompeu o capitão — parece-me que Portugal não ha de ganhar muito, se em vez do Castello-Melhor ser ministro, el-rei se deixar governar pelos que governaram a rainha mãe. Estamos aqui n'um deserto, e nem a lua nos vê á sombra d'estes pinheiros: posso dizer-te sinceramente o que penso sem receio de offender o infante. Parece-me que o conde não é tão mau como o querem fazer, e que Portugal lhe deve, em grande parte, o ter podido n'estes ultimos annos sustentar a sua independencia.

— Estás agora pelo conde? — perguntou Luiz de Mendonça.

— Não. Mas, como quem já não é d'este mundo, como homem morto que sou, não digo senão verdades — disse Francisco d'Albuquerque, rindo.

— Então, como estou fallando com um morto, e a lua não nos vê, nem nos ouve — e Mendonça ria dizendo isto — vou dizer-te o que penso d'estas conspirações, e alliviar-te assim em parte do pezo que tens na consciencia.

— Como! de que modo?

— Estas conspirações, estas guerras não são contra o conde só. Os conspiradores pozeram a mira mais alto.

— Pois até a el-rei querem chegar?

— Ouve. Quando hontem te deixei na sala do noviciado da Cotovia, em que ambos nos achavamos escondidos — principiou Mendonça — fui á cerca, onde me estava esperando o padre Manuel Fernandes. Logo que me avistou, disse-me que me ia confiar uma missão difficil, que muito interessava o senhor infante e a rainha. Respondi-lhe que estava prompto para tudo que me ordenasse. Então, entregando-me estas duas cartas que levo para el-rei de França, recommendou-me muita cautela, muito segredo, muita diligencia; marcou-me o itinerario, as casas em que hei de pernoitar, as pessoas com quem devo fallar; participou-me que até Elvas iria acompanhado por ti, mas que em Elvas nos deviamos separar, porque alli me estava esperando um padre da sua ordem para me conduzir até Paris: enfim, fallou-me com tal clareza e individuação de toda esta viagem, que me convenceu de que tudo

está preparado para uma empreza mais importante do que tirar o conde valído do lado d'el-rei.

— Talvez te não enganes nas tuas conjecturas.

— Ao separar-se de mim, o padre Fernandes disse-me, pondo-me a mão no hombro, estas formaes palavras: « Vá, senhor Luiz de Mendonça, vá a esta viagem longa e difficil, que quando voltar ha de cá achar grandes mudanças. Em vez de assassinos para o apunhalarem, ha de, se Deus proteger os que só em o servir cogitam, encontrar quem o premeie, pela sua dedicação e fervoroso amor ao senhor infante e a sua magestade a rainha. » Hei de encontrar grandes mudanças, diz o padre Fernandes; e essas quaes poderão ser senão mudanças de governo e de rei?

— Esta união secreta da rainha com sua alteza é para dar que pensar, isso é verdade, Luiz — disse o capitão.

— O que é sem duvida para mim é que entre a rainha e o senhor infante ha mais do que uma união politica! — acudiu Luiz de Mendonça com um suspiro.

— A mim não me disse o confessor de sua alteza senão o que... o que te contei já. Recommendou-me que te acompanhasse até Elvas; e se por desgraça tu fosses detido no caminho, tomasse conta das cartas que levas, e as entregasse no collegio dos jesuitas de Elvas ao padre Lobato, e lhe obedecesse como se elle fôra o proprio senhor infante. Depois, como eu lhe lembrasse as promessas que elle me fez de salvar Margarida do terrivel captiveiro em que agora a tem el-rei e Henri-

que Henriques, prometteu-me que ao voltar de Elvas talvez ella já me estivesse esperando em Aldeia-Gallega. Pobre Margarida! — exclamou o namorado capitão. — O que não terá padecido, fechada n'aquella casa da Ribeira como n'uma prisão, vigiada de dia e de noite, guardada pelos da patrulha baixa, sem saber novas minhas desde Salvaterra!

— E Thereza, a candida Thereza, que ainda não sabe se estás morto ou vivo, e que talvez a esta hora esteja pensando que eu me esqueci d'ella. Eu, que a estimo, que a respeito, que lhe quero como a uma irman — disse Mendonça.

— E tens razão, que Thereza é um anjo. Eu é que fui, é que sou um ingrato com ella. Mas o que pôde a vontade sobre um coração que se apaixona, e que nas suas paixões é egoista e indomavel?

Fallando assim, ora dos seus amores, ora das suas esperanças, ora das coisas politicas em que ambos eram interessados como criados do infante, os dois viajantes chegaram ao logar onde a senda sinuosa e areenta que seguiam, sahindo do pinhal, se estendia quasi em linha recta até Monte-Mór, que ficava a curta distancia.

— Lá estão as duas luzes, que são o signal de que somos esperados alli — disse Luiz de Mendonça, mostrando ao seu amigo uma casa um tanto afastada da villa, e por cuja janella se divisavam duas luzinhas, postas uma por cima da outra. — É alli que vamos pernoitar hoje.

— Pois, agora que a estrada é boa, vamos depressa, porque estou cansado de tanto caminhar — acudiu Francisco d'Albuquerque.

E, largando os cavallos a trote largo, os dois amigos chegaram á porta da pequena casa, que se abriu a um signal de Luiz de Mendonça. Quem abriu a porta era um velho com roupeta e cara de jesuita; o qual, logo que examinou n'um relancear de olhos os dois mancebos, dirigindo-lhe á cara a luz viva de uma lanterna que tinha na mão, soltou com voz lenta e soturna um *pax Christi*, fazendo um gesto que queria dizer: « entrai, que bem vos conheço. »

Os viajantes entraram n'uma casa terrea muito extensa, e mal allumiada por as luzes de duas lampadas penduradas do tecto por cordas diante da janella; aquellas mesmas luzes que Mendonça mostrara ao capitão ao sahir do pinhal, e que serviram de signal para elle conhecer o lugar onde era esperado. No meio da casa havia uma grande mesa cercada de bancos, tudo de cortiça tosca e rude; a um canto estavam empilhados muitos mólhos de feno. Foi para ahi que os dois viajantes levaram os cavallos, depois de os terem desapparelhado; em quanto o jesuita fechava a janella, punha sobre a mesa a lanterna, e ia a uma prateleira buscar um prato de barro com uma perna de carneiro assada, uma borracha de vinho, e um enorme pão de rolão.

Francisco d'Albuquerque, Luiz de Mendonça e o jesuita dispunham-se a cear, e a integridade da perna de carneiro já tinha sido atacada por mais de um golpe,

quando duas rijas pancadas na porta os vieram pôr em sobresalto. Os dois mancebos deitaram mão ás pistolas que tinham tirado dos coldres e posto sobre a mesa, e o jesuita correu á porta.

— Quem bate ahí? — perguntou este.

— É de paz quem bate — respondeu de fóra um homem, cuja voz tinha accento estrangeiro.

— Não se abre a esta hora.

— Abra, que eu tenho que fallar com dois viajantes que entraram agora mesmo para aqui.

— Vá seu caminho, que se não abre a porta.

— Teem medo de um homem só, tantos que lá estão dentro! — exclamou o estrangeiro.

— Abra a porta e deixe entrar — disseram ao mesmo tempo os dois moços fidalgos de D. Pedro, em quem estas palavras excitaram colera.

Mal o jesuita abriu a porta, entrou um homem, que, vendo os dois amigos de pistola em punho, soltou uma risada, bradando:

— Não acreditaram ainda que sou de paz, e amigo! Louvado Deus que me inspirou as palavras que fizeram abrir esta porta; senão ficava na rua.

Albuquerque e Mendonça reconheceram logo no recém-chegado Estevão de Castilho, o criado francez da rainha, que, como já se disse n'outro capitulo d'esta historia, estava justo a casar com mademoiselle Ninon d'Amuraude. As pistolas cahiram sobre a mesa, e as mãos estenderam-se para o estrangeiro; a do capitão com a espontaneidade juvenil, que n'elle se manifes-

tava em todos os actos da vida; a de Mendonça lentamente e a custo, como se a detivesse um presentimento. O francez recebeu os cumprimentos como recebera as ameaças, a rir: e, logo que prendeu o seu cavallo aonde estavam já os cavallos dos criados do infante, veio sentar-se á mesa, e foi o primeiro a atacar a ceia e a provar do vinho.

A fome era grande em todos, e durante um quarto de hora não se ouviu palavra em roda d'aquella mesa. Mas no fim chegou, como chega sempre, a saciedade; e então Estevão de Castilho rompeu o silencio, dizendo:

— Hão de ter curiosidade de saber o que me trouxe aqui.

— Verdade é, senhor, que a sua presença... — acudiu Francisco d'Albuquerque.

— Não era esperada, mas é facil de explicar — interrompeu o francez. — Antes porém de a explicar, desejo saber de quem tenho a honra de ser commensal. A fallar a verdade eu devia ter feito esta pergunta logo que entrei: mas como sabia que n'esta cabana estavam dois fidalgos da casa do senhor infante, e me vi tão bem recebido e agasalhado, tratei de comer antes de tudo, porque trazia fome de matar.

— Tem por commensaes, senhor Estevão de Castilho — disse Mendonça — dois homens que servem, como vossa mercê disse, o senhor infante; e que, por o conhecerem como fiel criado da rainha, o admittiram n'esta casa.

— Tenho ideia de já o haver encontrado, senhor...

como é o seu nome? — perguntou Castilho, attentando em Luiz de Mendonça.

— O meu nome é Luiz de Mendonça — respondeu este como impacientado. — E não é sem fundamento essa ideia que tem, porque duas vezes nos encontramos já.

— Aonde?

— Uma na *portaria das damas* do paço, onde me livrou, senhor Estevão de Castilho, das garras da senhora Agostinha, o terrível dragão d'aquelle jardim de hisperides.

— Lembra-me, recorde-me d'isso. Ia vossa mercê com uma mensagem para sua magestade. E a outra vez que nos vimos foi...

— D'essa vez não nos vimos, encontramos-nos só. Foi no paço também, uma noite...

— De noite... — prorompeu o francez fazendo-se pallido.

— Na sala das *moças de lavor*...

— Onde estava só, senhor?

— Onde eu estava com mademoiselle Ninon de Amuraude.

Estevão de Castilho, de pallido que estava, passou a fulo de colera.

— E pôde-se saber porque vossa mercê estava no paço a essa hora, na sala das *moças de lavor*... ás escuras com uma dama da rainha...

— Que é sua noiva, senhor Castilho — concluiu Luiz de Mendonça.

— Com quem eu estou para casar, é verdade — disse o criado da rainha. — E é isso que explica a minha curiosidade agora.

— Pois sinto não poder satisfazer a sua curiosidade.

— Porque?

— É segredo da rainha, que se não pôde revelar — respondeu Luiz de Mendonça; sorrindo de um modo quasi imperceptível.

Castilho mordeu o beijo, a ponto de lhe espirrar o o sangue; porém, para encobrir a colera que lhe subia á cabeça e lhe toldava a vista, voltou-se para o capitão Francisco d'Albuquerque:

— E vossa mercê, posso saber-lhe o nome? tem a bondade de me dizer quem é?

— Certamente que hei de ter essa bondade — respondeu rindo o capitão: — quando nos disser o que o trouxe aqui, e como soube que nos encontrava n'esta casa.

— Não tenho duvida em o dizer. Tambem estou iniciado nos segredos da rainha; mas a fidalgos, que servem fielmente o senhor infante, não hesito em lhes contar o que sei. Vou com uma carta de sua magestade para o marechal Schomberg, que ha de tambem escrever para França ao visconde de Turenne sobre os negocios de Portugal: e sua alteza, a quem tive a honra de fallar hontem á noite, disse-me que, não descansando no caminho, encontraria aqui em Monte-Mór, n'uma casa isolada fóra do povoado, os dois criados

seus, que levavam para França as cartas da rainha. Eis aqui como eu soube que n'esta casa acharia bom gasalhado para uma noite, e companhia para a jornada de amanhan.

— Fallou hontem com sua alteza? — perguntou Francisco d'Albuquerque.

— Fui levar-lhe da parte da rainha — respondeu o francez, fixando os olhos em Mendonça — fui levar-lhe uma mensagem, que deu grande gosto ao infante. Segredos, segredos de amor da rainha; que valem mais do que os segredos politicos de que alguem faz tão grande mysterio.

— Cada um guarda os segredos que lhe confiam, e cumpre assim o seu dever — acudiu Luiz de Mendonça. — Mas nem todos fazem assim. E ha até quem invente absurdos, impossiveis, para se gabar depois de possuir os segredos de quem, se os tivesse de tal natureza, lh'os não confiaria de certo.

Estevão de Castilho era vaidoso, imprudente, leviano; a contradicção irritava-o, uma palavra severa punha-o fóra de si.

— Duvída da existencia dos amores da rainha com sua alteza? — perguntou elle, já cego de raiva.

— Duvído.

— Pois hontem levei eu, como lhes disse já, uma carta da rainha, minha senhora, a sua alteza: e dentro d'essa carta, que sua alteza abriu diante de mim, iam... umas ligas azues bordadas de oiro.

— Mente — bradou Luiz de Mendonça, pondo-se

de pé, e agarrando com mão convulsa de colera uma das pistolas que estavam sobre a mesa.

O francez, livido, hirto, com os olhos dilatados, com a voz afogada pela raiva, com um temeroso rugido, tirou do cinto uma adaga, e precipitou-se sobre Mendonça.

Francisco d'Albuquerque, que estava entre os dois adversarios, mal viu o perigo que corria o seu amigo, segurou Estevão de Castilho pelo meio do corpo, em quanto o jesuita desviava o braço de Mendonça, no momento em que este disparava a pistola, cuja bala foi cravar-se na parede, passando a dois palmos da cabeça do francez.

— Que loucura é esta? — bradou o capitão.

— Esqueceis que sois christãos? — acudiu o jesuita.

— Esta affronta... com sangue, com sangue se ha de lavar — balbuciou por fim o criado da rainha.

— N'um duello, mas não n'um assassinato — interrompeu Francisco d'Albuquerque.

— Pois seja n'um duello, e já — disse Luiz de Mendonça.

— A religião não consente... — ia o jesuita a dizer.

— A honra não consente que este duello fique para mais tarde! — rugiu o francez.

— E se um de vós morrer, quem ha de cumprir a missão que lhe encarregaram os principes?

— O que sobreviver — respondeu Luiz de Mendonça, que tinha conseguido tornar-se senhor de si, e

serenar um pouco o animo. — Francisco d'Albuquerque servir-nos-ha de padrinhos; e elle, com aquelle de nós que ficar com vida, dará cumprimento ás ordens dos principes.

— Vamos, pois, vamos já — bradou o francez.

— Bater-vos-heis á espada — disse o capitão.

— Á espada — responderam os dois adversarios.

— Aqui?

— Lá fóra — disse Mendonça. — Está um luar claro como dia. Temos luz bastante para nos matarmos á vontade.

O duello travou-se a pequena distancia da casa, n'um pradosinho de relva quasi secco, onde o luar dava de chapa; de modo que cada um dos combatentes podia seguir com os olhos os movimentos das espadas, em que por vezes parecia correr um raio de fogo. O combate durou apenas um minuto; mas esse pouco tempo pareceu ao capitão uma hora, porque a afflicção lhe confrangia o peito, e lhe tolhia a respiração. No fim uma estocada, que Estevão de Castilho não varreu a tempo, decidiu o duello. O francez cahiu varado pela espada do seu adversario, dando um grito horrivel de dôr, de raiva e de agonia.

— Está morto — disse para o seu amigo Francisco d'Albuquerque, pondo a mão sobre a ferida do francez, por onde o sangue sahia em jorros, e que ia direita ao coração. — Está morto. Agora vai tirar os cavallos para fóra da casa, em quanto eu me aposso das cartas da rainha para Schomberg. É preciso partirmos já,

não nos venham encontrar aqui as patrulhas de Monte-Mór. Disse-me o jesuita que está ahí aquartelado um esquadrão do regimento do Maré, commandado pelo conde de Rosan.

Assim como ia fallando d'este modo, o capitão, ajoelhado, buscava á pressa por debaixo da coira de anta que o francez tinha vestida a carta da rainha; e Mendonça no entretanto corria á casa, cuja porta o jesuita conservara aberta, e tirava para fóra os cavallos. No momento porém em que Francisco d'Albuquerque se levantava já com a real carta para ir ter com o seu companheiro, desembocaram de uma rua de Monte-Mór alguns soldados de cavallaria, correndo á redea solta. O perigo era eminente, e Francisco d'Albuquerque, cedendo ao primeiro impulso do animo assustado, deitou a correr para onde o estava esperando o seu companheiro com os cavallos: este movimento, porém, fez com que os soldados o descobrissem logo, e corressem sobre elle.

Mal tivera tempo de dar alguns passos, e de gritar a Luiz de Mendonça que fugisse, o que este fez sem hesitar, quando se viu cercado de soldados vociferando contra elle, e chamando-lhe assassino. Despedaçar a carta da rainha e lançar os fragmentos no chão, de modo que os soldados os não vissem, foi o que o moço capitão fez primeiro: depois, tirando a espada e entregando-a ao chefe da patrulha, deixou-se conduzir para Monte-Mór, para onde os soldados levaram tambem o cadaver de Estevão de Castilho.

CAPITULO XLIX.

REBENTA A TEMPESTADE.

A trama politica, intrincada e astuciosamente urdida, de que eram authores, e em que incessantemente trabalhavam D. Rodrigo de Menezes, o sagaz e incansavel conselheiro do infante D. Pedro, e os padres da companhia de Jesus, ia crescendo de dia para dia, e envolvendo por todos os lados o conde ministro e o proprio rei. A intriga, a calumnia, a aleivosia minavam a côrte de Affonso VI; e o poder do Castello-Melhor, baseado no valimento, sustentado por um principe quasi imbecil, inconstante, sempre irresoluto, oscillando sempre entre a furia descomedida do louco, ou o pavor proprio de um espirito frouxo, sem resolução e sem vontade, decahia, cedia manifestamente ao poder mais forte e mais ousado do infante.

O partido de D. Pedro, estreitamente unido já ao partido da rainha, engrossava e fortificava-se pelos esforços dos chefes da conspiração. Sua alteza, docil aos conselhos do seu estribeiro-mór e do padre Manuel Fernandes, principiou por occasião de ter assistido á morte subita de um criado de el-rei, chamado Agostinho de Ceuta, a frequentar muito os sacramentos; a passar horas inteiras em oração; a buscar o retiro para se entregar á meditação; ganhando por este modo as sympathias da gente do povo e do clero, que por toda a parte apregoava as suas virtudes, e louvava o seu grande temor de Deus; buscando ao mesmo tempo tornar manifesta a impiedade e o descomedimento de el-rei. Para obter as sympathias dos militares, chamava o infante ao Córte-Real todos os que vinham a Lisboa requerer algum emprego e que eram mal despachados; fazia-lhes muitas promessas, excitava-os contra o valldo, e mostrava-se sentido pelas injustiças que el-rei praticava com os que fielmente o serviam. Aos nobres e aos poderosos de todo o reino fazia sua alteza mercês, alegrava com esperanças, lisongeava com agrados e favores. Ao povo lisongeava-lhe tambem as paixões; ora chamando a si todos os membros da casa dos vinte e quatro, e tratando-os com grandes distincções; ora fazendo espalhar por Lisboa papeis contra o credito do conde de Castello-Melhor e de seu real irmão; ora publicando, com escandalo manifesto, a impossibilidade de poder a corôa ter outro herdeiro a não ser elle infante; ora, emfim, mandando os seus criados cathequi-

zar os homens mais influentes das confrarias e dos officios da cidade.

A tempestade ia-se por este modo formando, e escurecendo-se o horisonte, sem que no entretanto nenhum successo importante perturbasse a tranquillidade da côrte. E, com effeito, parecia haver-se estabelecido certa harmonia entre o conde, privado d'el-rei, e os fidalgos parciaes de D. Pedro; harmonia que a rainha mostrava querer tornar mais completa e perfeita. Diremos aqui o motivo porque essas relações, apparentemente amigaveis, se haviam formado entre inimigos que nada podia reconciliar, e entre os quaes tregoaes mesmo eram impossiveis.

Alguns fidalgos dos que seguiam o partido de sua alteza, zelosos do bem commum do reino e ignorando talvez as relações que ligavam D. Pedro á rainha D. Maria Francisca, relações de que um historiador contemporaneo escreveu: « não deixou de haver n'este tempo na côrte alguma murmuração secreta, e presumpção má do infante com a rainha; como os olhos são lincees, principalmente quando as vistas procedem da desconfiança, se observavam alguns movimentos, que ainda feitos com todo o disfarce, se tinham por maus signaes » : alguns fidalgos, como iamos dizendo, entre os quaes tinham o primeiro logar os marquezes de Niza e de Sande, começaram a encarecer a necessidade de casar o infante sem maior dilação, para assegurar a conservação da corôa portugueza na dynastia de Bragança. O conde de Castello-Melhor, julgando assim reconci-

liar-se com D. Pedro e com os que tomavam partido por elle, ou pelo menos diminuir a animosidade com que o atacavam, e talvez por ventura para ver se afastava uma da outra as duas parcialidades do infante e da rainha, abraçou o pensamento dos dois marquezes, e persuadiu el-rei a que consentisse no casamento. A rainha e sua alteza « para desmentirem a má opinião que podia crescer » mostravam interessar-se muito porque o negocio se effeituasse; fallando a rainha, para esse fim, a D. Affonso VI: declarando sua alteza que estava prompto para seguir pontualmente as ordens de seu irmão, e pedindo que sobre o assumpto se consultassem os soberanos de Inglaterra, e el-rei lhe augmentasse as rendas e luzimento da sua casa.

D'esta fórma se estabelecera entre as parcialidades contrarias aquella apparente harmonia, da qual resultou por algum tempo na côrte uma quietação, que perturbavam apenas as declamações violentas de imprudentes e mal soffridos servidores do infante.

Tudo parecia encaminhar-se, pois, para a pacifica conclusão do casamento de D. Pedro, quando em 23 de agosto de 1667 se correram touros no Terreiro do Paço, para celebrar os annos d'el-rei, e festejar Santo Antonio, como era costume antigo na cidade de Lisboa. A segunda tourada devia fazer-se no dia 27; e Affonso VI, acompanhado por alguns fidalgos e pelo seu privado, sahiu na vespera de tarde da cidade, para ir esperar os toiros, e acompanhá-los até á praça. Porém, em quanto el-rei estava ausente, um aconteci-

mento não esperado pelo conde de Castello-Melhor e pelo seu partido, mas previsto e calculado de certo pelos que trabalhavam por lhe tirar o poder das mãos, veio alterar o estado das coisas na côrte; de modo que, nem as festas de Santo Antonio puderam continuar, nem para o escrivão da puridade, para o poderoso ministro houve mais uma hora de socego.

Era n'essa mesma tarde que deviam reunir-se no paço, pela primeira vez, o secretario de estado Antonio de Sousa de Macedo, e João de Roxas de Azevedo, secretario do infante, para tratarem do negocio do casamento. Antes de ir a esta conferencia, o secretario de estado entrou na antecamara, onde a rainha dava audiencia publica; para lhe beijar a mão, e lhe apresentar uma carta que para ella viera do senado da camara da cidade de S. Paulo do reino de Angola. A rainha, cercada n'aquella occasião de numerosa côrte, composta dos francezes da sua casa, de fidalgos portuguezes, e de muitas damas, recebeu Antonio de Sousa de Macedo com semblante carregado, ar severo e ameaçador silencio. Depois que o secretario de estado, amigo do valído, lhe beijou a mão e lhe entregou a carta de Angola, D. Maria Francisca, levantando a voz, perguntou-lhe em que termos estava a consulta do conde mordomo-mór, que ella lhe havia confiado para ser vista por dois desembargadores.

— Vossa magestade — respondeu o Macedo — fez-me a honra de me confiar os papeis que, sobre as preeminencias e prerogativas de seus respectivos cargos,

entregaram a vossa magestade o conde de Santa Cruz seu mordomo-mór, e o seu secretario Pedro d'Almeida. Esses papeis remetti-os a dois desembargadores, como vossa magestade me ordenou, e hoje acham-se no conselho d'estado.

— E porque se desobedeceu assim ás minhas ordens? — exclamou a rainha, que buscava um pretexto para se mostrar descontente.

— Senhora, eu cumpri as ordens de vossa magestade; porém os desembargadores, não se julgando auctorisados a decidir uma questão d'esta natureza, entregaram o negocio ao conselho d'estado. Póde vossa magestade fallar n'elle ao conde de Castello-Melhor.

— Ao conde hei de eu fallar em coisas de minha casa! — exclamou a franceza encolerisada, partindo o leque no braço da cadeira em que estava sentada — Fiz proposito de lhe não fallar em nada, e agora ao proposito se seguiu juramento; porque não quero ver-me desattendida, e affrontada por quem dévera obedecer-me. Faltastes á vossa obrigação, Sousa de Macedo; praticastes um excesso imperdoavel em alterar as minhas ordens.

O secretario d'estado, de um character irascivel e violento, e que demais era notado na côrte pela sua antipathia aos estrangeiros, principalmente aos francezes, teve necessidade de um grande esforço de vontade para responder respeitosaente á rainha:

— Minha senhora, bem vê vossa magestade que não fui eu, mas sim os desembargadores nomeados para

ver os papeis do conde mordomo-mór, quem alterou as ordens que vossa magestade deu sobre tal assumpto.

— Aqui todos obedecem ao Castello-Melhor; e por isso me não obedecem nem a mim, nem ao infante, nem mesmo a el-rei. — E a rainha, que havia deixado cabir o leque quebrado das mãos, amarrotava agora as rendas da *ballona* que lhe enfeitava o pescoço. — E o processo d'aquelle homicida — proseguiu ella — do arreeiro que matou no Alemtejo um criado francez da minha casa, que assassinou Estevão de Castilho, em que estado se acha? Ainda se não resolveu tambem nos tribunaes?

— Senhora, sobre esse processo levantam-se difficuldades por causa das immunidades da igreja, e por não haver prova sufficiente do crime. O almocreve que é accusado de ter morto Castilho, o criado francez de vossa magestade, quando o conduziam para Lisboa fugiu, e buscou asylo n'um templo, d'onde o foram arrancar os soldados. E demais não ha testemunhas que o vissem praticar o assassinio.

— É só por me darem desgosto que não castigam, como merece, esse malvado — clamou D. Maria Francisca. — O conde, o privado de el-rei, oppõe-se a quanto eu desejo. Tendo poder para tudo, só para as coisas que me tocam a mim lhe fallece poder. Não só as injurias que se me fazem ficam sem castigo, mas até me tem reduzido a tão miseravel estado, que chega a ser total pobreza.

E proseguindo nas suas queixas, inteiramente do-

minada pela colera, a rainha disse então que lhe faltavam com tudo; que não tinha com que fazer uma esmola, porque lhe retardavam a consignação de vinte mil cruzados que el-rei lhe dera; que o dinheiro ia todo para outras pessoas que estavam em summa prosperidade, em quanto a ella lhe faltavam as consignações, aos soldados as pagas, aos religiosos, aos orphãos, ás viúvas, e aos fidalgos os juroes e as tenças; que ao duque de Cadaval haviam chamado do seu injusto desterro para a côrte, sem lh'o participarem, apesar de haver tantas vezes intercedido por elle.

— Emfim — concluiu ella — parece que querem ostentar o seu poder, para mostrarem que eu não tenho parte alguma no governo. Ha alguem na côrte que busca por desvanecimento occasiões de me offender, e que é tão soberbo que imagina ter eu vindo a Portugal não para ser rainha, senão para ser sua escrava.

— O conde de Castello-Melhor, e todos nós, não cuidamos senão em servir e agradar a vossa magestade — acudiu o Macedo. — Os negocios de que vossa magestade me acaba de fallar não dependem do conde, nem de mim; a outros ministros toca a sua resolução. E a consignação dos vinte mil cruzados, se vossa magestade ainda a não recebeu é porque, sendo nova, tem levado tempo e achado difficuldades o seu assentamento. Minha senhora — proseguiu elle, levantando a voz — junto de vossa magestade ha quem a engana. De todas as coisas importantes se dá parte a vossa magestade; e se da vinda do duque se lhe não disse nada, é

porque el-rei guardou para si esse segredo, e o mandou buscar sem dizer nada aos seus ministros. Nós queremos que vossa magestade tenha maior poder do que todos na corte; e se alguém a persuade do contrario, senhora, é porque é traidor e a quer enganar. Não tem vossa magestade razão em se queixar dos portuguezes, porque todos lhe tem tanto respeito e amor, que passa a adoração.

— Não é dos bons portuguezes que eu me queixo. Os respeitos d'esses são allivio das minhas magoas. Só tres ou quatro me offendem. Hei de, porém, tomar conta das minhas rendas; para que não ande mais tempo usurpada a fazenda e riqueza das rainhas de Portugal. Eu bem sei, — continuou a rainha, tremula de pura raiva, e descalçando com violencia as luvas bordadas — eu bem sei que, na opinião dos que me perseguem, é grande crime fallar-me alguém e tratar-me como quem sou; mas eu já conheço a probidade d'aquelles a quem dou ouvidos, e a má vontade d'aquelles de quem me queixo. De hoje em diante não hei de pedir nem auxilio para o bem, nem justiça para o mal.

— Minha senhora.... — interrompeu o secretario de estado, levantando mais a voz.

— Fallai baixo!

— Se fallo alto, senhora, é para que me oiça todo o mundo.

A rainha poz-se de pé, branca, e enfiada, bradando imperiosamente:

— Calai-vos, Macedo.

O velho secretario de estado, lembrando-se que fallava á soberana, prostrou-se de joelhos; e, com voz em que se deixava perceber a colera mal comprimida pelo respeito, disse:

— Escute-me vossa magestade, porque quero justificar-me...

A franceza, porém, em vez de o escutar voltou-lhe as costas; e Sousa de Macedo, para a deter, pegou-lhe com a mão convulsa nas roupas que rojavam pelo chão.

— Como! vilão! — bradou ella, batendo com o pé na casa, — és tão atrevido! — E levantando a mão, deu com a luva na cara do secretario de estado: encaminhando-se depois com passos precipitados para a sua camara.

Vendo-se o velho assim affrontado cruelmente diante de uma parte da côrte, levantou-se livido, hirto, com os olhos dilatados e phosforecentes, a boca tremula e semi-aberta; afastou com uma das mãos as cans que lhe encobriam a testa, e, apontando com a outra para a porta por onde a rainha sahira, balbuciou com voz cava e suffocada:

— É uma acção indigna! Nunca um rei tratou d'esta sorte um vassallo... um velho!

Apenas D. Affonso VI voltou do campo, onde tinha ido esperar os touros, logo a rainha foi ter com elle para lhe contar os agravos que recebera do secretario de estado, e pedir-lhe que o castigasse severamente; para escarmanto dos que a offendiam de proposito deliberado, e para desaffronta da sua dignidade. El-rei,

entre desejoso de comprazer á vontade da rainha e receoso de tomar uma deliberação sem ouvir primeiro a opinião do seu privado, balbuciou algumas promessas, titubeou algumas phrases, e no fim concluiu:

— Ha de se fazer justiça. O Macedo ha de... ha de ausentar-se da côrte. E sobre tudo, esse homem que matou o francez no Alemtejo, o tal almocreve, ha de pagar com a vida o crime que commetteu.

Em quanto a rainha fazia queixas do secretario de estado a el-rei, o Macedo queixava-se amargamente ao conde de Castello-Melhor do insulto que a rainha lhe fizera.

— Veja vossa excellencia — concluiu com gestos de colera o secretario de estado, depois de haver contado o caso que lhe havia succedido — veja vossa excellencia, se um velho, se um homem de cabellos brancos, e que nunca soffreu nenhuma injuria, póde ficar assim; sem lavar a sua honra offendida, sem se desaffrontar.

— Tenha paciencia, senhor Sousa de Macedo — acudiu o conde. — Essa injuria foi a rainha quem lh'a fez; e o melhor agora é ter paciencia, e aguardar que passe a tormenta. Felizes de nós, se ella não fizer maiores estragos!

— Que maiores estragos póde fazer, do que deixar para sempre deshonorado um homem como eu?

— Póde perder-nos a todos, e a el-rei comnosco. Senhor Macedo, o serviço de sua magestade exige que tenhamos prudencia. A rainha, naturalmente, vai exigir o seu desterro da côrte; e n'isso é que nem el-rei

nem eu havemos de consentir. Vamos a ver se podemos socegar a *brixota*, resolvendo-lhe a consulta do mordomo-mór como ella deseja, e enforcando-lhe o tal almocreve que matou Estevão de Castilho.

— Mas...

— Faça o que eu lhe recommendo, que é o mais prudente, senhor Macedo. Para levar a bom termo este negocio, é preciso ter paciencia.

Ora este almocreve, que todos concordavam ser indispensavel enforcar para socego espirital da rainha, era o capitão Francisco d'Albuquerque; que os soldados do regimento do Maré haviam encontrado, vestido á maneira dos almocreves do Alemtejo, junto do cadaver do francez Estevão de Castilho.

CAPITULO L.

AS DUAS RIVAS.

Deixemos por agora o paço e as suas intrigas politicas, para acompanharmos o silencioso frei Thomaz do Espirito Santo á tranquilla casa da sua confessada, a beata e sebastianista tia Brizida.

O frade percorreu todo o espaço que media entre o convento da Graça e o becco dos Açougues, com passos apressados; cabisbaixo, e mãos escondidas nas mangas do habito. Quando chegou á porta da beata deteve-se um pouco a scismar; levantou depois os olhos, e, como visse atravez das malhas da gelosia o vulto da bella Thereza, fez um gesto que indicava uma grave resolução corajosamente tomada, e enfiou pela escada acima. Foi a propria Thereza quem abriu a porta a frei Thomaz, e, dando-lhe as « boas-tardes » com voz

maviosa, ao mesmo tempo que lhe beijava a manga do habito, o conduziu á salinha; onde a tia Brizida estava dobando n'aquella dobadoira sonora e soporifera, com que ella se acalentava aos seus devotos serões.

A suave e meiga provinciana estava mais pallida e magra do que quando viera do Alemtejo; os olhos negros parecia haverem-se-lhe dilatado, sem perderem comtudo nem brilho nem formosura. A solidão d'aquella casa, que para Thereza se tornara perfeito deserto depois que a ella não vinha Luiz de Mendonça; os exercicios espirituaes em que se passava alli a maior parte do dia; a severidade monacal da tia Brizida; e, porque o havemos de occultar, a saudade, não do capitão Francisco d'Albuquerque, — a saudade dos mortos é consolação e não dôr — mas d'aquelle elegante e grave moço fidalgo do infante, que viera a principio trazer-lhe consolações pela perda de um noivo e acabara por se fazer amar; a saudade de Luiz de Mendonça, viva, acerba, cheia de esperanças e incertezas, tudo havia dado á graciosa Thereza um ar de melancolia, de candura triste e religiosa resignação, que, por assim dizer, illuminavam a sua belleza physica com a quasi-divina luz da bondade e perfeição moral.

Frei Thomaz foi recebido pela tia Brizida, como todo o confessor era, n'aquelles tempos fradescos, recebido por uma beata; com muitos cumprimentos, muitos respeitos, muitos carinhos. Nada, porém, lhe poudo fazer quebrar o silencio, nem mesmo sibilar aquelle polymorpho « sss! » com que elle affirmava, negava,

certificava, contradizia, perguntava e respondia. A physionomia do frade, de si insignificante e inexpressiva, tinha n'aquelle dia comtudo seu tanto de sinistra; viam-se alli a anciedade, a irresolução, a tristeza, lutando com a boçal indiferença de uma alma sem vontade, e sem determinação. Por fim a actividade dos sentimentos venceu a inercia do espirito. Frei Thomaz levantou-se, fez signal a Thereza que o seguisse, e entrou no lugubre oratorio da tia Brizida, que servia tambem de camara á melancolica provinciana.

Quando se viu só com Thereza, o frade pegou-lhe da mão, fitando n'ella olhos que as lagrimas humedeciam, e disse-lhe :

— Animo!

Thereza, que conhecia muito bem a frei Thomaz, e sabia que o seu coração frio difficilmente dava accesso aos sentimentos, tremeu de susto, e balbuciou :

— O que ha? Succedeu alguma desgraça tambem a Luiz de Mendonça! É o que me faltava, meu Deus!

— Não — interrompeu o frade. — Peior...

— Diga o que é, senhor frei Thomaz? Que segredo é esse?

— No Limoeiro... — E o graciano calou-se.

— No Limoeiro está Luiz de Mendonça? — acudiu Thereza, vendo que o frade se calara.

— Sss!

— Então, quem?

— Fui lá para confessar um preso, porque elle assim o pedira.

— E o preso era...

— Sss!

— Falle, senhor frei Thomaz. Pelo amor de Deus, falle — exclamou ella.

— Não o conheço.

— Então porque está assim afflicto?

— Porque o preso é um resuscitado.

— É Francisco d'Albuquerque?

— Sss.

— Não morreu! — murmurou Thereza, suffocada pela alegria. — Não morreu o meu... meu irmão!

E como frei Thomaz estava mudo e triste diante d'aquella expansão de alegria, Thereza começou de novo a inquietar-se, a duvidar do que o frade lhe dissera, a recear que outras desventuras viessem aggravar as dôres que havia um anno lhe dilaceravam o coração.

— Está certo que era elle, que o não enganaram? perguntou ella anciosa. — Francisco d'Albuquerque está vivo? E porque está preso? Falle, responda-me, por Nossa Senhora.

— Era elle — respondeu o confessor da tia Brizida.

— Não lhe disse nada.... não lhe fallou em ninguém?

— Disse-me que lhe affirmasse, Thereza, que elle ainda vivia...

— E mais nada?

— Mas que estava para morrer.

— De doença?

— Sss!

— Então...

— Enforcado.

— Jesus! Enforcado? E porque?

— Accusam-o de ter morto um francez no Alem-tejo.

— É falso.

— Assim diz elle.

— Vou pedir ao Castello-Melhor, vou fallar a el-rei....

— Sss! — soprou o frade, fazendo com a cabeça um gesto de negação.

— Que hei de fazer para o salvar?

Frei Thomaz do Espirito Santo tossiu, e de um só fôlego, com pasmosa volubilidade, como quem tem de cumprir uma tarefa difficil, e deseja ver-se livre d'ella, disse:

— Ir ter com Margarida; contar-lhe tudo. Ella fallará com o conde, e com el-rei. Não se deve pronunciar o nome d'elle para que os seus inimigos o não oiçam. Julgam todos que é um almocreve do Alem-tejo, que está preso. O francez que morreu era criado da rainha. É o que Francisco me disse.

— Hei de eu ir fallar á amante de el-rei! E pedir-lhe por Francisco! — exclamou Thereza; movida por um sentimento de natural repugnancia, que a sua posição relativamente á Calcanhares cabalmente justificava. Depois, detendo-se um pouco, reflectindo no perigo em que estava o seu companheiro da infancia, a

quem ella queria como a irmão, e buscando na abnegação, brandura e natural bondade da sua alma força para vencer os impulsos de uma paixão pouco generosa, disse com voz firme a frei Thomaz: — É preciso que eu vá a casa de Margarida. Já: não se deve perder um instante. Frei Thomaz, vossa reverendissima faz de certo a mercê de me acompanhar até á casa d'essa mulher. É uma obra de caridade; é para salvar a vida de meu irmão.

— Vou — respondeu o frade.

D'ahi a pouco desciam á Sé e encaminhavam-se para a Ribeira frei Thomaz do Espirito Santo e Thereza, com a bioca da manta cahida de modo que lhe escondia quasi o rosto. Era ao cahir da tarde quando chegaram á casa de Margarida. A robusta porta do pátio estava fechada; e o frade bateu tres ou quatro vezes, antes que um homem de repugnante e assustadora apparencia viesse ver quem era.

— Desejamos fallar a D. Margarida — disse Thereza ao homem, que perguntara com voz aspera o que queriam alli. — Temos que lhe dizer...

— Não falla a ninguem D. Margarida. Vão-se seu caminho, senão...

— É para lhe pedir esmola para uns desgraçados...

— O frade que lhe dê o que precisa, mana — interrompeu o terrivel porteiro, rindo ignobilmente. — O frade é magano. Que bella moça traz comsigo!

Já ia para fechar a porta na cara de Thereza e do

seu companheiro, quando uma voz de mulher perguntou de dentro:

— Quem está ahí, senhor Luiz Manco?

— É um frade feio como um bode, e uma rapariga linda como uma estrella. Os frades agora andam sempre assim, bem acompanhados. Querem fallar com a senhora D. Margarida; para lhe pedir alguma esmola, talvez. O frade quer fugir com a moça, mas falta-lhe dinheiro.

— Minha senhora — acudiu Thereza, interrompendo as chocarrices brutaes de Luiz Manco, — minha senhora, nós precisavamos fallar a D. Margarida. Sabemos que é muito caridosa, e temos esperanza de que nos ha de escutar e fazer mercê.

— Abra a porta a essa pobre gente — disse a aia da Calcanhares ao facinoroso da patrulha baixa d'el-rei, que Henrique Henriques puzera de guarda a Margarida.

— Tenho ordem de não deixar entrar ninguem.

— Pois isto é carcere em que estamos? — exclamou a aia, chegando-se á porta. — Tambem receiam que minha ama esteja namorada de um frade? Ora vamos, senhor Luiz, abra a porta que lhe peço eu. — E dizendo estas palavras com uma voz, em que puzera todas as branduras que uma mulher sabe empregar, quando deseja alcançar o que pede, foi ella propria abrindo a porta, sem que Luiz Manco lhe oppozesse resistencia alguma.

A Calcanhares recebeu Thereza no formoso apo-

sento, onde estavam concentradas as deliciosas e amadas recordações da sua vida; no camarim onde ella assistira á quasi resurreição physica e moral do seu amante, onde lhe ouvira essas palavras sempre as mesmas, porém sempre eloquentes, persuasivas sempre, com que o homem, que ama de véras, falla do seu amor áquella, por quem sente a mais exaltada e viçosa paixão que póde engrandecer a alma.

Pela janella, fechada por uma cortina de seda vermelha, entrava uma suave e tenue meia-luz, que perfeitamente se harmonisava com o brando clarão de duas lampadas de alabastro, ardendo diante de um primoroso Christo de marfim, cuja belleza era realçada pela larga cruz de ebano em que estava pregado. Áquella luz, Margarida, vestida de negro, e pallida por extremo; com os olhos ligeiramente afogueados pelo acre contacto das lagrimas; os cabellos negros apenas sostidos por uma fita, e cahindo descuidosamente sobre o collo; as mãos alvissimas, que o emmagrecimento parecia haver alongado, tornando ao mesmo tempo mais pura e aristocratica a sua fórma, estendidas com desalento sobre o velludo do vestido; Margarida era a imagem harmoniosa e melancolica da saudade.

Desde que em Salvaterra, n'aquella noite funesta, Margarida fôra separada de Francisco d'Albuquerque, nem uma hora tinha havido de repouso para o seu espirito, nem de allivio para o seu coração. Guardada pelo ciume vigilante e desconfiado de Henrique Henriques, só duas vezes sahira de casa para ir ao paço, de-

pois da sua volta para Lisboa. Na solidão, e opprimida pela magoa e pelo susto, a alma da amante de Affonso VI havia-se votado á oração, e ás meditações religiosas; os escrúpulos tinham vindo, vivos e pungentes, perturbar-lhe a consciencia; e então, a imaginação exaltada e ardente lançara-se n'essas regiões immensas do ascetismo, onde a luz e as trevas, a alegria e a dôr, a bemaventurança e a eterna condemnação apparecem n'um vasto turbilhão de ideias confusas, de indecisas esperanças, de indefinidos desejos. Os conselhos e as praticas do seu novo director espirital, o padre jesuita Manuel Fernandes, tinham profundamente impressionado o espirito, por natureza exaltado e inclinado á tristeza, da desditosa Margarida; e desenvolvido n'ella uma *theopathia*, que destruiu quasi totalmente todas as paixões que a prendiam á terra.

O seu amor por Francisco d'Albuquerque nada perdera da sua intensidade; mas havia n'esse amor agora um mystico desejo de purificação, uma esperança de felicidade pela união espirital, de santificação pelo arrependimento. Cançada de padecer na terra, de ver sempre um abismo, aberto pelos crimes e pelas ruins paixões de homens sem piedade, entre ella e a felicidade, Margarida, sem cessar de ter no coração todos os ardores de um amor apaixonado, havia alevantado a sua alma acima das misérias da terra; entranhando-se n'esse vago imaginar, que é o allivio e a consolação dos que tem sincera crença n'um mundo melhor.

A Calcanhares estava entregue a tristes cogitações,

quando Thereza entrou no camarim, com o rosto ainda meio escondido pelo bioco negro da manta. E com razão a candida provinciana conservara o bioco assim cahido para a frente, porque n'aquelle momento estava tão pallida, tão convulsa, tão fóra de si, que, se a aia de Margarida a visse em tal estado talvez suspeitasse que ella vinha áquella casa para praticar alguma acção criminosa.

Quando a aia disse a sua ama estava alli a mulher, que instantemente pedira para lhe fallar, Margarida levantou a cabeça, e com uma voz meiga e melancolica:

— Sente-se aqui ao pé de mim, senhora — disse; — e diga-me com sinceridade em que a possa servir.

— Senhora — balbuciou Thereza, sem se mover, e levando a mão ao peito para conter os impulsos do coração, que batia desordenadamente.

— Soffre! — acudiu a Calcanhares, pondo-se de pé, e pegando na mão de Thereza. — Permitta Deus que eu possa allivial-a d'essa dôr que a atormenta, senhora! Vamos, não trema, não se afflija tanto. A minha alma está preparada para entender as queixas dos desgraçados.

Era tão suave a voz de Margarida ao dizer estas palavras; estava tão melancolica, revelava tal bondade a sua physionomia, os seus olhos arrasados de lagrimas tinham uma doçura tão angelica, que Thereza sentiu fundirem-se, ao brando contacto da meiga alma da que fóra sua rival, todas as repugnancias, apagarem-se todas as antipathias. A sua mão, que fugira um pou-

co, assustada de se achar unida á mão da Calcanhares, tornou-se menos tremula; a sua voz era intelligivel e mais firme quando disse:

— É-me penoso, D. Margarida, vir eu mesma falar-lhe n'um triste caso, que a ambas nos interessa.

— A ambas! — E D. Margarida, em quem estas singelas palavras haviam vivamente excitado a curiosidade, sentou-se no seu rico estrado, obrigando Thereza a sentar-se-lhe ao lado.

— A ambas — proseguiu esta, tirando a sua mão d'entre as mãos da Calcanhares. — A grandeza do sacrificio, que eu fiz em vir aqui, podel-a-ha apreciar, senhora, quando souber quem sou.

Deitando então o bioco para traz, Thereza deixou ver á Calcanhares o seu rosto suave, que as penas haviam empallidecido. A amante d'el-rei, ao reconhecer-a, fez um gesto em que visivelmente se pintava o espanto e a anciedade, que lhe causava o ver na sua propria casa a noiva de Francisco d'Albuquerque.

— O perigo imminente, a urgente necessidade de soccorro que tem... Francisco d'Albuquerque... meu irmão, explicam e justificam, D. Margarida, a minha vinda a esta casa — deu-se pressa em dizer Thereza.

— Que ha, que succedeu? — perguntou logo Margarida com grande turbação.

— O que ha? Francisco está vivo...

— Bem o sei.

— Mas em risco de morrer como criminoso, como assassino, sendo innocente.

— Que me diz? Pois elle está preso? Querem matar-o? Tinham-me dito que estava para o Alemtejo; fóra do alcance dos seus, dos meus inimigos. Enganou-me o padre Fernandes.

Thereza, que ignorava todas as circumstancias do desaparecimento do capitão, não sabia o que pensar d'estas palavras da Calcanhares. Esta, notando o espanto da bella provinciana:

— Não se admire — disse — não se admire de eu estar informada de tudo que respeita a Francisco d'Albuquerque. Sou culpada, pequei, offendi-a, senhora; mas a confissão dos meus erros servirá agora para a sua expiação.

Estas palavras pronunciou-as Margarida com uma voz em que vibravam soluços; e as lagrimas cahiam-lhe a quatro e quatro, bellas como diamantes, pelas faces brancas.

— Confessal-o-hei aqui — proseguiu ella — eu amei-o, amei-o e amo-o muito. Perdoe-me, Thereza, perdoe-me se lhe roubei o amor d'esse homem. Mas eu tinha vivido sempre sem amar e sem ser amada; só na minha tristeza; insultada e desprezada sendo innocente; victima da crueldade dos homens, sem ter feito nada por que merecesse esse castigo de Deus. Vi Francisco d'Albuquerque, e amei-o; e como elle acreditou na minha innocencia, e me abençoou quando todos me amaldiçoavam, e me respeitou quando todos me desprezavam, esse amor tornou-se vida para mim. Quando

o vi, por minha causa, cahir aos golpes dos assassinos da patrulha baixa d'el-rei, senti que a vida da minha alma se ia pelas mesmas feridas por onde se esvaía a vida de Francisco. Quando o vi depois, — preciso de toda a sua misericordia, Thereza, necessito de toda a sua commiserção para ser perdoada, — quando o vi, quasi moribundo, entregue aos cuidados de outra mulher, que eu sabia o amava tambem, senti, Jesus me perdôe! senti o odio, a colera, o ciume abafarem-me todos os sentimentos bons, accenderem-me no coração todas as paixões violentas. Thereza — proseguiu ella pegando na mão da provinciana, de cujos olhos as lagrimas marejavam tambem — Thereza, escute-me, escute-me e tenha dó de mim. Fui eu quem tirei do Córte-Real Francisco d'Albuquerque. Aqui mesmo, n'esta casa o tive, e... fui ditosa, como o não foi nunca outra mulher no mundo.

A Calcanhares deixou-se cahir de joelhos, e as suas lagrimas inundaram as mãos de Thereza. Diante d'aquella grande magoa, d'aquelle immenso amor, Thereza sentiu-se commovida, não de ciume, mas de compaixão: então, esclarecida subitamente pela delicada sensibilidade da sua alma, ella percebeu que não amava Francisco d'Albuquerque como Margarida o amava, que o sentimento que a elle a prendia era pura amizade fraterna. Assustada, receando penetrar melhor os segredos mal definidos do seu proprio coração, fez esforços para levantar a Calcanhares, que se conservava de joelhos, dizendo-lhe com sincera ternura :

— Não se atormente d'esse modo, D. Margarida. Eu nada tenho a perdoar-lhe; e se tivesse.... Como não havia de perdoar a quem tornou Francisco... meu irmão, feliz?

— Nem feliz o pude fazer! — exclamou a Calcanhares. — Por minha causa tem estado em perigo de se perder, e, agora mesmo, talvez a sua vida corra perigo.

— É verdade — acudiu Thereza. — Francisco está preso no Limoeiro; e accusam-o de ter morto no Alemtejo um criado francez da rainha. Frei Thomaz do Espirito Santo, o bom frade que me acompanhou, que alli está fóra, foi hoje chamado ao Limoeiro para confessar um homem preso; e esse homem era Francisco. Foi por frei Thomaz que eu soube esta terrivel nova. É preciso salvar-o...

— Pedirei ao Castello-Melhor, a el-rei que o salve.

— Não sabem ainda o seu verdadeiro nome nos tribunaes. Suppoem que é um vilão, um simples arreeiro.

— É melhor assim. Estamos livres então da colera implacavel de um inimigo poderoso; estamos ao abrigo da perseguição cruel, que de certo Henrique Henriques nos moveria, se soubesse que Francisco d'Albuquerque está encarcerado no Limoeiro.

— Vá, senhora, vá depressa fallar com o privado d'el-rei, antes que as coisas vão mais adiante e se torne impossivel salvar-o.

— Ai, Deus me acuda! — exclamou a Calcanhares

— Tudo parece disposto contra nós. É castigo que o ceo me quer dar.

— Porque diz isso?

— A côrte está n'este momento em grande desordem. Accusam o conde de ter querido envenenar sua alteza. O infante, para se vingar, dispunha-se com alguns fidalgos do seu partido a assassinar o conde mesmo dentro do paço; mas elle, avisado a tempo, cercou-se de soldados, armou todos os criados d'el-rei, e preparou-se para a guerra. A rainha é pelo infante, e se o conde quizer agora... Nossa Senhora se compadeça de nós!

— Se o conde quizer agora...

— Se quizer salvar um homem accusado de ter morto um criado da rainha, talvez o não possa conseguir; sem pôr em risco a sua posição de primeiro ministro, e n'esse caso...

— O conde...

— O conde recusará salvar Francisco d'Albuquerque da morte.

— Misericordia!

— Mas vou, vou já ao paço — disse a Calcanhares com voz resoluta. — E de lá não hei de voltar, sem, ou ter salvo a vida de Francisco, ou ter obtido licença para me encerrar n'um convento, e, para sempre, me separar do mundo.

Dizendo isto, Margarida, movida por essa intima necessidade de afagos e de commiserção que a alma sente nas crises dolorosas da vida, deitou-se nos bra-

ços de Thereza, que a recebeu, a conchegou ao peito, a beijou como se fôra uma irman. As lagrimas das duas lindas mulheres misturaram-se; e, como as lagrimas, as suas almas uniram-se em estreito amplexo, at-
trahidas pela conformidade dos sentimentos.

CAPITULO LI.

O CORTE-REAL.

Depois da grave pendencia, que teve logar entre a rainha e o secretario de estado Sousa de Macedo, as intrigas, os odios, a guerra entre os dois partidos em que a côrte, e, n'aquelle tempo, parte do reino se achava dividido, tinham crescido de dia para dia. A crise politica, que tirou a Affonso VI o throno e a mulher, approximava-se. Aquella lucha de pigmeus, aquella lucha em que não havia uma unica ideia que não fosse mesquinha, em que não tomava parte homem algum verdadeiramente grande, chegava quasi ao seu termo; sem que nem o rei, nem o seu valído desconfiassem talvez de toda a importancia dos resultados d'ella.

Foram baldados os esforços que el-rei fez para pacificar o animo da rainha. Recusando apparecer nas

festas de touros, que em honra de Santo Antonio dava o senado da camara de Lisboa, ella tinha feito publicas suas malquerenças com seu real marido, e com o conde de Castello-Melhor; e de tal modo cresceu o descontentamento do povo pela interrupção das festas, e tanto augmentou a má vontade dos partidarios do infante contra o conde, que este resolveu-se a reunir o conselho de estado, e, por voto d'elle, a desterrar para algumas leguas de Lisboa o Sousa de Macedo.

Não colheu, porém, o valído o fructo que esperava d'este acto de fraqueza; porque, ao passo que a rainha se mostrava ainda pouco satisfeita com a ausencia do secretario de estado, o infante e os fidalgos inimigos do conde dispunham-se a assassinal-o, na sexta feira 2 de setembro, dentro do paço, na grande sala onde elle dava as audiencias. Ao proprio infante, ao conde de Villa-Flor, e a poucos mais cabia n'aquella tragedia, cujo enredo se havia delineado no Córte-Real, o papel de libertadores da patria e vingadores da rainha. Os outros servidores de D. Pedro deviam, na occasião em que o conde fosse assassinado, guardar as portas do palacio real, e deter el-rei preso no quarto; até que os negocios publicos tivessem tomado a direcção que sua alteza julgasse opportuno dar-lhe n'aquella occasião, para satisfazer os calculos da sua ambição, e de seus incestuosos amores.

Para cohonestar esta violencia contra o primeiro ministro, os partidarios do infante começaram a espalhar pela cidade, que o conde queria dar peçonha a sua

alteza, para governar depois mais desassombradamente o reino; e esta nova, habil e mysteriosamente contada ao proprio infante, n'uma noite em Queluz, estando presente Antonio de Belem, o rico e influente juiz do povo, por o astucioso capitão de milicianos Aniceto Muleta, que para isso fôra escolhido e cuidadosamente industriado por D. Rodrigo de Menezes, tomou depois tal importancia, que muita gente em Lisboa a deu como coisa certa; e muitos dos que seguiam as partes do valído se mostraram descontentes, e censuraram com severidade o seu proceder.

Avisado a tempo dos terriveis projectos de D. Pedro, o conde valído armou os criados do paço, dispoz os valentes da patrulha baixa no jardim que communicava com os quartos d'el-rei, mandou collocar no Terreiro do Paço dois terços de infantaria, e ordenou á cavallaria da côrte, de que seu irmão Simão de Sousa de Vasconcellos era general, que estivesse prompta para acudir a palacio logo que fosse chamada; de modo que na manhan em que devia executar-se o plano tracado pelos conspiradores, estes acharam, em vez de um inimigo descuidado e indefeizo, um inimigo vigilante e preparado para a guerra.

Desenganado de que não podia levar a cabo o seu intento pela violencia, sua alteza resolveu empenhar a sua authoridade, a sua influencia, o seu nome, o seu futuro, na lucta que tentara contra o valído; lucta em cujo termo elle via ou o throno ou o desterro: e, cortando toda a possibilidade de conciliação, escreveu a

el-rei, accusando o conde de Castello-Melhor de querer attentar contra a sua vida, e declarando que, ou el-rei havia de apartar de si o conde, ou se veria na necessidade de buscar reinos estranhos.

O rei, logo que recebeu, já de noite, a carta de seu irmão, entregou-a ao privado. O conselho de estado reuniu-se logo e resolveu que o marquez de Marialva fosse dizer a sua alteza da parte de D. Affonso VI, que por sua real ordem se haviam dobrado as guardas do paço, e que, como cousa sua, o marquez procurasse saber, se sua alteza levaria a bem que o conde fosse a seus pés beijar-lhe a mão.

A estas mensagens seguiram-se outras. O infante exigindo sempre que o conde de Castello-Melhor sabbisse da côrte, o rei buscando estabelecer a conciliação e a paz entre sua alteza e o ministro. Logo no principio d'esta negociação espinhosa o conde mostrou fraqueza de animo, e deixou ver que a sua natural pusillanidade lhe não consentiria sustentar por muito tempo aquella lucta desigual. N'um dos primeiros conselhos de estado, que se fizeram para tractar das respostas que Affonso VI havia de dar ás cartas do infante, o conde mandou ler um papel, no qual elle expunha a sua magestade os serviços que fizera a Portugal durante o seu ministerio, e lhe pedia, em recompensa, que accedesse aos desejos do infante, e o deixasse ir passar o resto de seus dias n'um canto solitario, onde nada perturbasse o seu socego.

A falta de vigor e resolução d'el-rei, e os receios

do Castello-Melhor foram dando força aos partidarios de sua alteza; a ponto do infante, quando el-rei exigiu que declarasse quem fôra a pessoa que lhe dissera que o conde o queria matar, recusar peremptoriamente fazel-o, em quanto o válido não sabisse de Lisboa.

O conde conhecia a grandeza do perigo que lhe estava imminente; e, para se fortificar com a opinião das principaes corporações do reino, em que elle sabia haver muitos partidarios seus, resolveu que o conselho de estado, os desembargadores do paço, dois ministros de cada um dos outros tribunaes, os juizes da corôa, e os procuradores da corôa e da fazenda se reunissem n'uma assemblea, para lhes ser proposta a queixa de D. Pedro, e decidirem se elle devia ou não ser apartado da côrte.

Sabendo d'esta resolução do ministro válido, o infante escreveu a todos os tribunaes, ao senado, e á popular casa dos *vinte e quatro*, remettendo-lhes copias das cartas que mandara a el-rei; e buscou chamar a si todos os que podiam influir na resolução da assemblea que estava para se reunir no paço. Mas o conde tambem se não descuidava, e procurava pertinazmente, usando do seu poder e da influencia de Affonso VI, assegurar o seu triumpho; já fazendo promessas e graças aos seus mais tibios partidarios; já mettendo no conselho d'estado amigos zelosos e seguros: de modo que a junta dos ministros chamados a conselho por o válido, depois de ouvir a leitura de um papel, em que sua magestade el-rei lhe ordenava dissessem se o conde devia

ser ou não desterrado, votou quasi unanime que o conde se devia conservar no poder; dando assim ao valido uma victoria, apparentemente decisiva, sobre o irmão de Affonso VI.

No dia em que se reuniu no paço a junta de magistrados, que deu, como acabamos de dizer, um voto tão desfavoravel á causa do infante D. Pedro, a cidade de Lisboa conservou-se em agitação. As tropas estavam formadas no Terreiro do Paço; os criados de el-rei guardavam armados as portas de palacio; e o povo, curioso e assustado, animado pela colera, ou impellido por essa necessidade instinctiva de movimento e de ruido, que é a manifestação da vida e da força latente da plebe, enchia a rua Nova, e espreitava á boca de todas as ruas que davam para o Terreiro.

Antes das Ave-Marias já as portas das tendas e lojas resoavam, com aquellas pancadas sêccas e compassadas que acompanhavam o pôr das trancas e o metter das cunhas; n'aquelles felizes tempos, por que tanto choram os sinceros amadores de antigualhas, unica segurança dos que tinham de seu alguma coisa. Antonio de Belem, o juiz do povo da cidade, depois de ter tambem trancado a sua porta, encaminhou-se vagarosamente para o Terreiro do Paço. A sua elevada estatura parecia haver tomado n'aquella occasião proporções mais colossaes; a sua severa physionomia assumira um character grandioso, que tinha ao mesmo tempo o quer que era de ridiculo. Tudo n'elle parecia estar dizendo á gente do povo, que respeitosamente se desviava para

o deixar passar « aqui vai Antonio de Belem, o grande juiz do povo. » Á esquina da capella real estava parada uma liteira, cuidadosamente fechada. Antonio de Belem foi direito a ella, e, quando viu que ninguem attentava n'elle e que a escuridade da noite lhe occultava os movimentos, chegou-se-lhe ao postigo que immediatamente se abriu, e disse em voz baixa:

— Aqui estou ás ordens de vossa senhoria.

— Pois vamos — respondeu de dentro uma voz — vamos; que sua alteza já deve estar impaciente de esperar.

O juiz do povo entrou na liteira, que d'ahi a poucos minutos parava no pateo do palacio do Corpo-Santo. Antonio de Belem saltou primeiro, e de chapeo na mão, ajudou reverentemente o conde da Torre a descer.

O Córte-Real não estava menos guardado do que o paço. Bacamartes, espadas, pistolas e piques brilhavam nas mãos dos criados de sua alteza, os quaes pareciam dispostos a entrar immediatamente em batalha; e foi entre dois renques de homens armados, de feia e severa catadura, que o juiz do povo, precedido pelo conde da Torre, subiu as escadas do palacio do infante.

— Sua alteza deseja muito fallar-lhe, meu caro Antonio de Belem — ia-lhe dizendo o conde ao subir da escada, n'um tom altivo, que contrastava com a familiaridade das palavras. — Todos nós temos muito gosto em o ver aqui no Córte-Real. Os homens honra-

dos do povo, como vossa mercê, é que são o melhor e mais seguro apoio dos principes. Bem precisa é agora a ajuda do povo para acabar com o valído. É outro Miguel de Vasconcellos, Antonio de Belem, que precisamos deitar também das janellas do paço abaixo. E com a ajuda de Deus assim ha de succeder, se elle se não emendar dos seus erros.

No alto da escada estavam dois moços fidalgos de D. Pedro, que receberam com grande demonstração de cortezia o juiz do povo, e o ficaram acompanhando n'uma sala, em quanto o conde da Torre foi dar parte a sua alteza da sua chegada. Não esperou muito o importante correeiro, porque minutos depois veio buscar-o D. Rodrigo de Menezes, e conduzi-o á casa onde sua alteza estava, cercado de numerosa fidalguia.

O infante, logo que viu assomar á porta o juiz do povo, exclamou:

— É Antonio de Belem que chegou! Pois entre, entre para cá, Antonio de Belem, que muito folgo em o ver. — E, dando a mão a beijar ao correeiro, proseguiu: — N'esta casa póde entrar quando e como quiser, Antonio de Belem. Sou-lhe muito affeçoado, porque conheço as suas boas intenções, e obriga-me a estimar-o o seu merecimento.

O juiz do povo estava que não cabia em si, de contente e orgulhoso por se ver tratado assim por o infante e por tantos fidalgos. Os olhos brilhavam-lhe como dois carvões accesos, e, ao mesmo tempo que um riso convulsivo lhe repuxava os cantos da boca, duas

lagrimas de enthusiasmo escorregavam-lhe pelas faces abaixo.

— Meu principe — exclamou elle — eu não sou mais que um pobre correeiro, que de nada posso servir a vossa alteza ; mas, o sangue, a vida, tudo quanto tenho, só para servir vossa alteza o quero.

— Obrigado, Antonio de Belem — acudiu o infante. — A sua coadjuvação póde servir-nos de muito. Queremol-o ter connosco; quero-o ter pela minha parte n'esta occasião, em que peço justiça, e el-rei m'a não quer fazer. O juiz do povo tem sido, desde a restauração, o defensor da justiça, e o censor das iniquidades e dos erros do governo. Meu augusto pae escutou por mais de uma vez as admoestações do juiz do povo, e seguiu-lhe os conselhos. N'esta occasião, o reino está quasi em tanto risco de se perder como n'esses tempos calamitosos, em que a traição queria entregar-o outra vez aos castelhanos; por causa de um ministro que se atreveu a desacatar um infante, de um privado de el-rei que intentou um crime horrivel, que intentou dar peçonha ao filho de D. João IV, e que quer agora, pela intriga, fugir ao castigo por elle tão merecido.

O infante, como dissemos já, não estava só com o juiz do povo. Em roda de D. Pedro havia consideravel numero de fidalgos, uns que sempre o haviam acompanhado e ajudado nas intrigas contra el-rei e contra o conde de Castello-Melhor, outros que elle n'aquella occasião mandara chamar, para lhes expor as suas quei-

zas e os attrahir, se fosse possível, ao seu partido. Como as coisas estivessem habilmente preparadas por D. Rodrigo de Menezes, e o infante industriado para fallar a cada fidalgo do modo que melhor podia lisongear-lhe as vaidades, e irritar-lhe as paixões, os esforços de sua alteza haviam tido feliz resultado. Todos os fidalgos que cercavam D. Pedro pareciam animados do mais vivo desejo de lhe provar a sua dedicação; e, com effeito, todos lhe haviam assegurado, que elles proprios seriam executores do castigo do conde « provado que fosse que este queria attentar contra a vida de sua alteza. »

Os fidalgos applaudiram muito o discurso de D. Pedro ao juiz do povo, e repetiram-lhe em discursos, que eram éco apenas do que sua alteza dissera, exagerando-as, as palavras cavilosas, com aquella insistencia e intenção na voz que os cortezãos, mestres na lisonja, sabem empregar nas occasiões em que querem alcançar alguma graça. D. Rodrigo de Menezes, quando passou a salva das lisonjas, com que os fidalgos julgaram do seu dever festejar Antonio de Belem, tomou a palavra, e n'um tom mellifluo e insinuante:

— N'uma occasião — disse ao correeiro — em que a fidalguia portugueza se mostra tão inclinada a tomar como sua propria a causa de sua alteza, devemos estar certos de que o povo não deixará um principe, como este que a Divina Providencia nos deu, em perigo de ser sacrificado á tyrannia de um ministro sem consciencia.

— O povo ha de ser o que sempre tem sido — acudiu o correeiro. — Inimigo dos tyrannos, e fiel aos seus principes legitimos.

— Ora bem! Não era menos de esperar de Antonio de Belem; do nosso honrado juiz do povo.

— D'esta vez póde ser que vejamos realisada a prophcia antiga; talvez esteja chegado o dia, em que se atolem em sangue os cavallos, alli na rua Nova — disse Antonio de Belem, commovido. — Deus tenha misericordia de nós! Se isso é preciso para o reino se não perder, succeda embora. Para tudo devemos estar preparados.

— O que é preciso é acabar com o Castello-Melhor, e com todos os da sua pandilha! — bradou o conde da Torre.

— Pois deitemos, deitemos esse Jonas ao mar, e cessará a tormenta — disse com solemnidade o juiz do povo.

— Sua alteza não quer que por sua causa se verta sangue portugez. É o desejo do bem da patria quem o move, e não outro algum interesse — interrompeu D. Rodrigo.

O infante, advertido por estas palavras do seu conselheiro de que lhe cumpria, n'aquelle momento, dizer algumas phrases que revelassem amor da patria, poz-se de pé, e n'um tom grandioso e de soberania, disse:

— Eu não quero que o povo se sacrifique por mim; sou eu que me quero sacrificar ao bem da patria. As perturbações que tem havido até agora não procedem

de mim, senão da maldade do ministro que, não contente só com o valimento, quer envenenar-me, e se ri das accusações e das justas queixas que d'elle tenho feito a el-rei. Não quero que se diga que por minha culpa correu sangue innocente. Para quietação da côrte, o que tenho de melhor a fazer é sabir d'ella, e ir a reinos estranhos buscar a segurança e protecção que me faltam em Portugal. Foi-me contraria a decisão da junta, pela maior parte composta de magistrados integros, que hoje se reuniu no paço; foi-o de certo, porque o Castello-Melhor, com aquellas artes diabolicas com as quaes os maus ministros, que Deus manda ás nações como flagello e castigo, sabem conservar-se no poder e no valimento, a enganou, a illudiu com fingidas palavras; adulterando os factos e deturpando a verdade. Se a opinião, porém, d'esses juizes foi contra mim, confio que a opinião dos homens bons de Portugal, da nobreza e do povo, me hão de justificar aos olhos do mundo. Dia virá em que a justiça da minha causa se fará manifesta a todas as nações; e então terei por armas a razão e a innocencia, e por defensores a nobreza e o povo.

Os applausos rebentaram subitamente, como um trovão, no meio do silencio que succedeu ao discurso do infante. Todos queriam provar a sua alteza a parte que tomavam nas suas magoas e queixas; uns offerecendo-lhe dinheiro para a sua viagem a reinos estranhos; outros pedindo-lhe licença para o acompanharem; e todos praguejando contra o válido, e querendo

persuadir o infante que continuasse a permanecer na côrte e expulsasse d'ella pela força, se necessario fosse, o Castello-Melhor e todos os seus parciaes.

— Meu principe — disse por fim Antonio de Belem — eu tenho uns poucos de mil cruzados de meu, se me quer fazer a mercê de os acceitar estão todos á disposição de vossa alteza. Mas antes de deixar Portugal lembre-se, senhor, que é principe portuguez, e que a vossa alteza pertence salvar este reino dos perigos que lhe estão imminentes, velar pela sua segurança, e defendel-o dos seus inimigos. Meu principe, o povo escutame e acredita em mim. Mal elle souber que querem offender a vossa alteza, virá todo guardar o Côrte-Real; para que nem d'elle se approximem os infames que se atrevem a erguer maus olhos para vossa alteza. Nós cá, os da casa dos vinte e quatro, somos gente do povo, e nada mais; mas não cedemos a ninguem em fidelidade aos principes, e havemos de o provar. Ao povo nada lhe mette medo, quando tem por si a razão. Ordene vossa alteza, e verá o que nós sabemos fazer. E agora só tenho a pedir perdão a vossa alteza, e a todos estes fidalgos, de ter fallado tanto.

— Fez bem, Antonio de Belem, fez muito bem em fallar assim, com sinceridade e franqueza — disse o infante.

— Eu fallo com o coração nas mãos, e eis ahi o que é — acudiu o juiz do povo, que se sentia contente de si, e queria fallar sempre, como fazem os homens rudes quando desejam mostrar-se importantes.

— É assim mesmo que sua alteza deseja que vossa mercê lhe falle sempre — interrompeu D. Rodrigo de Menezes. — Mas o que é preciso é que se não deixem amedrontar, vossa mercê e os outros do povo, com as ameaças do conde de Castello-Melhor ou com as arguições que el-rei lhe fizer. Se nos conservarmos todos firmes no proposito de defender o nosso augusto principe D. Pedro, e se lhe pedirmos fervorosamente que nos não desampare, talvez consigamos que sua alteza se nos conserve no reino, e que a paz se firme por fim entre nós em seguras bases.

— Juro aqui, pela salvação da minha alma — exclamou o correio, com exaltação — juro em meu nome, e em nome do povo de Lisboa, que, se fôr essa a vontade do nosso principe, nem sua alteza ha de sair da côrte, nem o conde ha de ficar n'ella. Sua magestade, depois da junta dos barretes que reuniu esta manhan no paço, mandou-me chamar, para me culpar a mim das desordens que o conde de Castello-Melhor tem provocado na cidade; eu, porém, depois de ter ouvido el-rei, disse-lhe o que tinha no coração com verdade, como deve fazer um juiz do povo.

— Fez vossa mercê muito bem, e assim deve continuar a obrar, para serviço de sua alteza.

— É verdade, Antonio de Belem — acudiu o infante. — É assim mesmo que eu desejo que continue sempre a praticar; e, se a Providencia Divina nos ajudar, havemos de ver acabados os traidores e os ministros tyrannos. Agora vá-se.... pôde-se ir, Antonio de

Belem, que o não quero deter aqui por mais tempo. Fique certo de que me não hei de esquecer nunca dos serviços que me tem feito.

Estas ultimas palavras de D. Pedro foram acompanhadas de um gesto, pelo qual sua alteza confirmava ao juiz do povo a ordem de se retirar, e lhe offerecia ao mesmo passo a mão para elle ter a honra de a beijar.

Antonio de Belem obedeceu ás palavras e ao gesto do infante, e sahiu do Côte-Real; sendo acompanhado até á escada, com grande cortezia, por um camarista, e por dois pagens com tochas.

CAPITULO LII.

A SUPPLICANTE.

A Calcanhares cumpriu o que dissera a Thereza. Apenas chegou a noite, por ella esperada em extremos de impaciencia, o animo atormentado não lhe consentindo maiores delongas; correu logo a metter-se na cadeira que Henrique Henriques deixara á sua disposição, e cujos moços não sabiam outro caminho que não fosse o do paço.

Margarida entrava sempre no palacio real pela porta dos quartos do Castello-Melhor, sem que a visse ninguém, excepto os criados da confiança do conde. N'aquella noite, porém — a mesma em que no Córte-Real se passava a curiosa scena a que no capitulo antecedente fizemos assistir o leitor — não foi possível á Calcanhares passar pelo Terreiro do Paço, onde estavam acampados os terços de infantaria da côrte, e pelos pa-

teos do palacio, guardados pelos *valentes* das patrulhas d'el-rei, sem parar muitas vezes diante das sentinellas, abrir as cortinas que fechavam os postigos da cadeira, e dar-se a conhecer; o que não succedeu, sem que aos ouvidos lhe chegassem algumas d'essas phrases brutaes, pungentes, e cruelmente insultuosas com que a gente grosseira manifesta o odio, ou dá expansão á jovialidade.

Margarida, desejando, por um profundo sentimento de religiosa esperanza, soffrer no mundo a dolorosa expiação do que ella, no seu espirito impressionada pelos conselhos do confessor jesuita, reputava quasi insana-veis peccados, ouviu resignada as palavras, injuriosas para ella, que entre si diziam os soldados ao reconhecer-a. A sua alma não estava irritada pela colera, nem accendida pela indignação quando entrou no paço. A religião, o amor, os padecimentos haviam-na abatido, sem comtudo lhe tirarem o animo de lutar com o perigo, a esperanza de vencer tudo que se oppozesse á salvação de Francisco d'Albuquerque.

No paço os criados do conde disseram a Margarida, que este estava ainda na grande sala da audiencia, d'onde não sahira em todo o dia.

— E não se lhe póde fallar? — perguntou ella.

— Não, senhora minha — respondeu um dos criados. — Tem estado ahí esta tarde todos os ministros estrangeiros: ainda não ha meia hora que chegou o senhor Roberto Southwell, ministro de Inglaterra, e agora sua excellencia não póde vir aqui.

— Mas preciso muito fallar ao senhor conde — acudiu a Calcanhares.

— Eu vou chamar o senhor frei Pedro de Sousa.

— Pois elle está no paço?

— Desde que começaram estas desordens, ainda sua reverendissima não deixou o senhor conde.

D'ahi a poucos minutos entrava na sala, onde a Calcanhares ficara, engolphado nos seus dolorosos pensamentos, o velho frade, tio do conde de Castello-Melhor.

— Que vem fazer aqui, que quer de mim a minha boa Margarida? — perguntou frei Pedro com a sua voz branda, e bondosa.

— Ai! É vossa reverendissima! — exclamou a Calcanhares; levantando-se sobresaltada da cadeira, em que estava sentada.

— Sou eu; o teu sincero amigo, Margarida — acudiu o frade com tristeza. E obrigando com o gesto Margarida a sentar-se, sentou-se elle tambem n'uma cadeira proxima. — Para que vieste ao paço, filha — proseguiu o tio do valido — agora que tudo anda n'esta desordem, e que el-rei, como tu desejavas, parece não se lembrar já de ti? Podia ter-te succedido alguma desgraça por essas ruas. O povo anda tão desenfreado, os soldados são tantos por ahi, que foi loucura expores-te aos insultos d'essa gente perdida, e sem consciencia.

— Para evitar uma catastrophe irremediavel, para salvar um innocente da morte, é que eu vim agora ao paço, frei Pedro — disse Margarida.

— E quem é o innocente cuja vida está em tamanho risco? — perguntou o confessor d'el-rei, que logo pensou no conde seu sobrinho.

— É um homem, cuja morte seria a minha morte tambem... a minha morte, porque eu não teria forças para resistir ás saudades, e aos remorsos de haver sido com o meu amor causa, em parte, das suas desgraças.

— Está em risco a vida de Francisco d'Albuquerque?

— Está, está em muito risco a sua vida; e se vossa reverendissima me não ajudar a salvá-lo, vel-o-hemos morrer victima de um terrivel engano.

— Henrique Henriques, esse mau homem! Deus lhe perdôe os seus peccados! Henrique Henriques descobriu o lugar onde elle se escondia? Perseguem-o os assassinos d'essas terriveis patrulhas, que el-rei tem em roda de si?

— Bem sabe, frei Pedro, que eu não amei nunca senão esse homem — exclamou a Calcanhares, convulsa, e com os soluços a cortarem-lhe as palavras. — Bem sabe que n'esse amor concentrei o meu existir; que n'elle empreguei as potencias da minha alma, que a dôr, o longo padecer, o sentimento da minha solidade tornaram vigorosas, superiores ás minhas forças, capazes de me consumirem a vida. Tenha dó de mim, frei Pedro. Não é a felicidade que eu agora peço; não mereço a Deus tanto bem, não me julgo digna do ceo, e esse amor é o ceo para mim: o que eu quero é saber

que elle vive, que está fóra de todo o perigo, e ir depois consumir o resto d'esta existencia nas sombras de uma clausura, onde não cheguem senão as vozes dos peccadores arrependidos pedindo misericordia ao Senhor. Até para ser feliz se perde a força. A alma morre ás vezes para o mundo antes de nós morrermos; e a minha alma morreu. Matou-m'a esta dôr, que nunca me deixa, frei Pedro.

— Animo, Margarida — acudiu frei Pedro de Sousa, pegando na mão da pobre menina. — Não nos deixemos abater, filha. Tudo se póde remediar, querendo Deus.

— O que não tem remedio é este desalento, que me aperta o coração, e me não consente nem sequer o ser feliz! Mas não importa, salve-se elle, e de mim não cuidemos por agora.

— Ainda me não disseste que perigo elle corre. Como, de que o podemos salvar?

— Da morte.

— Onde está Francisco d'Albuquerque?

— Preso no Limoeiro.

— Porque?

— Accusam-o de ter morto no Alemtejo um criado da rainha. Mas é falso, elle está innocente.

— Quem te disse que estava innocente?

— Disse-o elle... ao seu confessor.

— Mas quem está preso, por ter assassinado um francez da casa da rainha, é um arreeiro.

— Assim o pensam todos, e é talvez o que tem sal-

vado Francisco das vinganças de Henrique Henriques. Esse arreeiro é o proprio Francisco d'Albuquerque.

— Estás bem certa...

— Não tenho duvida, desgraçadamente, não tenho duvida alguma de que é elle. Vim aqui, ao paço, para pedir ao senhor conde a vida d'esse innocente, que a colera da rainha quer arrastar á forca.

— O conde não poderá, talvez — atalhou o velho confessor d'el-rei, assustado.

Um leve rubor córou subitamente as faces da Calcanhares, e esvaeceu-se logo; os olhos despediram dois relampagos de uma luz que vinha da alma; duas rugas tenues, que lhe davam comtudo á physionomia uma expressão severa, tremaram-lhe ao longo da fronte; os beiços, como paralyzados, ficaram immoveis e contrahidos; a voz tornou-se-lhe abafada, quando disse:

— A minha vida tem sido um continuado sacrificio, feito ás ambições do senhor conde. A minha honra perdi-a por elle. Por elle perdi, talvez, a minha alma. Por elle estou ainda aqui; encarcerada, captiva. E agora, se eu pedir ao senhor conde a vida de um innocente, se lhe pedir que me salve, a mim da eterna desesperação, e a elle de uma morte affrontosa e não merecida, ha de... ha de recusar-me justiça? Não julgo o senhor conde capaz de commetter uma perversidade, de faltar por esse modo ás suas obrigações de fidalgo, aos seus deveres de christão.

O geral dos bentos não sabia o que respondesse á triste Margarida. Aquella exaltação assustava a sua

alma pouco vigorosa, e em que os ultimos successos da côrte haviam causado um abalo profundo; a sua bondade não lhe consentia o offender a justa dôr da amante de Francisco d'Albuquerque; a sua virtude não lhe permittia contestar a verdade das queixas da desditosa mulher.

— Vamos fallar ao conde — disse elle. — Meu sobrinho ha de fazer tudo... tudo que puder ser. Eu vou adiante avisal-o de que estás aqui; e, em elle estando só, havemos de lhe fallar sobre este negocio. É melindroso o negocio; e o que é preciso é que socegues o animo, para que o conde te escute.

O frade sabiu logo que acabou de dizer estas palavras; não tanto para ir procurar o conde, como para cortar uma conversação, que o commovia profundamente, e o punha n'uma situação de que elle não sabia como pudesse tirar-se, sem offender, ou a sua consciencia, ou os interesses de seu sobrinho.

Um quarto de hora depois de frei Pedro deixar só a Calcanhares, veio buscal-a um criado do conde, que a conduziu pelos escuros e extensos corredores do paço, até á grande sala de audiencia. A extensa casa, cujas paredes eram forradas de estantes cheias de livros, e ao longo da qual se estendiam enormes mesas de pau escuro, gemendo debaixo do peso de massos de papeis e de tinteiros de estauho colossaes, symmetricamente dispostos diante de cadeiras de coiro, n'aquelle momento abandonadas e solitarias, a extensa casa estava allumiada apenas por duas velas, postas sobre um bo-

fete collocado no intervallo de duas janellas; e esta luz, fraca e tremula, dava um aspecto triste a todos os objectos, tornava mal definidos todos os seus contornos, e deixava ás sombras, que se projectavam nas paredes e no ladrilho, uma cor carregada que dava a tudo uma physionomia phantastica.

Quando Margarida entrou na sala, onde a esperavam o conde válido e o velho geral dos bentos, uma das portas que ficavam quasi escondidas entre as estantes, e que davam communicação para os quartos de el-rei, abriu-se subitamente, e um homem entrou por ella; porém, apenas dera dois ou tres passos, recuou e sumiu-se outra vez na escuridão. Margarida não ponde, por causa da pouca luz, conhecer quem era aquelle homem que, ao vel-a, fugira com tão grande precipitação; mas pesou-lhe no coração um sinistro presentimento, e pareceu-lhe que a porta que se abrira se não havia tornado a fechar. Preoccupada, comtudo, pela ideia do perigo do capitão Francisco d'Albuquerque, agitado o espirito pela incerteza e pela esperança, ella esqueceu este incidente para só cuidar em salvar da morte o seu desditoso amante.

O conde de Castello-Melhor, pallido e inquieto, estava sentado defronte do bofete, sobre o qual ardiam as duas velas que sós allumiavam a sala da audiencia. Com o corpo inclinado para diante, o conde encostava a barba nas mãos cruzadas sobre a mesa, e parecia deixar-se ir perdendo nas suas reflexões, amargas de certo, porque profundas rugas lhe encrespavam a testa,

approximando-lhe as negras e densas sobrancelhas. O bispo d'Angra estava de pé, encostado ao espaldar da cadeira do conde, entregue tambem ás suas tristes meditações.

Foi frei Pedro quem veio ao encontro de Margarida, e, conduzindo-a pela mão até á cadeira do válido:

— Meu sobrinho — disse — aqui está Margarida.

O conde levantou lentamente a cabeça, e, fitando na Calcanhares olhos que a tristeza tornava quasi ternos, perguntou:

— E que quer de mim a nossa linda Margarida?

— O senhor frei Pedro de Sousa já havia de dizer a vossa excellencia o que eu venho pedir aqui — acudiu a Calcanhares. — Venho pedir justiça para um innocente, e misericordia para mim.

— Quando depender de mim que se faça justiça — disse o conde — ha de fazer-se. E misericordia de ti, Margarida, escusas de pedir-m'a; tenho-te amizade que vale mais.

— Se tem dó de mim, se me tem amizade como diz, senhor conde, não hesitará então em salvar Francisco d'Albuquerque da morte.

— Se eu puder... — interrompeu o ministro.

— Se puder! — exclamou a Calcanhares, deixando-se cahir sobre uma cadeira, por lhe parecer, ao ouvir estas palavras do conde, que o chão lhe fugia subitamente debaixo dos pés. — Se puder! Pois ha de, senhor, deixar morrer um innocente...

— Eu não sou rei, Margarida; e a morte d'esse in-

feliz é exigida por quem póde mais, muito mais do que eu.

— Pois vossa excellencia, sabendo que vão assassinar um homem que não commetteu culpa alguma, tem animo para consentir em tão horrivel atrocidade?

— Que posso eu fazer, como hei de oppor-me ás vontades da rainha?

— É ministro, é christão, e o seu dever é pugnar pela justiça.

— Sou ministro — atalhou o conde — e Deus sabe que só por servir a minha patria o tenho querido ser até hoje; sou ministro, mas estou cercado de poderosos inimigos, que me odeiam. Não tenho força para lutar, e cahirei do poder, se me não ajudarem a prudencia, a moderação, e a perseverança. Oppor-me n'esta occasião directamente aos desejos da rainha seria perder-me.... e perder talvez a liberdade e a independencia de Portugal; porque elles não sabem governar este reino, não o podem governar sem mim.

— Senhor conde — exclamou Margarida — eu não sei se Deus deu só a vossa excellencia juizo para governar este reino; sou uma triste mulher que da vida não sei senão que se reza, que se soffre e que se ama; mas o que me diz o coração é, que o sacrificio da vida de um innocente é um crime aos olhos de Deus.

— Se eu pudesse salvar a vida d'esse homem, tel-o-ia feito logo que m'o pediste.

— Tem poder, senhor conde, para resistir, para lutar com o infante, para armar o paço contra o ir-

mão de el-rei, para fazer do senhor D. Affonso o seu defensor, tem poder para dobrar á sua vontade a vontade de todos, e não póde agora livrar da morte um pobre arreeiro do Alemtejo, um desgraçado que ninguém conhece!

— A morte d'esse desgraçado significa um triumpho para a rainha.

— Pois deite vossa excellencia, entre a vaidade da rainha e a cabeça d'esse homem, o seu poder e o poder d'el-rei.

— O que não farei eu pela minha boa Margarida? — acudiu o ministro, a quem havia lisongeadado a confiança que Margarida mostrava no seu poder. — Se puder, sem comprometter o futuro do governo d'este reino, levar a rainha a perdoar ao capitão... ao arreeiro do Alemtejo, fal-o-hei; não só por agradar á minha amorosa Margarida, senão tambem para que se faça justiça a um innocente.

— Bem vês que o conde tem boa vontade de te fazer o que lhe pedes — interrompeu frei Pedro de Sousa, que até alli se conservara silencioso. — Se elle me tomasse os conselhos, e Deus sabe que são sinceros! deixaria estas desordens da côrte, abandonaria ao infante o poder que sua alteza ambiciona, e iria passar o resto da vida no socego da sua casa. Mas elle não me quer escutar, e, como ministro, tem deveres que nós todos devemos respeitar. Deixemos ao conde o cuidado d'este negocio, e elle fará o que puder ser.

A Calcánhares sentiu os amargores e as angustias

da desesperação, do susto, da colera dilacerarem-lhe a alma.

— Não saio d'aqui — prorompeu ella levantando a voz — não saio do paço, sem que o senhor conde me prometta que ha de salvar a vida de Francisco d'Albuquerque. Se o senhor conde me não fizer essa promessa, que elle me deve pelos sacrificios de honra e felicidade que fiz á sua ambição, ir-me-hei ter com el-rei, confessar-lhe-hei tudo, pedir-lhe-hei misericordia. Se el-rei me não escutar, vou deitar-me aos pés da rainha. É mulher; ha de entender a minha desesperação, ha de compadecer-se de mim.

— Socega, Margarida — acudiu o conde — o amor faz-te perder a cabeça!

— O amor... já não. Eu acabei para a vida, para as paixões, para a felicidade. Peço a vida d'esse homem, porque o amo, porque lhe quero mais do que á minha vida, mais do que á salvação da minha alma. No convento, onde me vou clausurar para nunca mais ver o mundo, não teria paz, não acharia consolação, não teria forças para rezar se... Jesus me valha! Francisco acabasse ás mãos do carrasco; victima d'essas ambições, d'esses orgulhos, a que eu já sacrifiquei tambem a minha desgraçada existencia.

Era tão melancolica, e ao mesmo tempo tão severa a voz da Calcanhares, ao soltar estas palavras, que o valido sentiu a commoção e um como susto de remorsos pesarem-lhe no coração.

— Tem confiança em mim, Margarida — disse elle.

— Devo tanto.... deve tanto este reino todo, que é ingrato, Margarida, á tua boa alma, á tua dedicação quasi angelica, que te não posso recusar nada. Hei de empenhar todo o meu poder para salvar o teu capitão; mas tu....

— Vou-me fechar n'um convento para alcançar da Virgem Nossa Senhora, pela penitencia e pela oração, perdão das minhas culpas. Promette-me pois, senhor conde, que fará tudo por salvar esse infeliz, por quem lhe peço?

— Tudo — disse o ministro com hesitação.

— A sua alma é bella, é nobre; não lhe queira tolher os generosos impulsos.

O velho tio do Castello-Melhor juntou as suas preces ás da lacrimosa Margarida. E as palavras apaixonadas da bella supplicante, que se lhe lançara aos pés, e os graves e religiosos conselhos do frade commoveram tanto o ministro valído, que este fez promessa solemne de arriscar até o seu futuro, para salvar o capitão Francisco d'Albuquerque.

A instancias de Margarida, o conde escreveu tambem uma ordem, para deixarem fallar « com o arreeiro alemtejano, que estava preso por haver sido accusado de ter morto um criado de sua magestade a rainha, a pessoa que apresentasse aquella ordem, feita e assignada pelo conde de Castello-Melhor. » O valído, porém, não confiou este importante papel á Calcanhares, sem esta lhe haver primeiro jurado que não iria ella propria ao Limoeiro.

CAPITULO LIII.

VISITA AO ENCARCERADO.

O Limoeiro era já no seculo XVII o mesmo que hoje é; um triste palacio transformado n'uma horrivel cadeia, onde estavam, em salas humidas, derrocadas, e repugnantemente sujas, misturados os homens, que uma leve culpa ou um engano da justiça, por desgraca nossa muito sujeita a enganos, levava á prisão, com os assassinos e os salteadores. O descuido, a indolencia, o desamor pelas coisas portuguezas, tem deixado delirem-se em ruinas os monumentos das nossas glorias, e cahirem no esquecimento muitos dos bons costumes antigos do povo. O desejo de imitar estrangeiros tem trazido para Portugal consideravel numero de instituições inapplicaveis, de mais ou menos brilhantes absurdos. O que, porém, parece quererem-se conservar in-

alteraveis são os abusos, os erros, as anti-civilisadoras instituições da monarchia velha. O que os nossos fofos reformadores mal souberam ainda importar para a nossa terra, terra boa e de gente caridosa, foi esse espirito de bem entendida philantropia governamental; verdadeiro e unico socialismo rasoavel, esperança e salvaguarda do mundo civilisado. Philantropia que busca derramar no povo a instrucção e a moralidade, que acompanha o pobre do berço á sepultura; dando-lhe o pão da beneficencia no dia da fome; abrindo-lhe hospitaes, a cuja construcção, a cujos aperfeiçoamentos preside a sciencia ajudada de todas as suas maravilhosas descobertas; estabelecendo-lhe *presepios* para os filhos ainda no berço; hospicios para os velhos invalidos: philantropia que nem dos criminosos se esquece, que procura facilitar-lhes os caminhos para o arrependimento, e os cerca d'aquellas medidas hygienicas que a sociedade não tem direito para recusar, nem mesmo áquelles que ella condemnou pela haverem offendido.

Era no Limoeiro que estava o nosso capitão Francisco d'Albuquerque, preso por haver sido encontrado, pelos soldados do regimento de Maré, ao pé do cadaver de Estevão de Castilho. O humilde arreeiro (por tal passava perante a justiça o gentil criado de sua alteza o infante D. Pedro), o humilde arreeiro devera á enormidade do seu supposto crime, e ainda mais á importancia que a rainha havia dado a um negocio que em outra occasião passaria para ella quasi desaperebido, o estar só n'uma sala, separado dos outros presos, que

a desventura ou os crimes haviam levado ao Limoeiro.

Francisco d'Albuquerque já não era aquelle mancebo jovial e descuidoso, que um anno antes desembarcara no caes do Mouro na Ribeira de Lisboa. Ao amor, que elle sentia então pela candida Thereza, succederam uns amores, a que os delirios da paixão, as incertezas de cada momento, as angustias do ciume, os amargores da saudade, haviam dado um character triste, quasi sinistro. A singela vida do provinciano, á vida livre e aventureira do soldado, tinham-se substituido as intrigas da côrte, os perigos escondidos pela traição, os carceres, as falsas accusações. Em vez da simplicidade de um espirito innocente, credulo, entusiasta sem duplicidade, havia agora no moço capitão a desanimadora crença na perversidade dos homens; havia o conhecimento dos negros e atrozes crimes a que são levados, pela ruindade do coração, os que se deixam vencer pelas paixões; havia o desengano, de que não existe no mundo senão a sombra da felicidade perfeita; havia enfim os escrúpulos de uma consciencia, em que os jesuitas tinham lançado já as primeiras sementes do fanatismo religioso.

Francisco d'Albuquerque estava só, entregue ás reflexões tristes que a sua triste situação lhe suscitava; reflexões que elle por vezes interrompia para buscar allivio na oração, quando na sua prisão entraram duas mulheres. A surpresa do capitão foi grande, e não foi menor a sua alegria, ao reconhecer na que entrara primeiro a linda Thereza.

— Thereza! — exclamou elle, levantando-se da cadeira em que estava sentado. A recordação, porém, da ingratidão que commettera deteve-o, quando ia já para se lhe lançar nos braços.

Não succedeu assim a Thereza. Cedendo aos puros, aos sinceros impulsos da sua alma, esquecendo todo o passado para sentir unicamente a alegria de ter vivo diante de si aquelle que ella pensara não tornar mais a ver no mundo, aquelle a quem, se não consagrava já o mais ardente affecto do coração, dava ao menos quanto ha de mais vivo e mais nobre na amizade, Thereza cingiu com os braços Francisco, e, apertando-o ao coração, deu-lhe na testa um beijo innocente e casto como a sua alma.

— Francisco! Não posso duvidar agora; está vivo ainda o meu Francisco! — exclamou ella.

— Thereza, aqui? Quem.... a trouxe aqui, senhora? — perguntou o capitão, hesitando a cada palavra, tremendo que viesse o desengano, que elle duvidava se tinha ou não chegado já, desvanecer subitamente aquella alegria de Thereza.

— A amizade, meu irmão — respondeu a bella provinciana, fazendo sentir que conhecia o valor de cada uma de suas palavras — a amizade, as saudades.... o desejo de te trazer uma esperança e uma alegria.

— Uma esperança, uma alegria! Então frei Thomaz, aquelle bom frade que me confessou aqui, foi contar-te tudo; que eu não morrera, mas que estava em perigo de morrer; que inimigos implacaveis me

cercavam; que uma esperança, um meio unico de salvação me restava; e que sem o teu auxilio, sem o auxilio... d'ella, eu padeceria innocente uma morte ignominiosa.

— Contou. Frei Thomaz do Espirito Santo contou-me tudo — acudiu Thereza. — O conde de Castello-Melhor já prometteu salvar-te. E foi Margarida, a boa Margarida, quem alcançou esta promessa. Ai! É uma esperança para todos nós bem suave, a que temos agora de ver afastarem-se de ti os perigos. Para ti deve ser uma alegria dever a vida a uma mulher, que te ama tanto.

Os olhos do capitão estavam arrasados de lagrimas. Curvando o joelho diante de Thereza, exclamou:

— És um anjo, um anjo de bondade... A castidade e a misericordia unidas n'um unico ser! Não sei como ousei mandar-te pedir que fosses...

— Para te salvar a vida... Que não faria eu para t'a salvar, meu irmão?

— Mas tudo que se passou entre nós... a minha ingratidão...

— Justifica tudo a nobreza d'alma, a grandeza do amor d'aquella que preferiste... a mim, pobre provinciana.

— Thereza! Sê generosa. Não me opprimas com as tuas queixas — acudiu o capitão, que julgou sentir a ironia nas candidas palavras da sua ex-noiva. — Não sube resistir á paixão, que me arrastou. Fui ingrato...

— Deixaste de me ter amizade, como a tua irman?

É o que eu sou, o que fui sempre para ti — disse Thereza, interrompendo-o com um gesto de ineffável ternura.

— Amizade de irmão... mais ainda; tenho por ti a adoração, que teria por um anjo, se elle se dignasse baixar sobre mim os olhos.

— Não sou um anjo, não! — exclamou Thereza; suspirando, e deixando brincar na boca um sorriso mal seguro. — Para todos nós o coração é um mysterio, que não sabemos decifrar. O melhor é seguirmos-lhe as vontades, e não buscarmos achar as causas do que n'elle passa.

— Deus do ceo! E não te hei de eu ter por um anjo! Só no ceo se sabe perdoar assim.

— Isto não é perdão. Não tenho que perdoar — acudiu ella. — Não te dissimularei porém a verdade agora, Francisco. No primeiro momento, quando acabando de perder, infeliz de mim! meu desditoso pae, soube que me não amavas já, que ias perder a vida por outra, tive tal dôr d'alma que não sei como não morri. Mas agora... — aqui Thereza deteve-se um momento, por não achar palavras com que expressar os seus pensamentos, ou talvez antes por se não atrever a confessal-os. — Agora sei que és feliz com o amor de uma mulher digna de ti, e... basta essa ideia para me consolar.

A hesitação, a perplexidade de Thereza eram tão patentes, que Francisco d'Albuquerque percebeu havia n'aquelle coração um segredo, que se escondia tal-

vez mesmo á consciencia da candida provinciana. No amor, ainda no mais puro — e é esta uma verdade que os amantes não hão de confessar nunca — ha sempre uma parte de sentimento perfeitamente reflexa, que nada tem com o objecto amado, que nasce na propria alma do que ama e lhe vem alimentar o fogo da paixão; é a parte do sentimento produzida pela vaidade, ou, fallando mais exactamente, pelo amor-proprio. Muitas vezes, muitas, o amor passa, mas a vaidade e o amor-proprio ficam quasi tão melindrosos como d'antes; e, como estas duas paixões, podemos chamar-lhes assim, tem tambem os seus ciumes, não é raro ver ciumes em quem já não ama; isto é, não é raro encontrar ciumes perfeitamente absurdos. Foi um vislumbre d'este ciume bastardo que o heroe da nossa historia sentiu, quando pela mente lhe passou a ideia de que Thereza amava outro homem.

— E essa ideia só basta para te consolar? — perguntou elle.

— Basta — respondeu Thereza. — A uma irman basta-lhe saber que é feliz seu irmão, para achar allivio a todas as suas magoas. Mas não fallemos de mim — proseguiu ella — fallemos de ti, e da boa Margarida.

— Fallemos de ti tambem — insistiu Francisco. — Não queres que me recorde d'aquelles alegres annos da nossa vida, em que passamos juntos horas de ineffavel alegria? d'aquelle jardim tão bello, tão florido sempre?

— E d'aquella roseira que eu plantei ao pé do teu jasmineiro! — interrompeu Thereza, deixando-se dominar pelo irresistivel poder das recordações. — Como cresceram unidos os dois arbustos... como se harmonisava bem a alvura dos jasmims com o vermelho aveludado das rosas!

— Quando o perfume das flores nos penetrava os sentidos, que enlevo, que suave embriaguez era a nossa! Parecia que novos horisontes se abriam diante do espirito, e que por elles podiamos ver as placidas alegrias do ceo.

— Nada perturbava então a singeleza das nossas almas, a pura e simples jovialidade de nossos corações. Meu pae vivia ainda...

— E nós julgavamos eterno o que tão pouco devia durar! — exclamou o capitão, animando-se cada vez mais. — Quem diria que, com o tempo, nos veriamos afastados um do outro: tu, orphan, eu perseguido como um malfeitor; quebrados todos os laços... Todos não! — exclamou — Todos não, porque ainda somos um para o outro o que eramos então.

— Irmãos! — acudiu Thereza. E as mãos dos dois encontraram-se; e quando ambos levantaram os olhos havia n'elles mais fogo, do que é natural em olhos que anima só a amizade fraterna.

N'esta situação ficaram alguns minutos em silencio. Porém, se as bocas calavam, os olhos fallavam uma linguagem terna e melancolica. N'aquelles corações, em que não existira nunca um mutuo amor ver-

dadeiro, manifestou-se n'aquelle momento esse quasi-amor, que dá á amizade entre pessoas de sexo differente um poder, um encanto, que nunca tiveram de certo as tão celebradas uniões de Castor e Pollux, de Orestes e Pylades; quasi-amor que ás vezes robustece essa amizade, mas que outras a põe em grande risco de degenerar.

— Margarida — disse por fim a graciosa Thereza, cobrindo com um sorriso a sua turbação — Margarida não pôde vir comigo ver-te, dar-te estas novas felizes, porque o conde valído exigiu d'ella a promessa de que não viria ao Limoeiro; para não levantar desconfianças nos seus e nos teus inimigos.

— Vindo pela tua boca, minha irman — acudiu Francisco d'Albuquerque — estas novas não foram menos doces para mim, do que o seriam se a propria Margarida m'as trouxesse.

— Margarida tinha direito a trazer-t'as; a gozar das tuas esperanças. Foi ella quem obteve do Castello-Melhor a promessa de te salvar a vida.

— Duas vezes deverei a vida ao conde! — disse o capitão — Parece que um mysterioso fado me quer unir pela gratidão a esse homem, a quem eu odiei tantos annos, e accusei tantas vezes de tyrannia e crueldade!

— Talvez sejam injustas, Francisco, as accusações que os seus inimigos lhe fazem.

— Talvez — respondeu elle. — Agora pensava eu que, para me livrar da morte, bastaria mandar pedir

ao senhor infante intercedesse por mim, e obtivesse da rainha o perdão de um crime que não commetti.

— E queres que eu vá lançar-me aos pés de sua alteza, contar-lhe tudo?

— Não. O padre Manuel Fernandes, o confessor jesuita de sua alteza, esteve aqui. Foi elle quem me recommendou que conservasse occulto o meu verdadeiro nome.

— O conde tambem disse, que o teu nome devia ficar ignorado de todos.

— E quando — proseguiu Francisco — pedi ao padre Fernandes, que alcançasse do infante e da rainha um perdão, não para o capitão Francisco d'Albuquerque senão para o misero arreeiro do Alemtejo, respondeu-me que não convinha ao bem da causa de D. Pedro, que é, diz elle, a causa da patria, que eu devesse a vida a outrem que não fosse o valído d'el-rei. Foi elle quem me mandou aqui frei Thomaz do Espirito Santo, para que eu te fizesse constar por via d'elle a minha situação perigosa, e o fávôr que de ti esperava.

— Jesus, meu Deus! Os jesuitas escondem em tudo taes mysterios, que o espirito perde-se querendo-os decifrar.

— O pensamento que dirige a companhia é muito grande, muito vasto, Thereza, para ser comprehendido por quem, como nós, vive cercado das misérias do mundo. Para ver longe é preciso subir ao cume das serras. Para ver a terra toda é preciso saber-se desprender d'ella.

— O padre Fernandes é confessor de Margarida. Porque não foi elle proprio dizer-lhe que estavas preso aqui, e que ao conde valído devia ella pedir por ti?

— Não sei. O padre Fernandes não quer que Margarida saiba que elle veio ao Limoeiro.

— E se o valído recusasse salvar-te?

— O jesuita jurou que me salvaria a vida; com uma condição, porém...

— Qual?

— Com a condição de que eu buscaria, pela oração incessante e fervorosa, alcançar a graça divina, e merecer que Jesus me considerasse digno de entrar na sua sociedade.

A conversação tomara pouco a pouco um character triste e severo. As doces recordações do passado desapareceram, para dar logar a pensamentos lugubres, a assustadoras apprehensões, a terrores, a presentimentos sinistros. Thereza contou então a Francisco d'Albuquerque o estado em que havia encontrado a Calcanhares; o abatimento; o desalento em que estava, e o desejo que ella manifestava de se recolher a um convento para ahi gastar na penitencia o resto da vida; e ao capitão não causou nem angustia nem estranheza, que fossem taes as ideias de Margarida. O seu espirito sympathisava com o espirito da sua amante. A dôr e a influencia, profundamente alterante, dos conselhos religiosos do padre Manuel Fernandes, haviam tirado a ambos a força de luctarem com as difficuldades da vida, e sobre tudo com as exigencias da propria con-

sciencia. De modo que, quando o capitão e a terna provinciana se enlaçaram nos braços um do outro, para se despedirem, lagrimas de desconsolada magoa correram dos olhos de ambos.

CAPITULO LIV.

UM MINISTRO NA ANGUSTIA.

— Cumpriu-se finalmente a vontade de Deus, filho. Não nasceste príncipe, deves acabar os dias na paz da tua casa, para poderes socegradamente tractar da salvação da tua alma. O mundo é ingrato; e não perdôa nem as apparencias da grandeza ao homem que, por talentos ou por virtudes, se mostra superior a elle. Só no ceo ha misericordia para todos.

Isto dizia, na sala das audiencias do paço, frei Pedro de Sousa a seu sobrinho o conde de Castello-Melhor.

— Tinha de ser; seja embora — acudiu o privado de Affonso VI, com um suspiro. — Venceram os invejosos, triumpharam os ingratos. Todos em Portugal se julgam capazes de governar; mas agora verão quanto custa, que de noites mal dormidas, que de dias de an-

cidade é preciso passar, para salvar uma nação dos inimigos de fóra, e dos intrigantes de dentro. Acreditaram que era por ambição que eu lhes resistia, quando me queriam arrancar do lado d'el-rei. Enganaram-se; não conheceram, que só o meu amor por este reino e a gratidão a sua magestade me davam forças para supportar os amargores da minha situação. O que me custa agora é deixar meus filhos — porque os meus inimigos não descançarão sem que me vejam desterrado da patria — o que me peza é ver el-rei sem um conselheiro, e o reino ao desamparo.

— Animo, filho. A rainha prometteu-te a sua protecção...

— A rainha não me prometteu, impoz-me a sua protecção. Com o poder acabaram-se-me os amigos. Esses mesmos conselheiros, esses juizes, que ha dez dias apenas votaram por mim e contra o infante, agora voltam-me as costas; porque o poder está n'outra parte. E assim, abandonado por todos, que havia eu de fazer senão acceitar a protecção da rainha?

— Quando vi, que sua alteza insistia na sua queixa calumniosa...

— Atrozmente calumniosa!

— Tu nunca pensaste sequer em dar peçonha ao filho de D. João IV?

— Nem eu o pensei — respondeu o conde com dignidade — nem sua alteza o acreditou nunca. Eis aqui a prova do que lhe acabo de afirmar, frei Pedro.

E dando ao frade uma carta que estava sobre a me-

sa, proximo da qual estavam sentados os dois interlocutores d'esta scena, o conde proseguiu:

— Esta carta entregou-m'a agora mesmo a rainha, quando me fui despedir d'ella. É escripta pelo proprio punho do infante. E se não servir de salva-guarda á minha vida — porque os meus inimigos talvez me façam assassinar logo que eu saia de Lisboa — ao menos servirá para convencer meus filhos, de que não são filhos de um traidor.

O bispo d'Angra pegou, tremendo, na carta que seu sobrinho lhe apresentou, e approximando de si uma luz — porque isto passava-se ás dez horas da noite — leu em voz alta o seguinte:

« Logo que vossa magestade houve por bem querer
« entrar n'este negocio, me poz na obrigação de haver
« de obedecer a vossa magestade, como vossa mages-
« tade fosse servida: e, satisfazendo áquella parte que
« vossa magestade me manda, de que segure a pessoa,
« e honra do conde... »

— O infante, agora que me venceu com uma calumnia, quer-me segurar a honra! — exclamou o privado d'el-rei.

— « a honra do conde, — continuou a ler frei Pedro — prometto a vossa magestade, debaixo de
« minha fé, de não intentar contra ellas coisa que as
« offenda. » Permitta Deus que elle cumpra estas promessas!

— Veja o resto da carta, frei Pedro. Sua alteza quer, que na sua queixa se ponha perpetuo silencio.

— Mau principe, e maus conselheiros! Não é de christãos o que te fizeram, conde, é de jesuitas! E que te disse a rainha, quando te entregou esta carta?

— Assegurou-me que em pouco tempo me veria restituído ao meu logar de ministro, e que então brilharíam mais os resplendores do meu credito.

— Talvez sejam sinceras as palavras de sua magestade.

— Não são. Mas pouco importa: servem ao menos para minha justificação.

— Quando eu, vendo-te perdido de todo e já desanimado, fui ha tres dias com tua mãe lançar-me aos pés da rainha, e supplicar-lhe que se compadecesse de nós todos, e acceitasse o ser medianeira entre ti e sua alteza, ella mostrou-se enternecida; e até lhe vi correrem as lagrimas pela cara abaixo—disse o velho frade.

— Enternecimento de mulher! Chorou, mas nem esqueceu nem perdoou. Nem foram capazes de a mover á piedade sincera as minhas lagrimas, nem o sentimento de seu marido, que tão queixoso se tem mostrado pelo meu desterro.

— El-rei quer-te muito. É uma consolação para ti na desgraça.

— Affonso VI tem a alma da criança com as paixões do homem feito. Amor e odio, tudo n'elle é violento, mas sem consistencia. Quando hontem Ruy de Moura, um dos amigos na prosperidade, que me abandonou agora que me viu na desgraça! quando Ruy de Moura foi dizer-lhe que era indispensavel sahír eu da

côrte, el-rei tirou, cego de raiva, a adaga para o matar. E não bastaram para o socegar as palavras e as supplicas da rainha; foi preciso que ~~em~~ proprio, de joelhos, lhe pedisse que me deixasse partir.

— São provas violentas, mas são provas de amizade as que el-rei te deu, conde — interrompeu frei Pedro.

— Quando lhe passou aquelle primeiro impeto da colera — acudiu o conde — el-rei, lançou-se nos braços da rainha, chorando, e clamando que « só n'ella agora ficava a sua unica consolação ». E hoje, sua magestade parece ter-se quasi de todo esquecido de mim. Era fragil, muito fragil — exclamou o ministro — a columna que sustentava o meu poder; fel-a cahir um sopro apenas da adversidade. Triste poder o que tem por base só a sympathia e a vontade de um.... de um rei, que é paralytico de um lado, e quasi louco do outro.

— Permitta Deus que aos males, que a este reino tem vindo até hoje d'el-rei ser assim, não venham agora juntar-se mais funestas desgraças.

— Agora mesmo, quando estive com a rainha para receber esta carta de seguro de sua alteza, supliquei-lhe que tomasse cuidado em el-rei; que o aconselhasse e dirigisse; que o não abandonasse quando, arrastado pela sua alma desvairada, elle se precipitasse nos perigos, ou se deixasse dominar pela colera...

— E a rainha?

— Respondeu-me seccamente, que bem conhecia o seu dever, e sabia o que lhe cumpria fazer. O coração da rainha não é bom, frei Pedro; o padre de Villes

tem-lhe ensinado as praticas da devoção austera; mas as virtudes christans...

— Cuidado, conde, não te cegue o odio — interrompeu o frade.

— Não me cega o odio, porque o não tenho á rainha. Mas tive occasião de conhecer que ella nada esquece, e nada perdôa. Não só não perdoou ainda ao secretario d'estado Sousa de Macedo as severas verdades que lhe disse, mas nem o desgraçado arreeiro do Alentejo esqueceu ainda.

— Francisco d'Albuquerque...

— Fallei-lhe n'elle agora mesmo, pedi-lhe que lhe salvasse a vida ao menos...

— E respondeu-te?

— Que Estevão de Castilho era o noivo da sua dama válida mademoiselle Ninon d'Amuraude, e que, sem esta perdoar, ella, a rainha, o não faria tambem. Demais, era preciso um exemplo de severidade, para ensinar o povo a respeitar os criados da casa real.

— Pobre Margarida!

— Para não faltar á promessa que fiz a Margarida, hei de ainda fallar a el-rei no desgraçado capitão, e supplicar-lhe que o não desampare.

— Vê se o salvas, conde. É bom que o teu governo acabe com um acto de justiça e de gratidão. Alcançando o perdão para Francisco d'Albuquerque, que está innocente, pagas á boa Margarida, tão calumniada e offendida, os sacrificios que ella tem feito a bem d'este reino.

— Esse anjo da guarda de Affonso VI, que tantas vezes pela brandura, pela meiguice o pôde deter no momento em que elle ia ordenar uma injustiça ou authorisar um crime, Margarida vai agora tambem ser afastada do paço — disse o conde de Castello-Melhor.

— E vai talvez ficar exposta ás perseguições de Henrique Henriques, a quem só prendiam a amizade e o respeito que tem por ti.

— Henrique Henriques tambem não ficará muitos dias ao lado d'el-rei. Os partidarios do infante não consentirão no paço muito tempo um homem, que sabem me é tão affeioado.

— Mas antes de sahir do paço, se sahir, pôde para se vingar...

— Não, não é capaz de fazer uma acção tão contraria aos meus desejos.

— Recommenda a el-rei a vida do pobre capitão. O processo já está terminado, e o infeliz condemnado á morte. Só sua magestade o pôde salvar agora.

D'esta conversação, a que o fizemos assistir, já o leitor terá conhecido o estado de enfraquecimento, a que haviam chegado, pelas intrigas e cabalas politicas dos partidarios do infante e da rainha, Affonso VI e o seu privado. O triumpho do infante era completo. A resistencia armada do paço seguira-se uma serie de cartas, em que as palavras do rei se iam cada vez tornando mais brandas á medida que as do principe se tornavam mais imperiosas e severas. De dia para dia o valído ministro sentia mais e mais faltar-lhe o chão de-

baixo dos pés, e notava que as hostes dos seus partidarios se iam tornando mais raras. O juiz do povo e os seus vinte e quatro estavam por sua alteza; os fidalgos e os membros dos tribunaes tinham-se, pela maior parte, passado para o partido do mais forte; e, mesmo nos terços, que guardavam o paço, se havia manifestado o desejo de ver acabadas entre os dois reaes irmãos malquerenças, que podiam levar o reino a uma guerra civil: de modo que o conde de Castello-Melhor, que via além de tudo seu real amo pouco disposto a levar por diante a sua primeira resolução, de dobrar á sua a vontade de D. Pedro, resolveu ceder a um poder mais forte do que o seu, e entregou a sua causa nas mãos da rainha; fazendo-lhe promessas de titulos, prerogativas e dinheiro para ella e para seus parentes: promessas que a franceza fingiu attender, porque via n'aquelle negocio meio de se vingar do conde e de satisfazer a sua ambição e paixões.

Quando o triste dialogo de frei Pedro de Sousa e de seu sobrinho chegava ao ponto em que o deixamos ha pouco, um pagem veio da parte d'el-rei dizer ao conde, que sua magestade o estava esperando para d'elle se despedir. Castello-Melhor correu logo aos quartos de Affonso VI; não sem que um momento no coração se lhe accendesse a esperança de poder salvar ainda o seu poder da tormenta, em que estava a ponto de se perder para sempre. Esperança fragil, porém, que um instante de reflexão havia já desvanecido,

quando o desditoso privado chegou á presença de seu real senhor.

El-rei passeava com passos deseguaes e pesados na sua antecâmara, quando o ministro entrou. O rosto inexpressivo do monarcha não deixava perceber se na sua mente havia algum pensamento triste, ou se a colera o agitava. Era uma mascara sem mobilidade, que poderia servir para materialmente representar a insignificancia; e poder-se-ia comparar á agoa crassa e immobil de um paul, que o rijo vento do norte póde apenas encrespar á superficie.

— Está decidido, conde, partes esta noite mesmo — disse elle ao seu valído, parando no meio da casa. — Já recebeste a carta de meu irmão? O Pedrinho não é tão mau como o querem fazer. Já lhe vai passando a furia; e d'aqui a oito dias estás tu de volta para o paço. Ah! ah! — proseguiu o rei, rindo — e a rainha, a *brixota*... que interesse tem mostrado por ti n'esta occasião! Eu não a entendo. Tanta colera, tanta colera, e agora tanta amizade.

— Devo muito á bondade da rainha, minha senhora — respondeu o conde de Castello-Melhor com ironia. — Se não fosse sua magestade interessar-se por mim, estava eu a esta hora n'uma torre, ou morto de garrote talvez.

— Foi bom que ella se interessasse por ti, isso é verdade. Meu irmão era capaz de se não contentar com menos do que isso.

— E a vontade do principe... — E o conde parou n'esta ultima palavra, que pronunciara lentamente.

— Do principe!... Tambem tu lhe dás esse titulo, a que elle não tem direito?

— O senhor infante deseja esse titulo, e vossa magestade não lh'o recusará de certo. Sua alteza não se contentará... com menos do que isso.

— É preciso que se façam côrtes, para o jurarem principe. E só quando...

— Quando sua alteza persuadir o juiz do povo, e os fidalgos, de que vossa magestade não póde ter outro herdeiro a não ser o senhor D. Pedro, é que ellas se hão de reunir. Mas isso já está quasi feito. Lisboa está toda persuadida, que, infelizmente, o casamento de vossa magestade... não dará fructo.

— Quem espalhou essa ideia no povo? — perguntou Affonso VI, com impeto.

— O tempo... e os criados de sua alteza.

— Pois não ha de ser o que elles pensam. Pedro nunca ha de ser principe em quanto eu viver.

— A vontade de Deus ha de cumprir-se.

— Já agora sahirás da côrte. Prometti-o á rainha, e ha de ser.

— Bem sei, real senhor, que hei de sahir de ao pé de vossa magestade. E venho, com as lagrimas nos olhos e a dôr no coração, receber as ordens de vossa magestade, e beijar-lhe a mão pela... ultima vez. — E o conde, levando aos olhos o lenço de cambraia branco e ajoelhando diante de Affonso VI, beijou-lhe a mão.

— Pela ultima vez! — bradou o rei — Isso não. D'aqui a oito... a tres dias has de estar de volta. Que-ro-te aqui ver, d'aqui a tres dias. Quem havia de go-vernar, se tu te fosses para sempre?

— Cá ficam ao pé de vossa magestadè a rainha, minha senhora, e o senhor infante. Um conselheiro e um ministro, que Deus esclarecerá com as suas luzes, mais do que se tem dignado até hoje fazel-o á minha humilde pessoa.

El-rei deu duas voltas pela sala calado, e depois, batendo violentamente com o punho sobre um bufete em que estavam frangões assados, fructas e doces, — porque sua magestade tinha sempre um appetite voraz e comia a todas as horas, — e enchendo a boca com uma pera doce, bradou :

— Não quero eu que te vás d'aqui.

— Senhor...

— Não quero. Não quero. Não quero.

— Mas para ir agora contra a vontade do senhor infante, é preciso empregar a força, a violencia...

— Empregue-se tudo. Mette meu irmão n'uma torre, se quizeres.

A esperança animou subitamente o rosto do minis-tro válido. Approximando-se de Affonso VI, que se sentara a comer, provavelmente para alimentar a sua raiva, e encostando-se-lhe ao espaldar da cadeira, o conde perguntou com uma voz, em que a duvida se misturava com a persuasão :

— Vossa magestade está resolvido a oppôr a força ás vontades de sua alteza?

El-rei continuou a comer, sem responder uma palavra á pergunta do seu ministro.

— A fidalguia e o povo — proseguiu este — estão em Lisboa mal dispostos contra mim. Mas não succede o mesmo na provincia. É no exercito que se deve ir buscar a força para castigar as imperiosas exigencias... de sua alteza não — o respeito que lhe devo, me obrigam a crer que más suggestões só o tem arrastado a oppôr-se á vontade de vossa magestade — mas sim dos seus conselheiros traidores.

Então o privado expoz ao seu rei um plano de'resistencia, que consistia, em este se retirar ao Alemtejo, cercar-se das tropas que havia n'aquella provincia, a que depois se accrescentariam troços de gentes das outras provincias, e dictarem d'alli o ministro e o rei a sua vontade aos revoltosos de Lisboa.

D. Affonso VI, sem descontinuar de comer, ouvia o seu ministro; e quando este esperava ver seguidos os seus conselhos e mais exaltada a furia do principe, levantou-se este socegradamente, limpou os dedos cobertos de lusidia gordura aos bolços da casaca de veludo, e foi afagar o seu famoso lebreo inglez, que dormia n'um canto da sala sobre uma almofada.

— Valente, meu Valentinho, coitado. Ah! Estás aqui, preguiçoso! É preciso irmos a Alcantara uma tarde d'estas, meu velho. — Ligeiras pancadas na cabeça do cão acompanharam cada uma d'estas palavras.

O conde de Castello-Melhor esperou alguns minutos, que el-rei se dignasse responder-lhe: porém, vendo que sua magestade, — curvado para poder afagar o seu amigo Valente, que não julgara opportuno levantar-se da almofada em que mollemente repousava para receber as festas de seu dono — parecia haver-se d'elle esquecido, perguntou com voz mal segura :

— O que determina vossa magestade que se faça n'esta conjunctura?

Embaraçado com esta pergunta, Affonso VI ergueu-se: e, depois de hesitar um instante, respondeu seccamente:

— Nada.

— Á vista d'isso peço a vossa magestade, que se digne dar-me as suas ordens. Vai para a meia noite, e eu, sendo da vontade de vossa magestade, estou resolvido a partir immediatamente para um convento de arabidos, que fica perto de Torres-Vedras.

— Pois vai-te, para voltares breve.

— Será o que Deus quizer.

— Não quero que vás mal comigo! — acudiu o rei, pegando na mão do seu ministro, cujos olhos vira ararasarem-se de lagrimas — Eu sou teu amigo, conde. Mas bem vês que não póde ser, eu não posso sahir de Lisboa.

— Vossa magestade tem razão — respondeu o conde com voz convulsa. — Eu é que propunha a vossa magestade uma coisa impossivel. É o primeiro conselho que dou a vossa magestade, escutando talvez mais

o meu interesse do que a minha razão. O castigo, porém, não vem longe do crime. É o ultimo conselho que em minha vida tenho a honra de dar ao meu rei.

— Conde, conde — exclamou D. Affonso, cujos olhos tambem não estavam enxutos — se queres, iremos para o exercito do Alemtejo.

— Não, meu senhor. Seria a guerra civil; e Deus sabe se uma guerra civil não traria a ultima hora da liberdade e da independencia d'este reino.

— Mas então...

— Partirei. Ir-me-hei para longe de vossa magestade, acabar a vida na solidão da minha casa, ou nos amargores do desterro. Não importa — proseguiu elle resignado — faça-se a vontade divina. É tempo que acabem as calumnias contra mim, e que comece a minha justificação. Accusam-me de ter tractos com Castella; de ter aclamado el-rei de Castella em Portugal; de ter querido dar peçonha a sua alteza; de ter roubado o thesouro publico: dia virá em que o mundo todo, e até os meus proprios inimigos darão testemunho da minha innocencia. Agora só supplico a vossa magestade, que escute as palavras da rainha, minha senhora, e chame aos seus conselhos o senhor infante; para fazer assim calar os perturbadores do socego publico. É isto o que peço a vossa magestade como ministro: como homem tenho a pedir-lhe tres graças.

— Quaes são, conde?

— A primeira é que, se por fatalidade eu morrer ou fôr obrigado a sahir da patria, vossa magestade tenha compaixão de meus filhos, e os proteja.

— Não ha de Deus permittir nem uma nem outra d'essas desgraças, que receias; mas se acontecesse alguma, teus filhos, conde, protegel-os-ia eu, como o rei deve proteger os filhos de um vassallo fiel, e de um amigo.

A voz de D. Affonso VI ao soltar d'estas palavras era solemne e grave. Dizia-se n'aquelle tempo na côrte, quando sua magestade soltava alguma phrase extravagante ou louca, que el-rei fallara com o lado doente, alludindo á paralyisia que lhe tolhia os movimentos do lado direito: ora n'esta occasião, evidentemente foi o lado são de el-rei que fallou.

— Beijo as mãos de vossa magestade por tanto favor — disse o privado enternecido.

— Que tens mais a pedir-me?

— D. Margarida...

— Ah! Ha muitos dias que a não vejo. Que é feito d'ella? Aquelle successo de Salvaterra...

— A bruxa Zaída já está condemnada pela santa inquisição, e será queimada, para exemplo dos peccadores, no primeiro auto de fé — atalhou o conde, interrompendo el-rei. — D. Margarida — proseguiu elle — vive desgostosa, triste e só. A alma da pobre menina tem pouco a pouco perdido toda a alegria; o animo tem-se-lhe ido quebrantando. O que ella deseja agora é retirar-se para um convento; onde possa noite

e dia fazer oração, e preparar-se para entrar dignamente no numero das servas do Senhor.

— A Calcanhares beata! — exclamou el-rei, rindo.

— Vossa magestade bem sabe, que D. Margarida foi sempre uma boa e virtuosa mulher — acudiu o ministro com gravidade.

— Sei... sei — respondeu D. Affonso, cujo riso a seriedade do ministro fez subitamente interromper.

— Consinta vossa magestade que D. Margarida cumpra os seus desejos.

— Está concedido — disse el-rei, pondo a mão no hombro do conde. — Se eu não estivesse certo de te ver aqui outra vez em breve, diria que estás fazendo testamento. Ah! ah!

— Para o governo d'este reino fico morto desde hoje. E, mal me virem morto, os meus inimigos terão cuidado de me deitar em cima uma loisa tão pesada, que eu a não possa levantar mais, nem mais sahir da sepultura.

— Ideias tristes...

— Que vossa magestade quer esquecer — acudiu o conde com abatimento. — E faz bem vossa magestade.

— Que tens mais a pedir-me?

— Uma terceira graça, senhor, tenho a pedir a vossa magestade. E esta espero eu que m'a conceda, como tevê a bondade de conceder as outras.

— Qual é?

— A vida de um homem, que eu creio estar innocente, mas que as apparencias condemnam.

— Qual é?

— Um pobre arreeiro...

— Que a rainha deseja ver enforcado, porque lhe matou o Castilho?

— Esse mesmo, senhor.

— Que te importa a vida d'esse arreeiro?

— Talvez esteja innocente do crime de que o accusam, e então...

— Em elle morrendo, mandar-lhe-hei dizer cem missas por alma.

— É melhor que vossa magestade lhe salve a vida.

— Isso te não faço eu. Ir-me, por causa de um almocreve, pôr mal com a rainha, e com o infante!... Isso não te faço. É dar-lhes pretextos para moverem guerra a ti, e ao secretario de estado.

— Meu real senhor, por quem é... — disse o conde, juntando as mãos supplicante.

— Não, meu conde, é uma loucura. Estás de uns escrupulos que me assustam. Começo a crer que vaes morrer de véras.

— Vossa magestade não quer fazer-me a graça que lhe peço?

— Não insistas mais, para me não obrigares a recusar-te tudo — respondeu o rei, em quem a colera, que a contrariedade lhe causava sempre, começava já a manifestar-se.

O conde reconheceu a inutilidade de insistir mais tempo na sua supplica.

— Faça-se a vontade de vossa magestade — disse elle.

Estavam já calados havia minutos o rei e o ministro, quando o relógio do paço bateu lentamente onze horas n'um sino, a que o silencio da noite, e o estado do espirito dos dois illustres personagens que o escutavam, dava uma voz lugubre e fatidica.

Affonso VI contou em alta voz as ultimas pancadas do relógio.

— Nove... dez... onze...

— Senhor — disse o conde — que ordens tem vossa magestade a dar-me?

— Para quê?

— São onze horas.

— E então...

— Esta noite devo sahir da côrte, como vossa magestade sabe. Assim o prometti á rainha, minha senhora.

— Vaes-te, conde? Pois não te esqueças das minhas ordens. D'aqui a oito dias quero-te aqui.

— Voltarei quando vossa magestade me mandar ordem para isso. Agora peço licença a vossa magestade para lhe beijar a mão.

— Não. Quero que me abrace como a um amigo, que sou — disse o rei estendendo-lhe os braços.

O conde abraçou seu real amo. Quando se separaram um do outro, o rei e o ministro estavam com os olhos arrasados de lagrimas. Por quem chorava o con-

de de Castello-Melhor? Pelo rei, ou pelo poder que ia deixar para sempre?

As duas horas d'essa mesma noite o ministro d'Afonso VI partiu para o seu longo desterro, acompanhado apenas por vinte soldados da cavallaria da corte.

CAPITULO LV.

QUEM O SALVARÁ?

Thereza estava meio deitada sobre o estrado, e, com a cabeça escondida nas almofadas de velludo branco, soltava a cada instante do intimo peito gemidos e soluços que cortavam o coração. Margarida, de joelhos, mãos postas, e os olhos afogados em lagrimas levantados para o formoso crucifixo que pendia da parede, murmurava lenta e tristemente uma ladainha, a que respondia com voz soturna frei Thomaz do Espirito Santo. Este, de joelhos tambem e com a cabeça coberta pelo capuz, infundia pavor com seu aspecto sinistro. Só uma lampada de alabastro allumiava tenuemente o camarim da desditosa Calcanhares; e os seus reflexos avermelhados batendo no brocado e no velludo, e os

clarões amortecidos que por instantes lançava sobre o vulto do Christo de marfim, davam a este gracioso aposento um character lugubrememente fantastico.

Concluida a ladainha, a Calcanhares e o frade ficaram alguns minutos ainda immoveis. Ella, como paralyzada pela intensidade da profunda magoa que lhe punha n'alma; elle, como se esperasse que uma impulsão externa viesse tiral-o d'aquella posição, que pelo habito de longos annos supportava, quasi indifferente, e abalar-lhe as ideias, que a quietação do claustro e a natural insensibilidade lhe fizera estagnar no cerebro. A voz soluçante da lacrimosa Thereza veio, com um grito de dôr, tiral-os d'aquelle lethargo, e chamal-os a sentimentos mais vivos e mais penosos.

— Ámanhan! — dizia a linda provinciana, puxando com mão despiedosa os formosos cabellos. — Ámanhan morre!... justicado como um criminoso.

Margarida a este grito de Thereza levantou-se em sobresalto, e foi com passo incerto sentar-se sobre o estrado, ao pé da que n'aquelle tempo ella amava já como uma irman.

— Ámanhan! — proseguia Thereza. — E nem uma esperança nos resta de o salvar.

— As esperanças todas que tinha, perdias hoje! — disse a Calcanhares com uma voz, em que os padecimentos da alma se não manifestavam por vibrações agudas e entrecortadas de suspiros, mas sim por um tremor convulsivo que lhe abafava os sons e transtornava o timbre. — Perdi-as, essas consoladoras esperan-

cas. Um demonio — Deus me perdoe, e lhe perdoe a elle! — um demonio resolveu a nossa perdição; e não ha resistir-lhe. Francisco morrerá... e eu morrerei com elle.

— Não poude fallar a el-rei, Margarida? Nem é possível fallar-lhe ainda antes do momento terrivel? — perguntou Thereza.

— Não. Quando frei Thomaz nos trouxe esta tarde a terrivel noticia, de que ámanhan... o nosso desditoso amigo iria — innocente, meu Deus! — iria a... morrer, corri logo ao paço.

— E lá...

— Tudo está mudado no paço desde que o conde se foi. Quem governa alli agora ostensivamente são os partidarios de D. Pedro; e no animo d'el-rei, por desgraça nossa, governa secretamente esse homem sem alma, a quem eu devo esta vida de martyrio que tenho padecido. Henrique Henriques é quem aconselha, quem governa el-rei... E sabe tudo.

— Pois esse homem...

— Encontrei-o n'um dos corredores do paço. Estava-me esperando alli para me fazer uma proposta infame. — «Sei tudo, me disse elle. A vida d'esse capitão que ama tanto, Margarida, está na minha mão; e agora não virá, como da outra vez, o Castello-Melhor para o salvar. El-rei não lhe perdoa; porque quer d'este modo captivar a benevolencia da rainha para o secretario de estado: e só eu posso ainda salvar Francisco d'Albuquerque.»

— E não o quer salvar? — atalhou Thereza ansiosa.

— « Se quer, proseguiu elle, que esse homem não morra ignominiosamente n'uma forca — o infame queria fazer-me medir bem a grandeza da catastrophe que se avizinha — se quer que elle não seja victima do capricho de uma rainha, venha comigo: vamos juntos buscar em Hespanha um asylo seguro, onde não possa chegar o odio vingativo do infante, e onde a felicidade nos faça esquecer do mundo, que é ingrato, e dos reis idiotas. »

— E não castiga Deus um homem tão mau! E que respondeu, Margarida, que respondeu a esse desalmado?

— Fui escrupulosa de mais, talvez! — exclamou esta, soltando gemidos de angustia — Foi talvez o egoismo... Ai! Que direito tenho eu de ter melindres... eu, pobre mulher condemnada pelo mundo á ignominia? Sacrifiquei a vida de Francisco d'Albuquerque por um sentimento de invencivel horror. E onde hei de agora achar lenitivo para este remorso?

— Na pureza da sua consciencia, Margarida. Elle ama-a, ama-a muito: e a morte é-lhe de certo menos custosa do que lhe seria uma vida vivida em padecimentos sem fim, consumida pela saudade, ralada pelo ciume — disse Thereza, apertando a mão da Calcanhares.

— Talvez! — respondeu Margarida, dando um suspiro tão do intimo d'alma, que parecia que n'elle se

lhe iam os ultimos alentos da vida. — A Virgem Senhora nossa escute as minhas supplicas, e me inspire; porque a minha debil razão, a minha consciencia fraca não bastam para me guiar. Se o sacrificio d'esta vida pudesse salvar-lhe a d'elle, com que alegria eu exhalaria o ultimo suspiro! Mas deshonnar este amor que as lagrimas e a oração tem purificado, que d'elle me veio e só para elle quero, este amor que é o meu thesouro e a minha gloria, isso não posso, não sinto em mim alma para o fazer. Thereza, de que desgraças tenho sido causa involuntaria... e como me deve mal-querer!

— Não, minha querida Margarida! — exclamou Thereza, dando-lhe um beijo — Tenho dó de a ver padecer. Dóe-me o coração quando me lembro de que ámanhan... Ai! Parece incrível. Isto é um sonho mau! Repita-nos, frei Thomaz, o que lhe disse Francisco?

O taciturno frade, obrigado a fallar por esta pergunta de Thereza, a quem elle consagrava uma amizade a seu modo, isto é, humilde e submissa como a do rafeiro, mas muda e sem expansibilidade, approximou-se do estrado, e depois de um esforço para vencer a sua repugnancia a quebrar o silencio, respondeu apenas:

— Que morrerá ámanhan.

— E mais nada, frei Thomaz? Por Deos, responda. Falle!

— « O meu ultimo pensamento, disse, em coisas

d'este mundo, será para dois anjos que me ensinaram a conhecer a bondade divina. »

— Pobre Francisco! — exclamou a lacrimosa donzella.

— E quando lhe recommendou que nos viesse contar essa terrivel nova — acudiu a Calcanhares — não lhe disse se ainda lhe restava alguma esperança?

— Sss! — respondeu o frade, abanando a cabeça tristemente.

— Nenhuma?

— Em Deus, a quem elle pertence.

— Como?

— Fez o voto na companhia de Jesus.

A isto seguiu-se um instante de silencio.

— Quer ver-nos ainda antes de morrer, o meu rico irmão! — exclamou por fim a desolada Thereza — Sentete-se com forças, Margarida, para assistir a essa horriovel agonia?

— Não sei; talvez morra com elle — respondeu Margarida. — Mas vou. Hei de ir: havemos de ir ambas, não é assim? havemos de ir vél-o subir aquella fatal escada, ao cimo da qual o espera... Veremos tudo... tudo; para lhe dizermos um ultimo adeus antes da morte nos separar. Pediu-o elle; é dever nosso satisfazer-lhe a ultima vontade.

— Ai! querida... Que angustia!

E a este grito de dôr seguiu-se outra vez um longo silencio, que só os soluços das duas formosas raparigas interrompiam de quando em quando.

Por fim, arrastadas por essa invisível necessidade de fallar no assumpto das proprias magoas, que é ao mesmo tempo martyrio e consolação dos que teem a alma profundamente dilacerada pela dôr, as duas mulheres proseguiram as suas amargas lamentações.

— Vê-lo morrer assim, sem o poder salvar, sem uma esperança sequer! — murmurou Thereza.

— A consciencia — acudiu a Calcanhares — diz-me que eu devo recusar a horrenda, a vil proposta de Henrique Henriques: mas o desejo de o salvar... o terror que me causa a ideia de o ver expirante...

— Não... não sei. É um sacrificio superior ás suas forças, Margarida. E de mais, inutil talvez; talvez... condemnavel.

— Condemnavel, inutil talvez! Embora! — exclamou a amante de Francisco d'Albuquerque — Consumme-se o sacrificio, e Deus decidirá do futuro.

Levantando-se então do estrado em que estava sentada, e com um d'esses gestos de sublime resignação, que são nos martyres a manifestação do triumpho do espirito sobre as fraquezas e os abatimentos da debil natureza, Margarida traçou n'um papel rapidamente e com mão segura algumas linhas, que eram a sua propria condemnação á morte; mais ainda, que eram, julgava ella, um ignobil sacrilegio contra o seu amor, e a perdição da sua alma para todo o sempre.

— Pelo amor de Deus, frei Thomaz — disse então ao graciano, entregando-lhe a carta que escrevera — por Deus, peço-lhe que vá sem demora, já, ao paço, e

entregue esta a Henrique Henriques de Miranda. Diga-lhe... — aqui a voz sumiu-se-lhe quasi de todo ao murmurar — diga-lhe que fico aguardando o cumprimento da promessa que elle me fez.

As ultimas syllabas d'esta phrase, que tinha uma dolorosa, uma horriavel significação para a atribulada Margarida, foram já apenas perceptíveis; e, ao acabal-as, cahiu a desventurada sem sentidos nos braços de Thereza.

Meia hora depois, quando o frade voltou, a Calcanhares já havia recobrado os sentidos. A dôr tinha-lhe, porém, tirado a força de fallar; e Thereza, respeitando aquelle abatimento sublime, não ousava tambem soltar uma palavra. Abraçadas uma com a outra, unidas as fronte pallidas, misturados os cabellos, confundidas as lagrimas, as duas mulheres conservaram-se, em quanto estiveram sós, immoveis, caladas; não ousando quasi respirar, nem sequer volver os olhos, como receando perturbar aquelle funebre, aquelle pesado silencio que as envolvia. Parecia-lhes, ás desgraçadas, que uma palavra, um gesto evocaria talvez das sombras um medonho espectro, um fantasma sem piedade, para as arrancar dos braços uma da outra.

Frei Thomaz do Espirito Santo, o pacifico frade, foi para ellas n'aquella occasião o espectro pavoroso, tão anciosa, tão supersticiosamente temido. Quando elle entrou no camarim da Calcanhares, as duas mulheres uniram-se mais estreitamente, enlaçaram os braços com mais terror, e ficaram esperando que o frade

dêsse conta do resultado da sua missão. Esperaram em vão, porque frei Thomaz, fixando n'ellas os olhos amortecidos, ficou boquiaberto e immobil, n'aquella inacção da palavra que era um dos seus mais notaveis caracteristicos.

— Então!? — murmurou por fim Margarida em voz baixa, como se desejasse não ser ouvida.

— Nada — respondeu laconicamente frei Thomaz.

— Que me diz! Henrique Henriques já não quer... salvar a vida de Francisco d'Albuquerque?

— Sss! — sibilou o frade, encolhendo os hombros.

— Não quer? Responda.

— Não póde.

— Porque? É tarde já?

— Morre.

— Morre! Francisco morre! Não ha esperança, meio nenhum de o salvar?

— Henrique Henriques morre.

— Mataram-o? — exclamou Margarida quasi com um grito de alegria.

— É Deus quem o mata. Está quasi morto.

— Não lhe entregou a minha carta, não lhe fallou?

Frei Thomaz respondeu a esta pergunta entregando a Margarida a carta que esta havia escripto para Henrique Henriques. Recebendo aquelle papel em que pensava haver traçado o ultimo adeus ao seu amor e á pureza da consciencia, a exaltada amante d'Albuquerque rasgou-o com um movimento de frenetica, de incomprehensivel alegria, em mil pedaços. N'esse momento

esqueceu-se de que n'aquelle papel rasgava uma esperança, a ultima talvez, de salvar o homem por quem ella de bom grado daria a vida.

— E quem o salvará agora? — bradou Thereza n'um paroxismo de desesperação.

Estas palavras pozeram termo á louca alegria da Calcanhares. Cahindo desfallecida sobre as almofadas do estrado, a infeliz murmurou tambem :

— Quem o salvará agora?

— Eu... — disse frei Thomaz subitamente.

Este monosyllabo do frade produziu tal espanto em Thereza e Margarida, que ambas se pozeram subitamente de pé.

— Vossa reverendissima! — exclamaram ambas.

— Como o póde salvar? — perguntou a Calcanhares.

— Como o ha de tirar do limoeiro? — acudiu Thereza.

— Talvez — disse o frade, concluindo assim a phrase de duas palavras, que começara havia quasi um minuto.

Uma lembrança luminosa atravessara n'aquelle instante o espirito, quasi sempre deserto, do bom frade. E, como receando que essa subita e espontanea ideia se esvaecesse, frei Thomaz tratou logo de a pôr em execução. Sem escutar as perguntas, sem attender ás supplicas de Margarida e de Thereza, sahiu correndo, e encaminhou-se a passos largos para o coração da cidade, onde, áquella hora já adiantada da noite, tudo estava socegado e envolvido em densas trevas.

— Onde irá elle? — exclamou Margarida.

— Como póde o pobre frei Thomaz salvar o nosso querido Francisco! — disse Thereza.

— Uma illusão, uma illusão do bom frade! Que mais póde ser?

— Bons desejos, coitado!

— E nós havemos de o deixar assim morrer?

— Que lhe havemos... que se lhe ha de fazer agora? O seu sublime sacrificio, Margarida, foi inutil. Deus não quiz; e os juizos de Deus são superiores á nossa razão.

— Tenho uma... uma esperança não, um presentimento illusorio, enganador talvez, de que Francisco não morrerá ámanhan...

— Ai! eu não ousou, não tenho nem força para ter um presentimento! — exclamava Thereza, chorando.

— Ainda tenho esperança no padre Mañuel Fernandes. Francisco, como nol-o disse ha pouco frei Thomaz, fez voto na companhia de Jesus. E os padres jesuitas talvez o salvem ainda.

Um clarão de esperança passou tambem então no casto e suave rosto de Thereza.

— Talvez! — disse ella lançando os braços ao collo de Margarida — Talvez! O padre Fernandes prometeu salvar-o se elle entrasse na companhia.

— Quando?

Thereza contou então á sua amiga o que o capitão lhe dissera no Limoeiro, das suas relações com o confessor do infante, das recommendações e das promes-

sas d'este, e emfim confessou-lhe as causas que a haviam levado a occultar-lhe até aquella occasião tão interessante segredo; uma das quaes era a falta de confiança que ella tinha de que taes promessas se cumprissem.

— Amanhan — disse a Calcanhares — logo que amanheça, irei a S. Roque fallar com o padre Fernandes. Tudo isso me espanta, tudo isso me parece extraordinario. Uma tal promessa, um segredo tão recommendado...

— São coisas de jesuitas. Bem sabe, Margarida, que ha sempre em tudo que elles fazem razões occultas, mysterios impenetraveis...

— Saberei tudo ámanhan...

— O padre Fernandes não lhe explicará nada.

— Talvez o salve, e é quanto eu desejo — acudiu a Calcanhares. — Rezemos, Thereza. Vamos pedir a Nossa Senhora um milagre.

E as duas, pondo-se de joelhos, começaram com fervorosa fé uma ladainha á Virgem Mãe de Deus.

CAPITULO LVI.

SÓ UM MILAGRE O PÓDE SALVAR.

O taciturno e tranquillo frei Thomaz do Espirito Santo, aguilhoado pela ideia que excitações repetidas e a imminencia d'uma catastrophe assustadora lhe haviam feito espontaneamente nascer no cerebro esteril, não andou, correu pelas ruas escuras e desertas que da Ribeira levavam ao largo da Sé: e, esquecendo todos os seus habitos, até deixou sahir da boca preguiçosa duas exclamações tão involuntariamente, que, ao ouvir-as, uma horripilação de susto lhe escorregou fria ao longo da espinha dorsal, como se ouvira uma alma do outro mundo, nas suas divagações nocturnas por este valle de lagrimas, perturbar com os seus gemidos o silencio da noite. No largo da Sé, porém, esperava-o uma surpresa muito superior áquellas que lhe haviam causado as suas proprias exclamações.

O frade ia já, na sua rapida carreira, a transpôr o adro da cathedral, encaminhando-se para a rua que conduz ao Limoeiro, quando um rumor de vozes, acompanhado do tinir de grilhões de ferro arrastando pelo chão, e uma luz avermelhada, como de incendio, esclarecendo subitamente a face vetusta da severa egreja, o veio encher de espanto, e gelar de susto. Frei Thomaz sentiu faltarem-lhe as pernas, fugir-lhe a vista dos olhos, apagar-se-lhe n'um confuso tropel de terrores a ideia luminosa que o guiava. Com um pé estendido para diante, a mão convulsa arregaçando os habitos, a boca semi-aberta, os olhos esgaseados, a cabeça voltada para traz, o frade ficou immovel como a desobediente e curiosa mulher de Lot. E o que lhe excitava o pasmo, se não era para se comparar em grandeza ao incendio da cidade maldita, não deixava comtudo de ser motivo bastante para justificar o pavor do nosso nada heroico frei Thomaz.

Desembocando do becco dos Seguros, onde, como o leitor sabe, era situada a estalagem do Alemtejo, doze ou quatorze homens, cobertos com largos capuzes brancos, as caras inteiramente escondidas com pannos negros em que havia apenas dois buracos na altura dos olhos, cingidos por correntes de ferro que arrastavam pelo chão, brandindo com furia archotes que lançavam uma luz convulsa e uma negra fumarada, e dando muitos gritos de dôr e gemidos de angustia, atravessaram processionalmente o largo da Sé. Era uma visão de noite aziaga, uma apparição fantastica de almas pena-

das, que vinham pedir aos homens soccorro para poderem entrar no ceo? Era uma procissão de penitencia, como havia tantas n'aquelles tempos de superstição, em que christãos pensavam que, para remir toda a especie de peccado, bastava queimar judeus, e rasgar as carnes com as cordas da disciplina? Era uma quadri-lha de salteadores, que se encobriam com aquelles habitos medonhos, para mais a seu salvo commetterem assassinios e sacrilegios talvez? Frei Thomaz pensou em tudo isso; teve vontade de fugir, mas um poder, uma força mysteriosa lhe chumbara os pés ao chão. Subitamente, porém, quando já o ultimo dos encapuzados se ia a sumir, o bom frade, impellido talvez pela mesma mão occulta que o detivera na sua rapida carreira, girou sobre os calcanhares, transformou a physionomia espantada n'uma physionomia em que havia uns longes de sorriso jovial, e poz-se a seguir a fantastica procissão, que caminhava, sempre com o mesmo vagar e soltando os mesmos lugubres clamores, ao longo da rua Nova. Os temerosos emboçados tomaram pela rua dos Escudeiros, seguiram pela praça do Rocio, que atravessaram na sua maior extensão, e foram depois direitos á calçada da Gloria, onde pararam diante de uma casa alta e de boa apparencia, que ficava proximo a um jardim do conde de Castello-Melhor, sem que frei Thomaz os perdesse um momento de vista; já demorando o passo e deixando-se ficar a bastante distancia para o não verem, já approximando-se d'elles quanto lhe era possivel, para escutar as poucas pala-

vas soltas que alguns trocavam entre si, quando uma volta da rua ou uma viella obscura lhe permittiam fazer sem risco as evoluções necessarias para conseguir este fim.

Ao chegarem defronte da casa, que era a de Luiz Mendes, rico negociante que passava por ser grande parcial do ex-ministro valido de Affonso VI, os fantasmas brancos pozeram-se em linha sem descontinuarem os seus lamentosos gritos, e um d'elles, que parecia ser o chefe, bateu na porta tres vigorosas pancadas. Instantes depois abriu-se uma janella, e uma voz tremula de susto perguntou:

— Quem está ahí?

— Somos nós — respondeu o emboçado que hatera á porta. E todos os outros soltaram um lugubre gemido.

— Que querem? — perguntou a voz, ainda mais tremula que da primeira vez.

— Somos nós, almas do purgatorio, que vimos aqui por mandado de Deus para te advertir, Luiz Mendes, que te encommendes a elle, e te deixes de ajudar os maus nas suas iniquidades; porque só assim alcançarás a salvação da tua alma. E, se desobedeceres a este mandado divino, em vinte e quatro horas morrerás, e irás para o inferno. — Isto foi dito pelo chefe dos mysteriosos fantasmas em tom roucanho e ameaçador, e todos os companheiros repetiram em côro:

— Morrerás e irás para o inferno.

E terminando esta phrase com longos clamores, a

procissão dos farricocos voltou outra vez na direcção do Rocio. O chefe d'elles ficou alguns passos para traz, a fim de observar o effeito produzido pelos seus avisos do outro mundo a Luiz Mendes; e como visse que a janella se havia fechado e tudo entrado na quietação, pôz-se a correr para se ir juntar ás outras almas do purgatorio. Mas quando ia a voltar á esquina da rua, sentiu-se vigorosamente agarrado. Era o nosso frei Thomaz do Espirito Santo quem o detinha, segurando-o pelo capuz.

— Apanhei — disse o frade.

— Quem é... que quer? — bradou a alma do purgatorio, levantando o archote, com furia, sobre a cabeça do seu audaz adversario.

— Sss! — sibilou o frade com authoridade.

— Frei Thomaz! Que vem fazer aqui, frei Thomaz?

— Aniceto Muleta, quero...

— O que quer? Amanhan me dirá o que deseja; agora deixe-me — acudiu o capitão Aniceto Muleta.

— Deixe-me, que ando no serviço de sua alteza.

— Sss! — fez o frade, sem largar o capitão.

— Deixe-me, senão...

— O perdão?

— Que perdão? Perdão de que? Eu não tenho que lhe perdoar — respondeu o senhor Aniceto, com muito espanto na voz, e escondendo por detraz do panno negro que lhe cobria a cara um sorriso mais velhaco e feio que o de um macaco, quando acaba de commetter um furto e se sente em segurança no tópo de um coqueiro.

— O perdão d'el-rei.

— El-rei não precisa que eu lhe perdôe. Basta que lhe perdôe Deus os seus peccados! — exclamou o miliciano; abusando do laconismo do seu amigo frade, e fazendo-se desentendido.

— O perdão em branco que el-rei te deu, quando lhe foste dizer, que queriam matar o Castello-Melhor — disse com impaciencia o graciano.

Havia dez annos que frei Thomaz não dizia tanta palavra vehemente de uma vez; e o bom do frade ficou sem fôlego, como se houvesse subido a correr a escada da torre do seu convento.

— O perdão, que el-rei me deu em paga do serviço que fiz ao conde valído, não o trago aqui; e, depois, ainda que o trouxesse não lh'o dava, frei Thomaz. É a minha vida talvez, frei Thomaz. E a vida não se dá a ninguém.

— Preciso — acudiu laconica, mas imperiosamente o frade, que, mais forte que o senhor Aniceto, tinha este sempre vigorosamente seguro.

— Deixe-me ir, que os outros vão-se afastando. Já lá vão longe. Sem mim não são capazes de fazer nada em favor da santa causa.

— Quero o perdão.

— Quanto dá por elle?

— Cem missas.

— Não preciso. A minha alma está por conta dos santos padres da companhia de Jesus.

— Dez cruzados.

— É pouco.

— Trinta.

— É pouco.

— Cem.

— É pouco.

— Vou contar a sua alteza...

— O quê? — perguntou o capitão Aniceto, sobresaltado.

— Espião! — clamou o graciano, com um gesto de terrível ameaça.

O leitor talvez se recorde ainda, que o capitão Aniceto Muleta escutara um dia, escondido atraz de um reposteiro, os segredos do infante D. Pedro, e que depois os fôra contar a el-rei; recebendo em premio d'este serviço, assignado pelo punho real, o perdão para um criminoso, sem designação de pessoa a quem esse perdão pudesse ser destinado. Esta palavra, pois, do taciturno frei Thomaz produziu, como era de esperar, uma atroz angustia na alma pouco robustamente temperada do salteador do Alemtejo.

— Cale-se, meu querido frei Thomaz! — exclamou elle pondo a mão na boca do frade.

— Sss! — fez este, repellindo a mão do capitão de milicias, com indignação.

— Eu lhe dou o perdão. Levo-lh'o logo ao convento.

— Já.

— Agora não póde ser. Não o tenho aqui. E de mais, tenho ue ir ainda a tres casas com as almas

do purgatorio, para assustar os inimigos de sua alteza.

— Já — repetiu frei Thomaz.

— Levo-lh'o ao convento. Fie-se no seu amigo Aniceto Muleta, frei Thomaz. E se eu faltar a esta promessa, vá então accusar-me ao senhor infante de traidor, de... espião.

— Vou — pronunciou o graciano, largando o capuz do senhor Aniceto.

— Fique certo, que lá lhe levo ao convento o perdão d'el-rei — disse este, sacudindo-se e movendo-se como um homem que se sente livre de uma prisão incommoda. — Não esqueçam os cem cruzados, frei Thomaz.

E quando viu o frade afastar-se, tomando o caminho do seu convento, rosnou entre dentes:

— Veremos o que diz a tudo isto o nosso padre Manuel Fernandes: e seguiremos os seus preceitos á risca.

No dia immediato á noite em que teve logar a historica scena das almas do purgatorio, que acabamos de narrar — scena que depois se repetiu muitas noites, ás vezes acompanhada de violencias, pondo em susto, e enchendo de pavor a gente pacifica de Lisboa, — no dia immediato, como iamos dizendo, mal a manha começava a romper, colorindo de purpura e de reflexos de oiro o ar diaphano por cima dos montes d'além do Tejo, já o padre de Villes e o padre Manuel Fernandes passeavam vagarosamente na sala da livraria do collegio de Santo Antão.

— Então que tem vossa paternidade a contar-me de novo? — perguntou o jesuita francez.

Um sorriso, que exprimia a satisfação e o orgulho, passou levemente pelos beiços finos do padre Fernandes.

— Muitas, muitas coisas de novo tenho que lhe contar, padre de Villes — disse o confessor do infante. — Está tudo, com a ajuda de Deus, em excellente caminho; e o triumpho da boa causa, triumpho de que hão de vir tantos bens á companhia de Jesus, isto é, á religião, já não está longe. É um sacrificio necessario, um acto violento, mas indispensavel. A corôa não pôde ficar por mais tempo sobre a debil cabeça de Affonso VI. Interesses do reino e da fé exigem que se lhe tire um poder, de que elle sabe só abusar.

— De certo, padre Fernandes. É esse um ponto em que todos estamos de accôrdo. Mas o que ha feito, para se conseguir esse tão desejado fim? Tiramos o Castello-Melhor do lado d'el-rei; mas os seus parciaes são ainda quem dirigem as acções de sua magestade; e o secretario d'estado, o Sousa de Macedo, que é homem de merecimento, ainda está em Lisboa, apesar das razões de queixa que a rainha tem d'elle.

— O Castello-Melhor está longe da côrte. Henrique Henriques está gravemente enfermo; castigou-o Deus dos seus peccados por este modo: dizem que não morrerá d'esta, mas, se escapar, foge de certo de Lisboa. El-rei, que até hontem recusara receber o senhor infante, recebel-o-ha esta manhan, e mandará retirar

do paço os terços de infantaria e a cavallaria, que ha tantos dias estão com a sua presença ameaçando o povo.

— Então a ida de Antonio de Belem ao paço sempre sortiu effeito?

— Sortiu o effeito que se desejava, padre de Villes. O juiz do povo foi fallar a el-rei, e disse-lhe: que o povo faria uma revolução, e commetteria maiores excessos do que no dia em que houve aquelle motim por causa dos hespanhoes terem tomado Evora, se el-rei não recebesse a sua alteza, e não mandasse embora a tropa do Terreiro do Paço. El-rei teve medo. A fraqueza do partido de Affonso VI já não póde ser maior.

— E o secretario d'estado? — perguntou o francez.

— Esse, se necessario fôr, il-o-ha o senhor infante buscar ao paço, e mandal-o-ha n'um navio para Angola; como a rainha mãe fez a Antonio de Conti. O negocio está a decidir por instantes; e não tarda, que vejamos D. Pedro no throno...

— E a rainha, minha senhora, com elle — acudiu de Villes, olhando fixamente para o seu companheiro.

— De certo, de certo — deu-se este pressa em responder. — O papa ha de dar licença para que se desfaga este casamento, que está nullo, e se una sua magestade com o senhor infante, por um laço que santifique os seus innocentes amores.

Os dois jesuitas olharam de relance um para o outro; e, como receosos de quebrar a seriedade d'esta conversação, pozeram ambos no mesmo instante os olhos no chão, guardando por um momento silencio.

— Hoje deve ser um grande dia para a companhia — disse por fim o padre Fernandes. — A entrada de sua alteza no paço ha de ser marcada por um milagre aos olhos do povo.

— Que milagre!

— Vossa paternidade sabe que é hoje o dia em que esse arreeiro do Alemtejo, que se diz ter morto o criado da rainha, ha de ser levado ao supplicio?

— Sei.

— Pois esse homem, coitado! que não é um arreeiro, mas sim um capitão de infantaria... o mesmo que foi mal ferido uma noite na rua, e que depois, ainda gravemente enfermo, desapareceu do palacio do senhor infante...

— Que me diz, padre Fernandes? Pois esse homem, esse capitão... é o que foi acompanhando Luiz de Mendonça, quando partiu para França com as cartas da rainha?

— Esse mesmo capitão. O arreeiro que a justiça condemnou como assassino de Estevão de Castilho vai hoje ao supplicio, e vai innocente.

— E então?

— Está innocente, e é nosso irmão. Fez hontem os primeiros votos na companhia de Jesus. Ha de ser salvo por um milagre.

— Como?

— Luiz de Mendonça cbegou esta noite a Aldeia-Gallega, com a resposta d'el-rei de França.

— E onde está a carta do grande Luiz XIV? — per-

guntou o confessor da rainha; estendendo involuntariamente a mão, como se esperasse que o importante papel lhe fosse immediatamente entregue.

— A rainha está ainda recolhida. Quando forem horas iremos ambos levar-lhe a carta — respondeu o padre Fernandes socegradamente. E, depois, vendo a desconfiança manifestar-se na cara do outro jesuita, accrescentou: — Não se impaciente vossa paternidade. Eu sei o que a carta contém; porque recebi uma cópia d'ella, que me mandou o confessor d'el-rei de França. Luiz XIV promette a sua protecção á rainha e ao infante; e põe á disposição do nosso partido uma esquadra forte, que, em poucos dias, chegará ao Tejo.

— Boas novas, excellentes novas! — exclamou de Villes, apertando cordialmente a mão do seu compa-
nheiro. — Vamos então ao milagre agora.

— Eu, como sei que o pobre Francisco d'Albuquerque está innocente, consenti que elle entrasse para a companhia. Tem tido uma vida de tribulações, achase desgostoso do mundo, podemos estar certos que ha de ser um excellente soldado nas nossas missões perigosas do sertão. E nós bem precisamos de homens de fé viva, de abnegação, capazes de soffrer o martyrio sem descontinuem as orações a Deus, e os conselhos aos peccadores e aos gentios. É com homens d'estes que se ganham almas para Deus, e se augmenta o credito da sociedade de Jesus.

— Muito bem, padre Fernandes — acudiu o francez com alguma impaciencia. — Mas o milagre?

— Oh! O milagre... Eu tinha tenção de o arrancar á justiça, facilitando-lhe a evasão do Limoeiro: mas Deus, que vê melhor do que nós fracos mortaes, decidiu que as coisas se passassem de outro modo. A propósito; vossa paternidade sabe que o povo vai hoje ao Terreiro do Paço dar vivas a suas magestades e ao senhor infante, e que ao mesmo tempo aproveitará a occasião para pedir que se convoquem as côrtes?

— Não sei. Mas o milagre?

— Se se fizerem côrtes está tudo acabado, e sem violencias — disse o padre Fernandes. — As côrtes acclamam principe o senhor D. Pedro, entregam-lhe a regencia, e o resto faz-se por si.

— Tem-me excitado a curiosidade, padre Fernandes, com o milagre que ha de salvar o nosso irmão Francisco d'Albuquerque; e não m'o quer dizer.

— Não, padre de Villes; não quero fazer um segredo dos beneficios que Deus faz á companhia. Quando o infeliz, condemnado por um crime que não commetteu, chegar ao Terreiro do Paço, ás nove horas, para ser suppliciado, estará a praça cheia do povo que vai para ver entrar sua alteza no paço, e para pedir côrtes, então...

N'este momento um servente entrou na sala da livraria, e depois de se curvar humildemente diante dos seus superiores, disse ao padre Fernandes:

— Está alli o capitão Aniceto Muleta, que diz ter precisão de fallar a vossa paternidade sem demora, para negocio de grande interesse.

— D'elle talvez — concluiu o confessor do infante.
— Diga-lhe que vou já.

E despedindo-se do seu companheiro, o padre Fernandes seguiu o servente ao locutorio, onde o estava esperando o chefe das almas do purgatorio.

O senhor Aniceto vinha participar ao jesuita o resultado do seu nocturno passeio sobrenatural pelas ruas da cidade, e pedir-lhe conselho sobre a exigencia de frei Thomaz do Espirito Santo. O jesuita, depois de o escutar com muita attenção, e de meditar um tanto, disse ao miliciano:

— Vá vossa mercê, em sendo quasi nove horas, levar a frei Thomaz o perdão d'el-rei. Eu sei para quem é o perdão, senhor Aniceto; e quero que vossa mercê faça o que acabo de lhe dizer.

— Não manda mais nada vossa paternidade? — perguntou o industrioso Aniceto.

— Nada mais, senão que pense nos seus peccados, e trate de se arrepender d'elles em quanto é tempo.

— Eu entrego a minha alma nas mãos de vossa paternidade — disse o capitão com um ar beato e compungido. — Diga-me, senhor padre Fernandes, a procissão das almas sáe hoje á noite tambem?

— Sáe — respondeu o padre seccamente, e ordenando com um gesto a Aniceto Muleta que se fosse.

Sua paternidade dispunha-se a voltar para a livraria, onde deixára o confessor da rainha, quando o porteiro de Santo Antão lhe veio dizer que duas mulheres, cobertas de biocos negros, o procuravam.

A Calcanhares e Thereza vinham, não conduzidas pela esperança, mas como arrastadas pelo desejo de lutar ainda contra a fatalidade que reputavam inexorável, e de dar assim mais um momento de allivio ás suas almas opprimidas pelo terror, vinham pedir ao padre Fernandes que salvasse das mãos do carrasco o desditoso Francisco d'Albuquerque.

— É de joelhos, padre Manuel Fernandes — disse por fim Margarida, prostrando-se no chão — é de joelhos que lhe peço a vida d'este desgraçado. Salve-o, salve-o, que está innocente. As suas mãos estão puras de sangue.

— Levante-se, Margarida. Só diante de Deus é que se pede de joelhos — acudiu o jesuita com bondade, e fazendo esforços para a tirar d'aquella posição humilde.

— Pois é a Deus que eu peço, com a alma rasgada pela dôr, a vida de Francisco. Eu só desejo que vossa paternidade junte as suas ás minhas orações; e que peça á rainha que perdôe, um crime não, porque o crime se não commetteu... que salve de uma morte ignominiosa um pobre innocente.

— Farei o que me pede, Margarida.

— Eu tambem uno as minhas supplicas ás de Margarida — interrompeu Thereza. — Sei que Francisco d'Albuquerque, que meu irmão não commetteu o crime de que o accusam... e vossa paternidade sabe-o tambem, porque, por recommendação sua, entrou Francisco na companhia.

O padre teve um sobresalto quando ouviu esta justa observação da bella provinciana; mas, sem dar na voz indício algum de perturbação, respondeu logo.

— Sei que está innocente, e a não ser assim, de certo Francisco não seria admittido a fazer votos na sociedade de Jesus. Quiz-lhe dar, na ultima hora, a consolação de morrer no gremio dos filhos de Santo Ignacio.

— Morrer! Pois elle ha de morrer estando innocente? — exclamou a Calcanhares com um grito de dôr. — A companhia, que é tão poderosa, que tem tanto dominio nas consciencias, não ha de agora livrar do supplicio um irmão seu, que é innocente; não ha de alcançar da rainha o perdão, que é a justiça n'este caso?

— A vontade do Senhor é que se ha de fazer. A vida dos filhos de Santo Ignacio pertence á religião. É Deus quem deve julgar e decidir se a morte é um bem para elles, se o martyrio deve ser considerado como um triumpho.

— Mas agora, que póde ganhar a religião...

— Não se metta, filha, a julgar aquillo que é superior á sua razão — disse o padre com tom severo. — Pense antes na sua alma, que está em perigo; porque n'essas suas supplicas pela vida do irmão Albuquerque ha muita mundanidade, e muito pouca humildade, muita falta de resignação.

Era tão grande a authoridade que a palavra do jesuita tinha sobre a devota Margarida, que estas admoes-

tações lhe acordaram n'aquelle momento todos os escrúpulos de que o seu espirito padecia, e que a angustia lhe fizera esquecer. Teve pejo de se ver alli de joelhos aos pés do seu confessor, não a pedir a absolvição de peccados que lhe pareciam tremendos, mas a pedir a vida de um amante. Este sentimento, porém, depressa passou; porque a dôr que lhe dilacerava o coração era por extremo viva para que pudesse ser esquecida, e porque a pureza da consciencia e o sentimento da propria dignidade lhe disseram, que eram mal cabidas e injustas as severidades do padre jesuita.

— Nossa Senhora sabe, padre Manuel Fernandes, se é um pensamento peccaminoso que me trouxe agora aqui! — exclamou a Calcanhares no fim d'um minuto de silencio. — Não é, não. Desejo salvar a vida de Francisco d'Albuquerque, porque lhe quero como a um irmão muito amado. O amor passou. Agora a minha vida é toda para a oração, para servir a Deos; mas um sentimento como este meu não pôde Deus condemnar-o. Ai! N'este momento — é o ceo que assim o quer, para me dar lenitivo a esta grande dôr! — n'este momento sinto-me purificada de todo o peccado, sinto-me digna de entrar no numero das servas do Senhor.

— Que está dizendo, Margarida? — acudiu o padre Fernandes — Isso é orgulho, orgulho e peccado. Quem se pôde julgar digno de servir a Deus? Que sentimento humano existe a que o peccado se não misture, em que se não esconda o crime?

— Mas o arrependimento lava os erros do passado,

e a pureza da consciencia justifica as acções do presente.

— É verdade. Para apreciar porém a pureza da consciencia é preciso saber procurar n'ella.

— Diga-me vossa paternidade se ha ou não esperanza de salvar a vida de Francisco d'Albuquerque — interrompeu Thereza. — Se vossa paternidade não quer pedir por elle á rainha, iremos nós lançarmos-nos aos seus pés; e se não obtivermos nada, ficar-nos-ha ao menos a consolação de haver feito quanto nos era possível para o salvar.

— É tarde já para ir fallar á rainha — respondeu o jesuita. — D'aqui a poucas horas ha de Francisco d'Albuquerque sahir do Limoeiro, e n'este intervallo vai sua alteza ao paço e reúne-se o conselho de estado: de modo que só poderiam fallar a sua magestade, quando já não fosse tempo; quando... tudo estivesse acabado.

— Faremos diligencia para entrar no paço antes de sua alteza chegar...

— Inutil, é tudo isso inutil. Tenham confiança na protecção, na misericordia divina. Deus — proseguiu o padre com firmeza — Deus não abandona os innocentes. Haverá um milagre, espero-o assim, far-se-ha até um milagre para que este infeliz não padeça um castigo que não merece... Se os meios humanos não bastarem para impedirem uma tal catastrophe.

— Então, padre Fernandes, sempre vai fallar á rainha; pedir-lhe que se amerceie d'elle, de todos nós? — disse Margarida.

— Lembre-se que prometteu salvá-lo, se elle proferisse os primeiros votos na sociedade de Jesus — accrescentou Thereza.

— Lembro-me de tudo, e hei de fazer tudo que a minha consciencia me dictar — acudiu o jesuita. — Não são as promessas que me obrigam; senão o desejo de salvar da ignominia um irmão innocente. Vão, vão ambas pedir, humildes e com sincera fé, ao Senhor, que tudo manda e tudo póde, que se compadeça do infeliz Albuquerque. O remedio só do ceo póde vir: e é ao ceo que devem elevar as suas supplicas. A egreja já está aberta; vão para lá esperar que Deus decida, se quer fazer de Francisco d'Albuquerque um martyr, ou um missionario que vá prégar a fé aos gentios da America.

E dando conselhos, fazendo admoestações, consolando e castigando as rebeldias do coração das duas afflictas mulheres, foi-as o padre Manuel Fernandes levando para a egreja do collegio de Santo Antão, onde as deixou entregues á dôr, á duvida, á esperanza, ao terror, e á oração.

Quando se viu só, o jesuita esfregou as mãos, tomou uma larga respiração, e disse entre dentes:

— Agora vamos annunciar ao padre de Villes o milagre que ha de hoje acontecer no terreiro do Paço.

CAPITULO LVII.

FAZ-SE O MILAGRE.

- Viva o senhor infante D. Pedro!
- Viva!
- Viva o nosso principe!
- Vivam as côrtes que se bão de fazer!
- Queremos as côrtes!
- Viva a rainha!

Estes vivas confusos, repetidos, multiplicados por milhares de vozes, enchiam o ar de mugidos, de bramidos discordes, que, levantando-se do Terreiro do Paço, iam excitar esperança ou susto nos corações dos que dentro do palacio real os estavam escutando.

— Viste como sua alteza ia bonito no seu cavallo negro? — dizia uma mulher nova a outra que tinha ao lado.

— Ia bonito! É um rapaz como se quer! — respondeu a outra.

— Viva! — gritavam ambas, acompanhando os clamores do povo.

— Que differença entre elle e el-rei? Heim!

— A rainha tem razão. Eu se fosse a ella já ha muito não vivia com o marido.

— Ora ahi está o que se chama fallar bem, senhora Joaquina! — interrompeu o rotundo frei Antonio da Redempção, que escutara esta conversação. A voz do frade estava rouca — porque frei Antonio não era dos que menos tinham gritado n'aquella memoravel manhan em que, depois de sahir da côrte o conde valído, o infante foi pela primeira vez recebido por seu irmão — mas soube dar-lhe tal doçura, que a senhora Joaquina voltou para elle uma cara em que o riso punha a descoberto duas ordens de dentes brancos como perolas. — Eu bem sabia que a linda taverneira da taverna do Salpicão não podia pensar d'outro modo.

— Ora conte-nos, senhor frei Antonio, o que se diz da ida de sua alteza ao paço? — perguntou a senhora Joaquina.

— O que se diz? Diz-se que el-rei o recebeu por ter medo cá do povo; e que nem lhe quer dar uma palavra, nem quer que o senhor infante lhe falle.

— Mau homem, mau homem é el-rei! — acudiu a companheira da Maritorna do Salpicão.

— Lá isso é que não tem duvida que elle é. Mas

as côrtes hão de pôr cobro a tanta maldade. Queremos côrtes! — gritou o frade com a voz já quasi extincta.

— Queremos côrtes! — repetiram os que estavam em roda d'elle, e que sós o podiam ouvir.

Mas o grito assim transportado, como por ondulações successivas, encheu n'um instante a praça inteira.

O povo estava apinhado debaixo das janellas do paço; e, apesar dos terços de infantaria que ainda se conservavam na praça, soltava a cada instante os seus gritos sediciosos, lançava injurias contra os nobres que seguiam o partido de Affonso VI, e até contra o proprio rei, e tinha mesmo por duas vezes levado a ousadia a ponto de entrar nos páteos, e de invadir as escadadas do palacio regio; sendo preciso para o obrigar a retirar-se o emprego de violencias. Havia, porém, no Terreiro um espaço cuidadosamente guardado por uma linha de soldados, onde o povo não tinha penetrado. N'esse espaço levantava-se uma singela e lugubre forca, de que pendia, esperando pela victima, a corda, que o vento sacudia a cada instante. Era n'aquella forca que devia ser suppliciado o arreeiro atrevido que ousara assassinar um criado da rainha; e o povo, que estava alli para salvar o reino e a rainha das tyrannias d'el-rei, respeitava o lugar onde se ia executar uma sentença, que fôra dada para satisfazer os desejos da offendida princeza. Era d'este modo que Antonio de Belem e a casa dos vinte e quatro ensinavam a pensar os officaes dos differentes misteres, e consequentemente o povo de Lisboa.

A entrada de D. Pedro no paço foi uma entrada triumphal. Acompanhado pelos fidalgos, que o tractavam como se elle fosse já o rei de Portugal, cercado do povo, que o victoriava como se elle tivesse salvado a patria no campo de batalha, sua alteza penetrou no palacio de seu irmão, não como vassallo, mas como senhor; e os seus proprios inimigos pensaram, com terror, que já nada podia impedir, talvez, que elle usurpasse a seu irmão o throno que D. João IV conquistara com as armas aos hespanhoes. Depois que sua alteza desapareceu da vista do povo, este não cessou de dar *vivas*, e de soltar clamores; até que o som lento e triste de uma campainha veio chamar-lhe para outro objecto as atenções.

O som, lamentoso como um grito de angustia, vinha da banda das Fangas, e pouco a pouco approximava-se do Terreiro do Paço. Parte do povo, movido por uma curiosidade cruel, correu ao encontro do funebre prestito que aquella agourenta campainha precedia. Os officiaes da justiça em nome da barbara e despiedosa lei, a irmandade da misericordia em nome da caridade christan, conduziam o desditoso Francisco d'Albuquerque á forca. O confessor do condemnado, que o acompanhava n'aquelle fatal momento, prodigalizando-lhe as consolações da religião, e approximando-lhe a cada instante dos labios um crucifixo que trazia na mão, era o jesuita Manuel Fernandes. Via-se no gesto e na expressão do rosto do padre que as suas palavras deviam ser repassadas de unção. Francisco d'Albuquerque,

com os olhos fitos no ceo, o passo firme e seguro, sem mostrar nem terror, porque tinha pura a consciencia e se sentia innocente, nem orgulhosa e estulta coragem, porque sabia o valor d'aquelles minutos de vida que lhe restavam, escutava attento o padre Fernandes.

Quando entraram, porém, no Terreiro do Paço, o confessor e o penitente esqueceram um instante a oração para pensarem nas coisas mundanas; porque um e outro percorreram com olhos em que tansluzia a avidez da curiosidade, a immensa praça. O jesuita, depois de estudar, por assim dizer, n'um relancear da vista a physionomia do povo, e de reconhecer que n'aquellas ondas de homens rugia já vagamente uma tremenda tempestade, voltou os olhos para o Tejo, como se buscasse no rio alguma coisa que vivamente o interessava. E, se buscava alguma coisa, encontrou-a de certo, porque um clarão de alegria lhe illuminou instantaneamente o rosto. A alegria passou comtudo rapida como o relampago; a fronte do padre carregou-se outra vez de severa tristeza, e as orações, os conselhos ao penitente, um momento interrompidos, continuaram no mesmo tom devoto e compungido com que haviam sido feitos, sem interrupção, desde o Limoeiro até ao Terreiro do Paço. Francisco d'Albuquerque, esse não procurou conhecer se o povo estava ou não disposto a revolucionar-se, nem tão pouco se algum barco mysterioso vogava pelo Tejo. Os seus olhos buscavam uns olhos compassivos; o seu coração buscava um coração que sentisse com elle as mágoas

que o ralavam. Era o amor que se accendia pela ultima vez n'aquella alma já sem vigor, e que acordava n'ella a mais acerba das saudades; a saudade que tem por futuro uma ausencia que dura por toda a eternidade. Os olhos do angustiado Albuquerque não encontraram senão o odio, a colera, ou a indifferença em toda a gente em que se fitaram. O que elles queriam achar não estava alli. Só, no meio da multidão que o julgava criminoso e esperava quasi com impaciencia o momento de o ver subir a uma forca, onde havia o misero achar allivio á sua immensa dôr? No ceo. E foi com o espirito elevado a Deus, e absorvido nos fervores da oração, que Francisco d'Albuquerque seguiu, quasi automaticamente, a fatal procissão até ao pé da forca.

O povo correu todo para ver passar o terrivel prestito; e cercou, apinhando-se, o espaço onde estava levantado o poste fatal, que era difficilmente guardado pelos esforços e ameaças dos soldados armados de piques e de mosquetes. No seu desejo de ver aquelle espectáculo repugnante e atroz, que a justiça, em nome da moral e para provar a sua solitudine em purificar os costumes publicos, lhe estava preparando, a multidão esqueceu o seu amor ao infante, o seu odio ao valído, e a sua esperanza de salvar a patria, alcançando d'elrei a promessa de convocar a côrtes os tres estados do reino. Aos gritos, aos vivas, aos clamores succedeu por alguns minutos aquelle sussurro sem palavras, ora crescente, ora decrescente como o bramido do mar ba-

tendo ao longe n'uma longa praia de areia, aquelle sus-surro temeroso, que é o silencio das multidões.

O padre Manuel Fernandes, vendo o povo abandonar o paço e voltar as suas attensões para a forca, cujas escadas o carrasco ia lentamente subindo, distrahiu-se de novo; esqueceu outra vez a oração, e olhou, agora mais ancioso do que ao entrar no Terreiro do Paço, para o Tejo, onde uma falua, vogando com as velas todas ao vento e impellida pela força combinada de quatro remos, se vinha approximando com velocidade ao caes. A rapidez com que a falua caminhava não pareceu satisfazel-o; porque duas rugas profundas lhe sulcaram a testa, dando-lhe á physionomia uma expressão de anciedade e de colera. O jesuita, encontrando então entre a multidão o capitão Aniceto Muleta, que tambem se approximara para ver de perto representar a scena, que elle proprio estivera já a ponto de representar em Fronteira do Alemtejo, fez-lhe um signal quasi imperceptivel, mas tão imperioso, que o senhor Aniceto recuou assustado.

Quando o fizeram parar ao pé do fatal poste, Francisco d'Albuquerque teve um sobresalto, como se um pesadêlo doloroso o houvera acordado subitamente. Os seus desvairados olhos fixaram-se um instante, com horror, no braço descarnado como o de um espectro, que lhe balançava sobre a cabeça a corda, instrumento do seu supplicio, já disposta pelo algoz n'uma laçada ameaçadora; mas depois, dirigidos por um poder mais forte do que o proprio susto da morte, buscaram outra

vez no meio do povo, em vão, os dois entes amados, que o pobre Francisco não podia crer o houvessem abandonado n'aquella hora suprema.

— Não vieram! — exclamou elle baixo ao ouvido do padre Fernandes. E na sua voz tremula havia mais dôr do que no ultimo gemido de um moribundo.

— Hão de vir, irmão — respondeu o jesuita, tambem em voz baixa.

— Tarde. D'aqui a um instante... — Francisco d'Albuquerque completou o seu pensamento olhando para o carrasco, que se vinha approximando d'elle.

— Deus terá misericordia da innocencia — disse o padre. — Ajoelhai, irmão — proseguiu em voz alta — e recebei a ultima benção, que vos quero lançar em nome do Senhor, que conhece a vossa innocencia.

Quando Francisco, de joelhos já, esperava humildemente, e com as faces molhadas de pranto, a benção do jesuita, dois homens, correndo, atravessaram o Terreiro do Paço, a gritar:

— Mataram o senhor infante! Os traidores mataram o nosso principe!

Se subitamente cahisse um raio no meio d'aquelle povo amontoado, não teria de certo causado maior desordem do que produziu o grito pavoroso de Aniceto Muleta e de Diogo Cutilada, o velho sebastianista, que sempre andara ao serviço do capitão Francisco d'Albuquerque, e que, n'esta occasião funesta, se pozera ás ordens do astucioso miliciano, na esperanza de salvar seu amo. O povo, com rugidos de colera e gemidos de

angustia, precipitou-se sobre o palacio real, e, a não ser a rapidez com que fecharam as portas os soldados que as guardavam, o paço teria sido invadido pela multidão.

— Queremos ver o senhor infante.

— Matemos os traidores!

— Demos cabo de tudo!

— Fogo ao palacio!

— Arrombem as portas!

Estes e outros clamores eram acompanhados de pragas, imprecações, e insultos a todos os partidarios d'el-rei. Em quanto a maior parte do povo dava largas á sua colera, soltando estas vozes de furor, outra mais activa, e de um espirito mais práctico e positivo, lançava contra as portas pedras, ou mettia-lhes os hombros para as arrombar. As portas começavam a estalar, a gemer e a dar signaes de que não fariam longa resistencia aos esforços da plebe, quando uma das janellas mais baixas do paço se abriu, e a ella appareceu um dos corregedores da côrte.

— Calem-se lá! Silencio! — gritaram os do povo, que viram assomar á janella o representante da justiça.

— Não descancem sem deitar dentro a porta.

— Não dêem ouvidos ao béca! — clamaram outros.

O corregedor repetiu por muitas vezes, com toda a força dos seus robustos pulmões « Em nome d'el-rei... » antes de achar quem lhe dêsse attenção. Mas por fim sempre alcançou que os homens de prudencia,

em grande maioria n'aquella reunião popular como em quasi todas, lhe prestassem attenção.

— Em nome d'el-rei — principiou elle pela centesima vez — ordeno a todos os que presentes estão, que se afastem para longe das portas do paço...

— Abaixo o corregedor. Fóra o béca. Matem o traidor! — rugiu uma parte da plebe em tumulto: e uma pedra, lançada por mão temeraria, foi quebrar um vidro mesmo ao lado do corregedor. O juiz fez-se branco como a cambraia da sua ballona, mas proseguiu logo que o tumulto diminuiu outra vez algum tanto:

— El-rei, para socegar a inquietação do povo, que traidores tem desassocegado com intrigas e calumnias, dignar-se-ha apparecer á janella do palacio na companhia da rainha, e de seu augusto irmão o senhor D. Pedro.

— Viva el-rei! — clamou todo o povo.

— Viva o senhor infante!

— Viva a rainha!

— Viva o corregedor! — bradaram tambem muitos. O corregedor, que começara a sua oração entre insultos, vituperios e ameaças, acabou-a entre applausos e vivas; o que elle não deveu de certo, como o leitor póde julgar, á sua facundia.

Este tumulto tinha tido um effeito util para os projectos do padre Manuel Fernandes, o demorar a execução de Francisco d'Albuquerque; de modo que, quando o corregedor terminou o seu discurso pacificador, ainda o jesuita e o seu penitente fallavam em voz baixa,

não da morte que parecia estar já tão proxima, mas das esperanças que, dizia o padre, Francisco d'Albuquerque não devia perder de prestar ainda grandes serviços á religião e á milicia de Jesus, em que a providencia, sempre benigna com os que n'ella poem a sua confiança, o fizera assentar praça. A interrupção das hostilidades, que se haviam declarado entre a plebe e o paço, não pareceu assustar o confessor do infante. Os seus olhos vivos, e de um notavel brilho, voltaram-se socegados para o Tejo; e, como visse chegar á praia uma falua, a mesma para que elle tantas vezes olhara já com anciedade, trazendo de pé na prôa um homem vestido em trajes singelos, mas elegantes, a expressão do prazer lhe animou a fronte severa. Um clarão de alegria se espalhou pelas feições de Francisco d'Albuquerque tambem n'aquelle instante; mas de uma alegria mais nobre, mais pura que a do jesuita. Era a alegria do infeliz ao ver, na hora extrema, cumprido o seu ultimo desejo; do desditoso que vê fundir-se todo o horror da morte ao calor benefico de uma grande ternura, de um amor sublime.

Com os braços enlaçados, os mantos cahidos para os hombros, os bellos cabellos soltos ao vento, Margarida e Thereza, acompanhadas por frei Thomaz do Espirito Santo, atravessavam a passos rapidos o Terreiro, encaminhando-se para o logar onde estava a forca. As duas mulheres pareciam vir cercadas de uma aureola de luz celeste. A esperança, a confiança no ceo que as escolhera para instrumentos de um espantoso mila-

gre, um vivo sentimento de expansiva alegria, a que se misturava ainda a vaga tristeza, essa como sombra de terror que as grandes mágoas deixam por muito tempo no espirito, mesmo depois de passarem, davam-lhes a ambas uma tal grandeza, e sobretudo uma tal belleza, que todos os do povo que as viam, se afastavam respeitosa-mente para as deixar passar.

Novos gritos de enthusiasmo se levantaram da plebe, quando, n'este momento, uma das grandes janellas do paço se abriu de par em par, e n'ella appareceram Affonso VI, a rainha D. Maria Francisca Isabel de Sabyoya, e o infante D. Pedro.

— Viva a familia real! Viva o infante! Viva a rainha! — bradou o povo.

— Não mataram o nosso infante! Viva! — gritaram uns.

— El-rei apertou a mão a sua alteza! Viva! — repetiam outros.

— A rainha é o anjo da paz, que está entre ambos! Viva! — diziam em altos gritos outros.

— El-rei não faz cara alegre a tudo isto — dizia á senhora Joaquina o nosso frei Antonio da Redempção.

— Que ha de elle fazer? A rainha tem mais inclinação para o lado esquerdo.

— É verdade — acudiu um visinho. — Olhem como ella se chega para o infante!

— Aquillo tambem é mal feito — interrompeu outro visinho; homem severo e, ao que parece, amigo da moralidade. — É dar maus exemplos ao povo.

— Cada um chega-se para aquillo de que gosta — disse a senhora Joaquina do Salpicão, chegando-se para frei Antonio.

— Tem razão a senhora Joaquina — confirmou este, dando uma cotovelada na gorda taverneira.

Durante este tempo os vivas do povo não haviam cessado. Quando, porém, todos os animos pareciam voltados já para a alegria, eis que nova desordem se levanta na multidão, e a agita de uma á outra extremidade da praça. A colera, a furia do povo cresceu tanto mais depressa, e subiu tanto mais de ponto, quanto a maior parte dos que se entregavam aos paroxismos da raiva não sabiam bem o motivo por que o faziam. E na verdade aquelle novo furor popular era de tal modo injusto, que só a ignorancia e a bruteza de gente rude o podiam explicar, mas nunca desculpar.

Francisco d'Albuquerque, cingido pelos braços de Thereza e da Calcanhares, estava de joelhos a agradecer a Deus a vida que por aquelles dois anjos lhe mandara. O perdão d'el-rei, que frei Thomaz alcançara do capitão Aniceto, tinha-o o padre Manuel Fernandes na mão, e lia-o com pausada gravidade aos officiaes de justiça que estavam encarregados de fazer executar a sentença de morte pronunciada pelos tribunaes contra o assassino de Estevão de Castilho. N'esta occasião alguns homens do povo, que, desejosos de saborear as agonias de um paciente, e querendo aproveitar-se do espectaculo gratuito que a justiça humana lhe offerecia para seu ensino, se não haviam arredado um passo de

ao pé da forca, vendo mallogradas as suas esperanças, e tendo reconhecido n'uma das duas mulheres, que haviam trazido o perdão real ao condemnado, a odiada amante de Affonso VI, principiaram a bradar :

— Traição! Mata a Calcanhares! É uma injuria á rainha! É uma desfeita ao povo! Fóra a infame! É um escandalo! É uma vergonha para o povo!

E estes gritos foram n'um apice repetidos pela multidão, a qual se precipitou logo sobre os soldados que guardavam a forca. Estes, vendo-se tão violentamente atacados, prepararam-se para a defeza; e foi o seu aspecto severo e ameaçador quem salvou a vida do condemnado, e de quantos estavam em roda d'elle. Os mais furiosos, porém, d'entre os do povo, não ousando, por medo, atacar a tropa que guardava Francisco d'Albuquerque, começaram a arremessar pedras contra este e contra a Calcanhares; e de certo teriam feito alguma victima, se o confessor do infante não viesse em seu soccorro. De pé, cobrindo com o seu vulto magestoso Francisco e as duas mulheres, que se conservavam abraçados e de joelhos esperando resignados a morte; levantando na mão direita um crucifixo, e estendendo o braço esquerdo com imperio, o padre Manuel Fernandes disse, com aquella voz sonora e forte com que tantas vezes, prégando, fizera estremecer de pavor quantos o escutavam :

— Parai, homens loucos! — E estas palavras, por duas vezes repetidas, impozeram silencio aos que estavam ao alcance da sua voz. O jesuita proseguiu: —

Parai, se não quereis perder-vos pela colera. Offender um desgraçado, que Deus acaba de salvar por milagre, é offender o proprio Deus. Não levanteis a mão contra os que o Senhor quiz livrar da morte! Escutai as palavras de Jesus Christo, e tremei, como tremeram os que da sua divina boca as ouviram: « Aquelle de vós que não estiver em peccado seja o que lhe arremesse a primeira pedra. »

Os sentimentos, as paixões correm sempre a multidão como se foram correntes electricas; e é por isso que nas revoluções o povo passa quasi instantaneamente da colera á clemencia, da raiva á mansidão, do entusiasmo ao terror. Não admira pois que aquella plebe rude, em quem a religião tinha felizmente ainda um immenso poder, não ousasse resistir á voz imperiosa do jesuita que fallava em nome de Deus, e ficassem cabisbaixos, humildes e envergonhados dos seus proprios excessos.

Mas não estavam ainda esconjurados todos os perigos que ameaçavam a vida de Francisco d'Albuquerque. Affonso VI e a rainha haviam assistido áquelle tumulto popular, e, mal lhe souberam a causa, ficaram ambos perdidos de colera. Ella, porque julgava que elle, perdoando ao assassino de Estevão de Castilho, quizera fazer-lhe uma offensa, e humilhar o seu orgulho de rainha; elle, porque, não se lembrando de haver assignado perdão algum, e vendo de mais a mais a Calcanhares abraçada com o condemnado ao pé da for-

ca, diante do povo de Lisboa, deixou os seus instinctos de ferocidade sobrepujarem a sua debil razão.

— Vossa magestade perdoou, sem m'o dizer, ao assassino d'um criado da minha casa? — exclamou a rainha com indignação.

— É falso. Não perdoei. É uma traição. Quero que elle morra — balbuciou Afonso VI, espumando de colera.

— Quiz-me vossa magestade fazer ainda esta afronta... Talvez o seu privado, o conde...

— Enforcuem-o! — rugiu o rei. — E a ella tambem, áquella mulher tambem.

— Ella? — perguntou a rainha. — Quem é?

— A Calcanhares — respondeu elle. — A traidora Calcanhares.

D. Maria Francisca não amava seu marido, antes pelo contrario o detestava; porém, como mulher orgulhosa que era, tinha um odio mortal a Margarida, a quem attribuia grande parte das suas desgraças. Voltando-se pois para o Marquez de Marialva que estava atraz d'ella:

— Vá, marquez — disse — vá dizer que cumpram as ordens d'el-rei. Sua magestade não perdoou.

O marquez correu logo ao Terreiro do Paço para obedecer ás determinações de suas magestades; e, já elle havia acabado de intimar aos officiaes de justiça a fatal ordem, dizendo que — « el-rei e a rainha queriam que o criminoso fosse enforcado, e lhe não perdoavam » — quando um novo personagem, que rompera a

custo por entre o povo, impôz com um gesto silencio a quantos o viram ; e, subindo dois degraus da escada da forca, com o mesmo orgulho com que outros subiriam os degraus de um throno, pronunciou em voz muito alta e intelligivel as seguintes palavras :

— Aqui ninguem precisa de perdão senão eu. Fui eu que matei, em duello leal, Estevão de Castilho. Tinha offendido a honra da rainha, minha senhora, matei-o. Esse que querieis ver expirar n'esta forca, está innocente. Não é, como julgaveis, um assassino infame, é o capitão...

— É o padre Francisco d'Albuquerque, da companhia de Jesus — interrompeu o padre Manuel Fernandes.

— Luiz de Mendonça! — exclamou suffocado em pranto Francisco d'Albuquerque, recebendo nos braços o seu amigo, que acabava de o salvar.

— Luiz de Mendonça! — murmurou Thereza, cahindo desmaiada nos braços da Calcanhares.

— Milagre! — bradou o povo.

— Deus protege o senhor infante!

— A Providencia quiz mostrar aos maus o seu poder!

— De hoje começa o triumpho dos bons!

— O ceo bem claro falla.

— Quer que estes reinos sejam governados por um santo.

— É um milagre de sua alteza.

— Viva o infante!

Todo o povo, que momentos antes esbravejava n'um cego furor, agora com fervor religioso desbarretava-se, e curvava respeitoso a cabeça para receber a benção do padre Manuel Fernandes.

Em quanto isto se passava no Terreiro, o padre de Villes, que entrava no paço mesmo n'aquelle instante, chegou-se á rainha, que se afastara um pouco da janella, provavelmente para não assistir á execução da sua horrivel ordem, e disse-lhe em segredo:

— Chegou de França Luiz de Mendonça; e trouxe uma carta de el-rei Luiz XIV, que eu e o padre Manuel Fernandes teremos logo a honra de entregar a vossa magestade.

— Onde está Luiz de Mendonça?

O jesuita, que não perdera um instante de vista nenhum dos actores do curioso drama que se estava representando no Terreiro do Paço, respondeu á rainha, apontando para a escada da forca, a que elle n'aquelle momento subia.

— Alli está Luiz de Mendonça.

— Para que?

— Para salvar da morte um innocente que os tribunaes injustamente condemnaram.

— Quem lhe disse, padre de Villes, que aquelle homem não assassinou Estevão de Castilho?

— Eu vou responder a vossa magestade. — E então o jesuita repetiu á rainha a historia do duello nocturno entre Luiz de Mendonça e Estevão de Castilho, que o padre Fernandes lhe contara.

De sorte que, quando o marquez de Marialva veio narrar á familia real a scena de que fôra testemunha, e que el-rei e o infante haviam presenciado de longe, a rainha foi a primeira a dizer :

— A innocentes não se perdôa, faz-se justiça. Abençoado seja o novo jesuita, a quem Deus provou já com uma tão grande dôr !

— E o outro — perguntou D. Affonso VI — o que matou Estevão de Castilho ha de ficar sem castigo ?

— Matou-o em duello, e para defender a minha honra. Vossa magestade não ouviu ? Estevão está morto ; e agora, Ninon d'Amuraude que se console, e que busque outro noivo.

Francisco de Albuquerque foi até ao collegio de Santo Antão, acompanhado por grande multidão de povo que via n'elle um santo, por quem Deus acabava de fazer o mais maravilhoso de todos os milagres succedidos desde a acclamação de D. João IV em Lisboa. Os jesuitas receberam-o na egreja, com todas as honras que os homens religiosos devem fazer aos que Deus escolhe, para n'elles manifestar ao mundo a sua omnipotencia.

Margarida separou-se do que fôra seu amante, sem uma lagrima de dôr, sem saudades, sem angustia ; porque sentia em si a mais suave de todas as consolações que podem abrandar as magoas de uma alma terna, a religião ; porque no seu coração havia uma esperanza sublime, a de alcançar o ceo. Quando Francisco d'Albuquerque se encaminhou para Santo Antão, a fim de

tomar logar entre os seus irmãos da companhia de Jesus, Margarida, mettendo-se n'uma liteira que do paço lhe mandara a propria rainha, por conselho do seu confessor, acompanhada por Thereza e pelo padre Manuel Fernandes, foi tambem ao convento de Santa Joanna pedir um abrigo ás tormentas d'este mundo, onde pudesse gastar o resto da vida na oração e na penitencia.

CAPITULO LVIII.

CONCLUSÃO.

A casa da senhora Brizida, a tia devota e beata de Thereza, conservava aquelle character de severidade monacal, de inalteravel arranjo, de aceada simplicidade, que a distinguia já entre todas as do bairro d'Alfama, quando a orphan provinciana veio n'ella buscar um refugio. A presença, porém, de uma mulher nova, com a alma animada pela poesia suave da innocencia e da singeleza, havia feito ao cabo de alguns mezes sentir, mesmo no meio de todas as austeridades da beata, o seu gracioso influxo. As flores do Santo Antonio eram escolhidas com esmero, dispostas com arte, de modo que as côres se harmonisavam, e os perfumes, misturando-se, enchiam o ar de suaves emanações. Um rouxinol fechado n'uma gaiola, de que as folhas e as flores de plantas trepadeiras escondiam as grades

aos proprios olhos do feliz captivo, cantava ao cahir da tarde na janella que deitava para o estreito becco dos Açougues. Aquelle pallido e descarnado S. Francisco em extasi, que, nos primeiros dias que Thereza passou em casa de sua tia, tantas vezes a fizera estremecer de pavor, estava agora quasi todo escondido por uma cortina de seda côr de rosa. E mesmo o querido presepio da tia Brizida, á força de ornatos, de fitas, de flores, tinha tomado uma physionomia risonha e de festa; muito outra e diversa d'esse antigo aspecto triste e lugubre, que a beata considerava como uma maravilha, não sendo mais do que o resultado das imperfeições d'aquella monstruosa composição de um escultor privado de todas as noções do bello.

Não era só no seu modo de ser physico que a casa da tia Brizida se havia deixado influenciar pelo benefico poder de Thereza. O amavel imperio, que a graciosa menina conseguira exercer sobre a velha beata, havia tomado tal força por fim, que esta não via já senão pelos olhos de sua sobrinha, não pensava senão o que a *sua alegria* queria que ella pensasse. Todas as impertinencias acabaram; toda a rabugenta austeridade se trocou em condescendencia sem limites. Com tanto que Thereza a acompanhasse nas suas novenas, e a deixasse ir á Graça todas as manhans propôr ao seu confessor os escrúpulos da vespera, a tia Brizida estava por tudo quanto ella desejava; sem se queixar, e sem mesmo fazer reflexões ou dar conselhos.

— O que a minha alegria quer é sempre o melhor

— costumava a beata dizer. — Parece-me, quando lhe faço as vontades, que obedeço ás ordens do meu bem-aventurado Santo Antonio.

Póde-se pois imaginar qual seria a afflicção e o susto da pobre velha, quando uma tarde Luiz de Mendonça, que nunca deixara de frequentar assiduamente a sua casa, entrou, com ar serio e respeitoso, na sala onde ella estava dobando ao pé da janella, e lhe pediu a mão de sua sobrinha. A tia Brizida, ao ouvir tal pedido, sentiu-se cahir das nuvens: ficou sem saber o que fizesse, o que respondesse. Por fim voltou-se para Thereza, e n'uma voz muito tremula, perguntou-lhe:

— Que respondes a isto, minha alegria?

Thereza fez-se vermelha como um cravo, e balbuciou:

— Digo... digo que sim, minha tia.

— Pois queres deixar a tua tia velha? — E Brizida deitou-se nos braços de sua sobrinha a chorar e a soluçar.

Para socegar o animo da beata, e para a levar a consentir no que Luiz de Mendonça e Thereza lhe pediam, foi necessario que os dois namorados lhe fizessem solemnemente a promessa de jámais se separarem d'ella.

O leitor perguntar-nos-ha talvez agora, como Luiz de Mendonça poudo curar-se do seu extravagante amor pela rainha? Responder-lhe-hemos sinceramente, que nada sabemos ao certo sobre esse ponto interessante da nossa historia. Se, porém, o leitor se lembrar do

poder que o tempo tem sobre os amores; sobre os amores sem esperança, já se vê; se, recorrendo á historia, se informar ahi do procedimento nada innocente de D. Maria Francisca com seu marido, e das particularidades do seu segundo casamento com o proprio cunhado, muitos annos antes da morte de Affonso VI — casamento escandaloso este, em que se principiou a fallar pela cidade de Lisboa logo que a rainha, fingindo-se offendida por o secretario d'estado Sousa de Macedo não ter sido desterrado, e mostrando extraordinarios escrupulos de consciencia de que não julgamos dever dar aqui noticia, fugiu do paço para o convento da Esperança, e pediu ao cabido da sé a annullação do seu matrimonio — se, finalmente, nós lhe dissermos que Francisco d'Albuquerque, depois de encarecer as virtudes e perfeições de Thereza, recommendou ao seu amigo Luiz de Mendonça que a protegesse e a defendesse dos perigos do mundo, como se ella fôra uma irman sua, então o leitor poderá, como nós, suppôr que Luiz de Mendonça resolveu pedir em casamento a formosa Thereza, não talvez por se sentir totalmente curado dos seus infelizes amores, senão por desejar interpôr entre estes e o seu coração um novo affecto puro e consolador.

Na tarde do dia 2 de abril de 1668, isto é, sete mezes depois dos acontecimentos a que assistimos no anterior capitulo d'esta historia, na sala da tia Brizida estavam sentados em roda de uma mesa sobre a qual havia doces e fructas, a velha beata, os dois noivos,

frei Thomaz do Espirito Santo e D. Feliciana, freira de Odivellas, amiga da senhora Brizida, que sahira do convento para se tractar de um rheumatismo chronico, e que viera alli com o innocente fim do bisbilhotar com a beata. A merenda estava quasi no fim; e Josefa, a criada de Brizida, sentada no chão ao pé da janella, fiava, para não perder tempo, na sua roca, carregada de estopa.

D. Feliciana era uma freira perfeita. Falladora, curiosa, delambida, espivitada, maldizente, e conceituosa. Era ella pois quem, n'aquella tarde, fallava por todos em casa da tia Brizida.

— Vi-os em hoje — dizia a freira — vi-os entrar para o coche: a rainha, quero dizer, a princeza e o seu novo marido. Ia alegre, como se fosse a primeira vez, que lhe succedesse ser noiva. Agora já tem esperança de ser rainha com todos os sacramentos. Sem escrupulos, nem desasocegos. Porque não foi hoje á festa do casamento do principe, senhor Luiz de Mendonça?

— Estava doente. Tenho estado todo o dia bastante doente — respondeu Mendonça, córando um pouco e estremecendo.

— Sua alteza foi buscar a cunhada, quero dizer, a esposa — proseguiu D. Feliciana, rindo-se — foi buscar a esposa ao convento da Esperança e levou-a para Alcantara. Fez mal em querer tão de pressa tomar posse de todas as joias de seu irmão. Tirou-lhe a corôa ha dois dias, agora tira-lhe a mulher. Não quiz nem ao menos deixar-lhe as joias falsas.

— A rainha ia vestida com muita riqueza? — perguntou Thereza.

— Queria parecer uma perola, porque só perolas levava em cima de si. Coitado do pescador, que foi buscar aquella perola ao fundo do mar. Ha de arrepender-se cedo.

— Tu tens bem pouco amor á rainha, minha querida — disse a tia Brizida, interrompendo a sua amiga.

— Não lhe chames rainha, Brizida, porque D. Pedro ainda não é senão principe. E o desgraçado, que alli está preso no palacio real já não é seu marido.

— El-rei, quando ouvisse hoje os tiros no castello e no mar, não havia de ficar muito contente.

— El-rei — acudiu a freira — dizem, perguntou qual era a causa d'aquella alegria na cidade? Se seu irmão já estava rei? E, como lhe respondessem que se havia o principe casado com madama Maria, acudiu logo: « Não me queixo da affronta que me fazem, não; o que sinto é dó de meu pobre irmão, que se ha de arrepender de tal casamento, mais cedo do que julgam todos os que hoje assistem a estas festas. »

— São extraordinarias essas palavras de D. Affonso — acudiu Luiz de Mendonça.

— Elle sabe bem o que diz.

— Sss! — sibilou com duvida frei Thomaz.

— A desgraça tem-lhe dado juizo. Dizem agora que o principe vai mandar seu irmão degradado para Guiné, e que já se está preparando o navio que o ha de levar. Tem-o ha seis mezes preso no paço, tirou-lhe a

corôa e a mulher, e agora manda-o para Africa, ao pobre rei D. Affonso! Digam-me se é bom o principe que faz isto a seu proprio irmão?

— Razões d'estado... — acudiu Mendonça.

— Já o amor se acha elevado ás alturas de razão do estado! — exclamou D. Feliciano — É uma opinião honrosa para um noivo. Tambem seriam razões d'estado, as que fizeram com que n'este negocio do casamento de D. Pedro se andasse com tanta precipitação? Madama Maria não podia estar descasada mais de oito dias? Parece que ficou com saudades d'esse primeiro casamento, de que diz tanto mal. A sentença, que annullou o seu matrimonio com D. Affonso, foi dada no sabbado de ramos. Estamos na primeira oitava de paschoa, e já está com outro marido em Alcantara.

— Foi para satisfazer ao requerimento das côrtes, que lhe pediram se casasse em Portugal; para nos não levar para França o dote, que ainda se lhe não pagou — disse Thereza.

— O caso não era para tantas pressas, menina. Descasada pelos ramos, casada por procuração na quarta-feira de cinza, e já hoje a entrar princeza no mesmo palacio aonde ha pouco mais de um anno entrou rainha! E isto com o outro marido alli do Terreiro do Paço a ouvir estalar os foguetes da festa! É obedecer de mais ás razões d'estado!

— Jesus Senhor, minha querida, que murmuração! — atalhou a beata. — Agora estão casados. Era vontade de Deus que assim fosse.

— Casados sem dispensa do Papa.

— Mas com dispensa do cardeal de Vendome, legado de sua santidade — acudiu Mendonça.

— Dizem que o breve de dispensa tem a data de 13 de março. O cardeal consentiu no casamento de Madama Maria com o senhor D. Pedro, quando ella era ainda legitima mulher d'el-rei D. Affonso. Que legado este, e que breve!

— Onde irá o nosso Francisco d'Albuquerque a esta hora? — disse Thereza, para mudar de conversação; porque já estava cansada da maledicencia da freira.

— Vai por esse mar fóra — respondeu Luiz de Mendonça. — Vai, com outros missionarios, converter á fé de Christo, salvar do inferno os indios do Maranhão. O padre Antonio Vieira, que o conheceu e muitas vezes lhe fallou agora no collegio de Santo Antão, edificado da modestia, do ardor religioso, da humildade de Francisco, recommendou-o aos cuidados do superior dos jesuitas no Maranhão.

— Deus afaste d'elle esses martyrios, de que tantos padres tem sido victimas nas perigosas missões do sertão! — Acudiu Thereza.

— E da amante de Francisco d'Albuquerque — interrompeu D. Feliciano — da celebre Calcanhares, não se sabe nada?

— Estive ainda hontem em Santa Joanna — respondeu a tia Brizida, — e disse-me ella mesma, a boa e estimavel Margarida, que tenciona professar em setembro.

— Faz n'esse mez um anno, que Deus salvou milagrosamente a vida de Francisco d'Albuquerque — disse Thereza.

— El-rei não se tem lembrado da Calcanhares, depois que está preso? — perguntou a freira, com esgarneo.

— Lembrou-se para a dotar em tres mil cruzados, e lhe mandar pedir perdão das offensas que lhe fez — respondeu a beata com severidade.

— E estes nossos noivos tambem esperam por esse mez de setembro, pelo mez dos milagres, para casarem? — acudiu D. Feliciano no mesmo tom de zombaria.

— Estes noivos esperavam só que se acabasse a quaresma para casarem. Antes de um mez teremos festa n'esta casa.

Dizendo estas palavras a tia de Thereza levantou-se da mesa; acabando por este modo uma conversação, que serviu para a freira D. Feliciano dar expansão á sua maledicencia satisfazendo ao mesmo tempo a sua golosina, e para o leitor ficar informado da sorte dos principaes personagens d'esta nossa historia. Poremos nós tambem aqui fim a este livro; pedindo ao leitor benevolo, que teve a paciencia de nos acompanhar até á ultima pagina, nos não queira mal por lhe havermos feito perder algumas horas.

INDICE.

	Pag.
CAPITULO XXXIX — Apparição	5
CAP. XL. — O jogo das cannas	12
CAP. XLI. — Ao amanhecer	24
CAP. XLII. — A monteria	34
CAP. XLIII. — A trovoadá	49
CAP. XLIV. — Presentimentos	65
CAP. XLV. — O inquisidor geral	81
CAP. XLVI. — Um interrogatorio	97
CAP. XLVII. — Pax Christi !	111
CAP. XLVIII. — O duello	122
CAP. XLIX. — Rebenta a tempestade	138
CAP. L. — As duas rivaes	150
CAP. LI. — O Côrte-Real	166
CAP. LII. — A supplicante	181
CAP. LIII. — Visita ao encarcerado	194
CAP. LIV. — Um ministro na angustia.	206
CAP. LV. — Quem o salvará?	225
CAP. LVI. — Só um milagre o póde salvar	237
CAP. LVII. — Faz-se o milagre	256
CAP. LVIII. — Conclusão.	276

T 17.

4









